

A photograph of a religious ceremony in Cachoeira, Brazil. The image shows a large wooden cross in the center, with a person holding a banner or flag to the left. The scene is set outdoors, and the lighting suggests a bright day. The text is overlaid on the image.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

***DO AXÉ À ALELUIA: TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO
RELIGIOSO CACHOEIRANO (1980-2007)***

Lizandra Santana da Silva

Feira de Santana

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

***DO AXÉ À ALELUIA: TRANSFORMAÇÕES DO CAMPO
RELIGIOSO CACHOEIRANO (1980-2007)***

Lizandra Santana da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Elizete da Silva.

Orientadora: Dr.^a Elizete da Silva

Feira de Santana

2014

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Silva, Lizandra Santana da

S578a Do Axé à Aleluia: transformações do campo religioso cachoeirano
(1980-2007) / Lizandra Santana da Silva. – Feira de Santana, 2014.

162 f.

Orientadora: Elizete da Silva

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de
Santana, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.

1. Trânsito religioso. 2. Conversão. 3. Candomblé 4. Protestantes.
5. Irmandade da Boa Morte – Cachoeira – Ba. I. Silva, Elizete da,
orient. II.. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 262:981(814.2)

Termo de Aprovação

Data de avaliação: 28/07/2014

Banca Examinadora

Prof. Dr^a. Elizete da Silva
PGH/UEFS – Orientadora

Prof. Dr^a. Sueli Ribeiro Mota Souza
UNEB

Prof. Dr^o. Itamar Pereira de Aguiar
UESB

AGRADECIMENTOS

A minha amada mãe, Marinalva pelas orações dedicadas a mim nesta jornada em que passei por bons e maus momentos. Obrigada pelo apoio, incentivo e principalmente pelo seu amor.

Ao meu amado companheiro Eider que presenciou os momentos de angústia e até desespero. Obrigada pela preocupação e paciência. Agradeço pelas transcrições que realizou e por solucionar os problemas técnicos. Seu apoio foi imprescindível.

A minha querida orientadora, Elizete da Silva que para além do vínculo profissional tornou-se uma amiga. Não há palavras que possam expressar os meus agradecimentos por você. Exigente como todos sabem, mas também companheira e paciente. Sempre solícita nos momentos de angústia que passei.

A João Rocha pelas conversas agradáveis e comidas deliciosas. Pelo acolhimento em suas residências, bem como pela preocupação. Obrigada pelo carinho.

A minha pequena sobrinha Helloísa pela sua existência e por aliviar as minhas tensões.

Ao meu amigo Lucca, uma linda criança que alegrava os meus dias.

A docente Ana Maria Carvalho pela compreensão e carinho.

A docente Ione Souza por acompanhar minha trajetória e pelas contribuições no Exame de Qualificação.

Ao funcionário Julival pela ajuda em todos os momentos que precisei e pelas conversas descontraídas sobre direção veicular.

As funcionárias do Arquivo Público Municipal de Cachoeira pelas dúvidas esclarecidas e pela ajuda com os jornais.

A Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB) pelo apoio financeiro.

A Cláudia pelas conversas agradáveis e por simplesmente me ouvir quando precisava desabafar.

A Luciene, Diógenes e Lorena pela acolhida em sua casa todas as vezes que precisei. Obrigada também pelas conversas.

A Dona Rita pelo acolhimento quando mais precisei. Obrigada pela compreensão.

A Grazy por se dispor a me ouvir e incentivar em todos os momentos. Muito obrigada.

A Renata, Glênon, Rose, Yuji, Creuza, Cláudio, João, Tiago, Pedro, Isabel, Kely, Gil. Os novos amigos que me acolheram na cidade de Amargosa. Vocês facilitaram o processo de adaptação. Muito obrigada pelo carinho. Com a ajuda de vocês hoje me sinto em casa e em família.

A Charlene pela amizade e compreensão. Seu incentivo e motivação foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Obrigada pelas leituras acuradas e pelas transcrições que me ajudou a realizar. Muito obrigada.

A Adriana Santos, carinhosamente chamada de ufibinha, agradeço pelas inúmeras contribuições. Sempre disposta a ler meus textos mesmo quando ainda eram apenas rascunhos. Obrigada pela ajuda.

A minha avó Zenaide pelo carinho, preocupação e por me dar folhas de erva-cidreira para aliviar as minhas tensões.

A todos os meus queridos entrevistados que se dispuseram a contar suas histórias de vida. Sem vocês não teria realizado esta pesquisa. A todas e todos, minha eterna gratidão.

Por fim, agradeço a Deus que me amparou ao longo dessa prazerosa e árdua jornada.

RESUMO

Esta dissertação analisa a conversão e o trânsito religioso de adeptos do Candomblé e da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte para grupos pentecostais e neopentecostais, em Cachoeira-Ba, entre 1980 e 2007. Investigamos a predominância de mulheres nas conversões, analisando os principais motivos pelos quais elas decidiram buscar outra filiação religiosa, bem como as razões masculinas para a adesão a grupospentecostais e neopentecostais. Identificamos que as motivações femininas mais frequentes relacionaram-se as questões conjugais e/ou familiares, enquanto para os homens referiram-se a assuntos pessoais. Analisamos a demonização do Candomblé por parte de grupospentecostais e neopentecostais, especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus, bem como o discurso dos candomblecistas diante das práticas de desqualificação do Candomblé e do crescimento numérico das conversões de candomblecistas para grupos pentecostais e neopentecostais. Foi recorrente a desqualificação e demonização das práticas religiosas afro-brasileiras. Investigamos como as novas filiações religiosas e o trânsito religioso influenciaram as relações familiares, analisando de que maneira os conflitos e tensões familiares passaram a ser administrados pelos recém convertidos, bem como pelos familiares candomblecistas.

Palavras-chave: Conversão, Trânsito religioso, Candomblé, Irmandade da Boa Morte, Protestantes, Cachoeira-Ba.

ABSTRACT

This dissertation examines the conversion and religious transit of worshipers of Candomblé and the Nossa Senhora da Boa Morte Brotherhood to protestant denominations in Cachoeira -Ba, between 1980 and 2007. We investigated the prevalence of women in conversions by analyzing the main reasons why they decided to seek another religious affiliation, as well as the reasons for men's adherence to Protestant groups. We recognized that women's motivations were related to marital and/or family issues, while for men they referred to personal matters. We analyzed the demonization of Candomblé by evangelical groups, especially the Igreja Universal do Reino de Deus as well as the speech of practitioner of Candomblé before the disqualification practices of Candomblé and the numerical growth of conversions practitioner of Candomblé to the Protestant denominations. The applicant was disqualified and demonization of african-Brazilian religious practices. Observe how new religious affiliation and religious transit influence on family relationships, analyzing how conflict and family tensions began to be administered by the newly converted. It was recurrent the disqualification and demonization of african-Brazilian religious practices. We observe how his new religious affiliation and religious transit had influenced family relationships, analyzing how conflict and family tensions began to be administered by the newly converted.

Keywords: Conversion, Religious Transit, Candomblé, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, Protestant, Cachoeira-Ba.

Lista de Siglas e Abreviaturas

APMC- Arquivo Público Municipal de Cachoeira

AD – Assembleia de Deus

APMS- Arquivo Público Municipal de São Félix

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

CPR – Centro de Pesquisas da Religião da UEFS

NUDOC – Núcleo de Memória e Documentação da UFRB

Sumário

INTRODUÇÃO	11
PROBLEMÁTICA.....	13
METODOLOGIA	14
REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	14
FONTES.....	19
CAPÍTULO 1: TRILHANDO OUTROS CAMINHOS: AS NARRATIVAS DE CONVERSÃO	24
1.1 CACHOEIRA: O SAUDOSISMO.....	24
1.2 CACHOEIRA: TERRA DA MACUMBA?.....	29
1.3 CAMINHOS E MOTIVAÇÕES PARA A CONVERSÃO	34
1.3.1 Em busca da cura.....	34
1.3.2 Sonhando com a prosperidade.....	42
1.3.3 Perseguindo o prestígio social.....	50
1.3.4 Fazendo fiéis e discípulos	52
1.3.5 A crise e a conversão.....	55
CAPÍTULO 2: TRAJETÓRIAS E BUSCA DE NOVAS EXPERIÊNCIAS COM O SAGRADO: O PREDOMÍNIO DAS MULHERES	61
2.1 CONVERSÃO E CUIDADOS MATERNAIS	62
2.2 CONVERSÃO E PADRÕES ÉTICOS DE COMPORTAMENTO	69
2.3 ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DA LIDERANÇA FEMININA	81
2.4 CONVERSÃO E RELACIONAMENTO CONJUGAL.....	84
CAPÍTULO 3: CONVERSÃO E TRÂNSITO RELIGIOSO EM FAMÍLIA.....	96
3.1 O PROSELITISMO EM FAMÍLIA.....	98
3.2 CONVERSÃO E CONFLITOS FAMILIARES	107
3.3 A PERSEGUIÇÃO E DEMONIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ	119
3.4 OS DISCURSOS DOS CANDOMBLECISTAS.....	123
3.5 DISFARCES: CANDOMBLÉ DE CRENTE	130
3.6 A FÉ QUE TRANSITA	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
LISTA DE FONTES	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu em meio aos festejos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Era Agosto de 2007, a partir de uma conversa com minha avó Zenaide, começamos a nos interessar pelo campo religioso cachoeirano. Já havíamos percebido que dentre os moradores da cidade, poucas pessoas participavam dos festejos da Irmandade da Boa Morte muitas nem sabiam o que era e qual era o seu significado. Naquele ano perguntamos a minha avó se ela não participaria da festa, e ela nos respondeu: “... a festa da Irmandade é pra quem vem de fora vê. ” Essa afirmação nos inquietou bastante e suscitou outras questões. Quais os motivos da ausência dos cachoeiranos na festa? Será que era falta de interesse, ignorância do que se tratava ou a festa não era realizada para eles? Até aquele momento ainda não tínhamos pensado a ausência dos cachoeiranos a partir de outro ponto de vista. Nesse sentido, a resposta dada por minha avó foi de extrema importância, pois nos possibilitou trilhar outros caminhos e inquirir sobre outros motivos que justificassem a ausência de cachoeiranos na festa da Irmandade da Boa Morte.

Inicialmente, observamos que a festa da Irmandade da Boa Morte contava com um número significativo de estrangeiros, principalmente norte-americanos negros, bem como de políticos, inclusive representantes do Governo do Estado da Bahia. Dessa forma, inicialmente a intenção era estudar a apropriação turística da Irmandade da Boa Morte, ou seja, investigar de que maneira o chamado turismo étnico ou religioso estava se instalando em Cachoeira. A finalidade era identificar como a busca de estrangeiros pelas raízes africanas estava transformando a sociedade cachoeirana.

Entretanto, em outra ocasião, novamente era Agosto e as comemorações da Irmandade mais uma vez se repetia e, coincidentemente em uma conversa com uma das irmãs da Boa Morte, um novo caminho se fez presente. Os ares de Cachoeira traziam bons ventos! Durante esta conversa, novamente perseguia o objetivo inicial. Nesse sentido, perguntamos para ela qual a sua opinião sobre a pouca participação de cachoeiranos na festa e ela, sabiamente respondeu: “... é que hoje em dia tem muito crente. ”. A partir daí o objeto de estudo começou a se definir. Talvez aquela irmã da

Boa Mortetivesse razão. Será que o campo religioso cachoeirano, marcadamente afro-católico, estava perdendo espaço para os evangélicos? A cidade conhecida como “Terra da Macumba” estaria se transformando na “Terra de “Jesus”? Essas se tornaram nossas inquietações. De forma geral, pretendemos compreender as transformações ocorridas no campo religioso cachoeirano, nas duas últimas décadas do século XX.

Essa nova perspectiva nos fez identificar, a partir de debates, no Centro de Pesquisas da Religião (CPR)¹ da UEFS sobre pessoas adeptas do Candomblé da Irmandade da Boa Morte que estavam se convertendo ao Protestantismo e mudanças no campo religioso brasileiro, em geral. O objetivo foi compreender quais os possíveis caminhos que levariam a conversão? Assim nasceu o plano de trabalho de iniciação científica: *Do Axé à Aleluia: Do Candomblé ao Protestantismo*, que pesquisamos durante dois anos na Graduação em História na UEFS, de 2008 a 2010. Neste período enfatizamos as motivações que possibilitavam a nova adesão religiosa.

Esta dissertação tem como finalidade analisar a conversão de adeptos do Candomblé para grupos pentecostais e neopentecostais em Cachoeira-Ba, entre 1980 e 2007. Identificamos que as razões para a nova adesão religiosa foram as mais diversas e geralmente um sujeito apresentava um conjunto de motivos para a filiação religiosa a grupos pentecostais e neopentecostais. Essas conversões ocorreram num contexto de exclusão social da população afrodescendente e de baixa renda da cidade de Cachoeira-Ba, pois a cidade perdeu sua importância política e econômica no cenário baiano. Identificamos que houve uma predominância das mulheres nas conversões, por isso investigamos as motivações exclusivamente femininas para aderirem a adesão a outra religião, bem como as motivações do público masculino. Como ocorreram as conversões em família, bem como os desdobramentos da mudança religiosa nas relações familiares analisando os conflitos e acomodações? Estudamos, também, o trânsito religioso, o qual compreendemos como a circulação de pessoas entre diferentes grupos religiosos.

¹ As abreviaturas só aparecerão escritas por extenso uma única vez no texto. Mencionadas novamente, serão em forma de sigla.

PROBLEMÁTICA

Que fatores propiciaram uma cidade colonial, conhecida como “Terra da Macumba”, com diversos Terreiros de Candomblé e que possui famosos templos católicos com várias irmandades, apresentar tais mudanças no cenário religioso com a presença significativa de grupos pentecostais e neopentecostais? Quais fatores propiciaram adeptos das religiões de matrizes africanas e de práticas afro-católicas converterem-se a grupos pentecostais e neopentecostais? Nesse processo, de que maneira a mensagem destes grupos protestantes se fez importante ou necessária para a agregação desses novos membros? Como se deu o “diálogo” entre esses grupos religiosos? O neopentecostalismo, enquanto portador de doutrinas carismáticas e práticas emocionais e de possessão espiritual, se constituiu num contínuo religioso de antigas práticas da religiosidade popular brasileira? Até que ponto as promessas de prosperidade material, de resolução de problemas financeiros e de problemas pessoais foram um atrativo a mais para as pessoas das camadas mais populares, que vivem problemas sociais?

Seria possível identificar peculiaridades do contexto cachoeirano na adesão religiosa de mulheres candomblecistas ao pentecostalismo e neopentecostalismo? Quais as práticas dessas mulheres nos Terreiros de Candomblé e quais atividades passaram a exercer nas denominações protestantes? Como essas mulheres eram representadas nesses dois espaços religiosos? Como eram as relações de poder nos Terreiros de Candomblé? Como se estabeleceram as relações de gênero após a conversão?

O universo cronológico de 1980 a 2007 foi um período de intensas mudanças sociais, econômicas e religiosas na Bahia e em Cachoeira. As enchentes que ocorreram na década de 1980 deixaram a população de baixa renda em condições desumanas de sobrevivência e nesta mesma década foi implantada na cidade a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), se instalando na cidade em 1983, no contexto de desesperança. O marco final se justifica, pois foi quando a lei contra à Intolerância Religiosa foi sancionada em nível nacional isto ocorreu como desdobramento da morte da ialorixá soteropolitana conhecida como mãe Gilda, a qual faleceu após ter visto sua foto publicada no Jornal *Folha Universal* sendo acusada de charlatanismo.

METODOLOGIA

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Compreende-se a religião como um elemento da cultura, assim este trabalho se configura nos marcos da História Cultural, na qual o conceito de representação de Roger Chartier é de fundamental importância para entender de que modo os pentecostais e neopentecostais construíram suas representações a respeito do universo religioso dos fiéis de matrizes africanas, bem como estes últimos percebiam os chamados crentes.

Segundo R.Chartier (2002) a principal característica da História Cultural é entender “... o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”² Os sujeitos constroem sua visão de mundo e forjam as representações a partir do lugar social de onde falam.

Os estudos interdisciplinares sobre religião se fazem presente nesta dissertação. O diálogo com a Sociologia e a Antropologia da Religião foram significativos para a compreensão da temática. Adotamos os conceitos de campo religioso, poder simbólico e habitus de Pierre Bourdieu, o qual associa o nascimento das cidades e as transformações nas relações de trabalho ao crescimento das religiões, bem como a formação “... de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e “sistematização” das crenças e práticas religiosas.”³Compreendemos os três conceitos como indissociáveis para pensarmos as tensões presentes no campo religioso cachoeirano, pois entendemos que o campo é o lugar de disputa pelo poder simbólico. É o lugar marcado pela disputa do monopólio dos bens de salvação. No intuito de compreender a especificidade do conceito de campo religioso é de fundamental importância entender o papel dos agentes religiosos, especialmente dos sacerdotes e dos leigos.

Os sacerdotes são os especialistas religiosos, aqueles que detêm o capital religioso diferentemente dos leigos, os quais estão despossuídos do capital simbólico religioso, mas são imprescindíveis, pois reconhecem e assim legitimam os que possuem o capital religioso. Conforme Bourdieu:

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos

²CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Difel, 2002, p.16/17.

³ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 34.

como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘*corpus*’ deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade dessa desapropriação pelo simples fato de a desconhecem enquanto tal.⁴

O poder simbólico, por sua vez, está intrinsecamente relacionado com o habitus, pois este legitima o poder simbólico. O habitus⁵ é a internalização do discurso, são as práticas, as normas. O poder simbólico para existir precisa ser reconhecido pelos “leigos”, ou seja, existe numa relação de consenso, para existir é necessário a cumplicidade daqueles que estão sujeitos ao poder. Para que haja legitimação do poder simbólico é necessário que os interesses religiosos sejam atendidos. A partir desta perspectiva é que compreendemos a dinâmica interna dos grupos religiosos e do poder sacerdotal, os quais exercem poder simbólico sobre as comunidades religiosas, bem como as especificidades do campo religioso.

No intuito de compreender como os cachoeiranos assumiram ou construíram processualmente uma nova identidade religiosa usamos neste trabalho o conceito de identidade na perspectiva de Stuart Hall que a define como sendo “... uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente.”⁶.

Faz-se necessário para analisar como identidades de homens e mulheres católicos e candomblecistas foram recriadas no campo religioso de Cachoeira, discutir a partir da literatura científica, os limites e possibilidades do conceito de conversão para compreender a trajetória religiosa dos adeptos do Candomblé e da Irmandade da Boa Morte que mudaram de religião. Não pretendemos realizar uma discussão densa sobre os diversos autores que trabalharam com o conceito de conversão, mas apresentar alguns conceitos que nortearam a presente pesquisa.

⁴BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.39.

⁵BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. In: A Gênese dos conceitos de habitus e de campo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

⁶HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.13.

Em *Protestantismo e Repressão*, Rubem Alves (1979) ao analisar um tipo ideal de protestantismo, o protestantismo da reta doutrina, compreende a conversão como o primeiro passo de entrada para o protestantismo, sendo caracterizada “por meio de um novo falar”.⁷ Para Alves, a relação entre indivíduo e o mundo ocorre através da linguagem, por isso quando os “esquemas interpretativos” são desestruturados a linguagem passa a ser questionada e o novo converso modifica o seu discurso. Sua realidade passa a ser interpretada com base nos valores do grupo religioso do qual se tornou membro. A apropriação do discurso protestante tem sido evidenciada nos testemunhos de conversão, principalmente, quando os convertidos se referem a religião que praticavam antes da nova filiação religiosa.

Para Alves a conversão é “um processo psicossocial que se caracteriza pela “desestruturação de esquemas de significação”, seguido da adoção de outro, estruturalmente distinto do primeiro.”⁸ É nesse sentido que a interpretação alvesiana de conversão não se adéqua completamente a esta pesquisa, pois, principalmente, os convertidos à IURD não romperam bruscamente com suas antigas práticas religiosas, ou seja, não houve uma substituição radical dos “esquemas de significação”. O conceito de Alves está próximo da conversão nos grupos protestantes mais tradicionais, a exemplo de presbiterianos, batistas ou metodistas. Desse modo, alguns estudiosos da temática têm contestado o conceito tradicional de conversão. Segundo Paula Montero e Ronaldo Almeida (2000) o conceito de trânsito religioso se adapta melhor aos recentes grupos religiosos, pois:

(...) aponta, pelo menos, para um duplo movimento: em primeiro lugar, para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descritas pelas análises sociológicas e demográficas; em segundo lugar, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas, objeto preferencial dos estudos antropológicos.⁹

A noção de conversão religiosa, entendida como uma mudança brusca na vida do indivíduo tem sido relativizada, pois além da circulação de pessoas entre diferentes

⁷ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p. 54.

⁸ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p. 58.

⁹ ALMEIDA, Ronaldo de & MONTERO, Paula. *Trânsito religioso no Brasil*. CEBRAP, São Paulo, 2000, p.3.

grupos religiosos há também similaridades e ressignificações de ritos e doutrinas entre distintas instituições religiosas.

Os grupos neopentecostais são caracterizados pela circulação dos símbolos religiosos que fazem parte de outro panteão religioso. As crenças, geralmente, transitam entre os diversos grupos religiosos, principalmente naqueles que são concorrentes. Nos grupos neopentecostais o termo *libertação*, significando a expulsão de demônios, parece substituir o conceito de conversão e em diversas narrativas dos conversos identificamos o uso desse termo.

Em *As variedades da experiência religiosa*, William James (1995) fez uma análise psicológica da conversão na tentativa de compreender seus aspectos emocionais. Identifica que as transformações ocorridas no indivíduo são resultantes do “(...) modo com que se altera a excitação emocional. As coisas que hoje são quentes e vitais para nós serão frias amanhã.”¹⁰ Na maioria das narrativas de conversão que analisamos, os testemunhos sobre o momento em que decidiram aceitar Jesus, após o apelo dos sacerdotes, foi uma passagem marcada por choro e comoção. É uma experiência caracterizada pela efervescência de sentimentos e emoções. Wiliam James assim define conversão:

Converter-se, regenerar-se, receber a graça, sentir a religião, obter uma certeza, são tantas outras expressões que denotam o processo gradual ou repentino, por cujo intermédio um eu até então dividido, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência do seu domínio mais firme das realidades religiosas. (JAMES, 1995, p.126).

Danièle Hervieu-Léger (2008) ao estudar a mobilidade religiosa na modernidade, na França, classifica a conversão em três tipologias: a primeira define o convertido como o indivíduo que mudou de religião, ou seja, fazia parte de um grupo religioso e converteu-se a outro; a segunda caracteriza o sujeito convertido como aquele que não tinha nenhuma filiação religiosa e em determinado momento da sua vida converteu-se, na terceira o indivíduo passou por um processo de refiliação dentro do próprio grupo religioso, ou seja, pertencia formalmente a um grupo religioso, mas não tinha laços sentimentais fortes. Nesta tipologia o sujeito passa a vivenciar intensamente a religião. Tomando como referência essas subdivisões, a primeira conceituação de

¹⁰ WILLIAM, James. *As Variedades da Experiência Religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 129.

conversão contribui para compreendermos a trajetória religiosa dos sujeitos desta pesquisa. Segundo a estudiosa francesa:

A passagem de uma religião a outra chama a atenção, sobretudo por que dá lugar, ao mesmo tempo, à opção de uma nova adesão e à expressão desenvolvida de um refuto- ao menos de uma crítica- de uma experiência anterior. Quando eles contam sua trajetória espiritual, os indivíduos em questão citam, de fato, muitas vezes, as condições nas quais eles se afastaram da sua religião de origem considerada “decepcionante”, por ser alheia aos verdadeiros problemas do indivíduo de hoje, incapaz de oferecer resposta a suas angústias reais e de lhe fornecer o apoio eficaz de uma comunidade.¹¹

Estudando o campo religioso brasileiro contemporâneo a antropóloga Leila Amaral, aponta para a relação entre a modernidade e novas formas de expressão religiosa, a qual denominou de “cultura religiosa descentralizada e errante”¹². Nesse sentido, para Amaral a religiosidade não se encontra circunscrita em um único lugar, o sagrado não tem fronteiras e por isso está em todo lugar. Ou seja, o sujeito não precisa estar vinculado a uma instituição religiosa para exercer sua religiosidade.

Outros conceitos importantes que permeiam a discussão da temática são os de religião e religiosidade. Para Elizete da Silva em termos gerais “a religião é a instituição. É o corpo sacerdotal, a hierarquia, a teologia, as doutrinas. E o que é a religiosidade? São as vivências, os sentimentos, as práticas, as emoções que permeiam o cotidiano do fiel.”¹³

É importante também fazermos as devidas distinções classificatórias dos grupos religiosos, evidenciando que não são homogêneos e tem suas diferenciações. Conforme Silva as principais agências religiosas presentes no Cristianismo são: igreja, seita e denominação.

A igreja é a instituição, a igreja Católica, por exemplo, é uma organização secular, com uma teologia sistematizada, clero organizado e uma estrutura de poder, na qual as pessoas nascem na comunidade e foram batizadas por seus genitores e responsáveis, geralmente na infância (...) Na categoria denominação, podemos incluir diversas divisões do protestantismo, como a Denominação Batista e a Assembleia de Deus; em grupos desse tipo, as pessoas

¹¹HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.109.

¹² AMARAL, Leila. Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo. In: SIEPIERSKI, Paulo D; GIL, Benedito M. (orgs.) *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

¹³ SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso brasileiro. In: DIAS, André Luís Mattedi; COELHO NETO, Eurelino Teixeira; LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. (orgs.) *História, Cultura e Poder*. Feira de Santana: UEFS. Salvador: EDUFBA, 2010, p.105.

voluntariamente se convertem e se batizam para fazer parte da
membrezia.¹⁴

Segundo Silva, de modo geral a seita pode ser entendida como um grupo
dissidente “em busca de espaço e visibilidade (...) que mantém a característica básica da
voluntariedade no ingresso de fiéis, mas conserva o ascetismo e o afastamento do
mundo.”¹⁵

Para a análise das representações nas narrativas de conversão dos
candomblecistas os conceitos de conversão e trânsito religioso se complementam.
Portanto, utilizamos as duas categorias de análise para compreendermos a conversão
religiosa de candomblecistas e membros da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte
para as denominações protestantes em Cachoeira, entre 1980 e 2007, atentando para as
semelhanças e peculiaridades dos conceitos de conversão.

Na tentativa de responder as questões que norteiam esta pesquisa esses conceitos
contribuíram para o melhor entendimento do processo de conversão dos cachoeiranos
candomblecistas e irmãs da Irmandade da Boa Morte às doutrinas pentecostais e
neopentecostais, bem como os conflitos e acomodações doutrinárias que ocorreram
cotidianamente.

FONTES

Como aporte metodológico a História Oral tem sido de fundamental importância
devido a especificidade do tema, pois para contemplar os objetivos da investigação
precisamos documentar os relatos de conversão. Nesse sentido, foram realizadas visitas
prévias aos possíveis entrevistados, fazendo inicialmente uma entrevista piloto, com o
intuito de elaborar um roteiro com perguntas relacionadas com a experiência de cada
sujeito. Buscando no primeiro contato estabelecer uma relação de confiança entre
entrevistado e entrevistador e só posteriormente foram realizadas as entrevistas com uso
de gravador. Além dos cuidados já citados, Alberti aconselha antes de realizar as
entrevistas fazer “uma pesquisa exaustiva sobre o tema e a vida dos entrevistados, a
sistematização dos dados levantados e a definição clara dos problemas que se está

¹⁴Id., p.106.

¹⁵Ibid., p.106.

buscando responder com a pesquisa”, pois com esses dados em mãos o “entrevistador [terá mais] segurança no momento de realização da entrevista. ”¹⁶

Fizemos primeiro um contato informal com os entrevistados no sentido de conhecer melhor aquele momento de suas vidas, bem como explicar-lhes o objetivo da pesquisa e solicitar a gravação da entrevista. A partir dessa perspectiva as entrevistas tiveram caráter de história temática nas quais foram feitas questões abertas para que os entrevistados pudessem relatar o máximo possível de suas experiências. Foram contemplados: os motivos que possibilitaram a migração religiosa, suas concepções sobre a religião que praticava outrora, bem como as possíveis transformações ocorridas em suas vidas.

O trabalho de campo permitiu identificarmos, conforme Gandon (2005):

(...) que a História Oral, seja em que versão ela for utilizada, põe em relevo a fala humana e a memória. O discurso da memória é altamente dinâmico, vai sendo construído em função de cada contexto do presente – o “lugar” do discurso – e também em função da imagem que se quer transmitir e da “negociação” identitária que consciente ou inconscientemente se estabelece numa fala. Não esqueçamos que, se a memória tem a função de transmissão – que é aquela que normaliza, que perpetua – ela tem também a função de reflexão. Numa entrevista, percebe-se como o entrevistado estrutura e reestrutura um discurso baseado na memória, fazendo reflexões e também “negociando” – consigo mesmo e com o entrevistador – sua própria imagem ou a imagem de alguma coisa sobre a qual ele se refere. Além destas, a memória tem ainda aquela função afetiva que é a de reviver alguns momentos que foram altamente significativos. Aqueles momentos nos quais o passado parece tão presente! Como se uma experiência pudesse ser revivida enquanto se fala sobre ela (...) Com efeito, alguns momentos do passado são rememorados de forma altamente emocional. A função da memória que atinge o aspecto afetivo do ser humano traduz-se principalmente em gestos e, eu diria que ela revela sobretudo imagens.¹⁷

Uma das referências significativas para a compreensão da complexidade que é o trabalho com a História Oral é o trabalho da historiadora Verena Alberti. Em seu artigo: *Histórias dentro das Histórias* foi possível perceber como o uso das fontes orais ao mesmo tempo em que abre inúmeras perspectivas também lança vários desafios, pois além de ser um documento produzido pelo historiador, está em contato direto com os sujeitos que vivenciaram determinado momento histórico. Portanto, o uso das fontes

¹⁶ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p.177.

¹⁷GANDON, Tânia Risério d, Almeida. Etnotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória. Revista da Faeba-Educação e Contemporaneidade. Salvador, v.14, n.23, p 227-233, jan/jun, 2005, p. 229.

orais pode ser comparado com uma faca de dois gumes, mas a riqueza dessas fontes supera os seus desafios e as suas especificidades. Segundo Alberti:

O fato de ser uma narrativa oral que resulta de uma interação entre entrevistado e entrevistador- uma conversa, podemos dizer-, torna essa fonte específica em relação a outros documentos pessoais, como as memórias e as autobiografias. O que o entrevistado fala também depende da circunstância da entrevista e do modo pelo qual ele percebe seu interlocutor. Quando é solicitado a falar sobre o passado diante de um gravador ou uma câmera, cria-se uma situação artificial, pois a narrativa oral, ao contrário do texto escrito, não costuma ser feita para registro.¹⁸

Essas peculiaridades do trabalho com as fontes orais foram evidenciadas durante a realização desta pesquisa, pois nos encontros informais em alguns casos as pessoas davam informações a mais ou consideradas preciosas e/comprometedoras. Na gravação, omitiam aquelas informações. No momento em que era mencionada a necessidade da gravação, notamos que eles se preocupavam em articular seus discursos, pois sabiam que seriam divulgados, ansiosos em saber quais as perguntas que seriam feitas.

As questões específicas e a temática geral desta dissertação fazem parte do tempo presente, onde os conflitos religiosos e os sujeitos analisados estão vivos, portanto ainda são questões em aberto. Assim, optamos por atribuir pseudônimos aos entrevistados, a fim de preservar a identidade deles.

No desenvolvimento da pesquisa fizemos entrevistas com candomblecistas, pois, para além de buscar compreender os motivos da conversão se fez necessário também analisar de que forma essas conversões afetavam os Terreiros de Candomblé. Quais os impactos dessas conversões, bem como do avanço neopentecostal nos Terreiros de Candomblé de Cachoeira?

Realizamos entrevistas com o objetivo de analisar as consequências das atitudes de demonização para os grupos religiosos de matriz africana, bem como as representações construídas pelos candomblecistas a respeito dos grupos protestantes. Para tanto, procuramos escolher pessoas que tivessem cargos na hierarquia dos Terreiros do Candomblé, pois estas pessoas devido aos anos de experiência têm mais conhecimento das questões que permeiam o campo religioso cachoeirano. Sendo assim, realizamos entrevistas com ialorixás e ogã. Ialorixá é o termo, em iorubá, dado a

¹⁸ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p.171.

sacerdote do sexo feminino nos Terreiros de Candomblé. Segundo Parés (2007), os ogãs, função exercida exclusivamente pelo sexo masculino, tem o papel de ser a segunda pessoa depois do líder religioso, ialorixá ou babalorixá. Eles não dançam nem “recebem” o orixá na cabeça, mas fazem o ritual de iniciação. Geralmente são responsáveis pelo toque dos atabaques e pelo sacrifício dos animais nos rituais.

A maioria dessas pessoas nasceu no universo religioso do Candomblé, herdando funções que outrora foram exercidas por suas mães biológicas e também sacerdotisas. As entrevistas foram necessárias para compreender como se configuraram as relações familiares quando a religião tradicional da família deixou de ser hegemônica no grupo parental.

As fontes orais são predominantes nesta proposta de pesquisa, mas as fontes impressas também se fazem relevantes, pois “enquanto fonte de pesquisa histórica, o jornal possibilita ao pesquisador a compreensão do contexto sociocultural e político-econômico da época estudada, colocando-o em contato com os usos e costumes, além do noticiário conjuntural”¹⁹.

O Jornal *Folha Universal* (1996-2007) e os livros doutrinários da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foram analisados com o intuito de perceber como foi produzido o discurso desse grupo religioso, bem como identificar quais os métodos de conversão utilizados. Já o Jornal *A Cachoeira* traz reportagens referentes aos conflitos ocorridos entre os grupos religiosos locais, a saber, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, membros da Igreja Católica, bem como comparações entre as doutrinas da Igreja Católica e do Candomblé. Notícias sobre os conflitos no campo religioso cachoeirano, permitem uma melhor configuração dos mesmos. Neste período também encontramos matérias que possibilitaram compreender o contexto socioeconômico da cidade de Cachoeira entre 1980 e 2007.

O Jornal *A Tarde* foi utilizado com o intuito de ampliar as análises para o contexto baiano. Sendo assim, encontramos reportagens que relatavam os conflitos entre a IURD, devido a suas atitudes de intolerância religiosa, e candomblecistas, na cidade de Salvador.

Alguns livros doutrinários da IURD, por exemplo, o livro: *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* do Bispo Edir Macedo. O uso do Jornal *Folha Universal* e

¹⁹NEVES, Erivaldo Fagundes. *Invasões em Salvador: um movimento de conquista do espaço para morar (1946-1950)*. São Paulo: PUC, 1985, p.18.

fez necessário para analisar o pensamento oficial, bem como as principais doutrinas e práticas iurdianas e de outros neopentecostais com afinidades doutrinárias no âmbito pentecostal ou de batistas que passaram por processos de assunção de doutrinas pentecostalizantes, a exemplo da Igreja Batista Missionária e a Igreja Batista Betel, denominados como batistas carismáticos. As diversas reportagens referentes ao público feminino presentes no Jornal *Folha Universal*, bem como na revista *Plenitude* serviram para entender as representações sobre as mulheres e seus papéis nos grupos religiosos.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro deles, fizemos uma breve contextualização socioeconômica e do campo religioso da cidade de Cachoeira a partir da década de 1980. Buscamos identificar os motivos pelos quais adeptos do Candomblé e da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte se converteram às denominações protestantes em Cachoeira-Ba, entre 1980 e 2007.

No segundo capítulo buscamos compreender os motivos da predominância de mulheres nas conversões de candomblecistas às denominações protestantes. Buscamos identificar as razões pelas quais as mulheres se convertem comparando com as motivações masculinas. Analisamos os discursos da IURD em relação aos papéis masculinos e femininos.

No terceiro capítulo analisamos a diversidade de adesão religiosa entre as famílias biológicas e famílias de santo, buscando compreender as relações entre familiares pertencentes ao Candomblé e às denominações protestantes. Analisamos a trajetória de vida desses sujeitos e identificamos como se relacionaram após a mudança de religião, os prováveis conflitos e tentativas de convivência e as outras formas de sociabilidade construídas nos novos grupos religiosos. O trânsito religioso de algumas pessoas foi identificado nas trajetórias analisadas.

Nas considerações finais apresentamos leituras e conclusões provisórias, pois estudamos a conversão de adeptos do Candomblé para denominações protestantes entre 1980 e 2007, ou seja, são acontecimentos ainda em processo e com múltiplas possibilidades de pesquisas e interpretações.

CAPÍTULO 1: TRILHANDO OUTROS CAMINHOS: AS NARRATIVAS DE CONVERSÃO

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”

João 8:32 (Bíblia)

Neste capítulo analisamos os motivos pelos quais adeptos do Candomblé e da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte se converteram às denominações protestantes em Cachoeira-Ba, entre 1980 e 2007. Para tanto, faremos uma contextualização da cidade de Cachoeira neste período com a finalidade de compreender de que forma fatores políticos, sociais e econômicos podem ter contribuído no processo de escolha de uma nova filiação religiosa.

1.1 CACHOEIRA: O SAUDOSISMO

A cidade de Cachoeira ocupou no período colonial e imperial importante papel político-econômico, com cidade portuária, situada no Recôncavo Baiano, próxima à capital, Salvador. Foram seus principais produtos agrícolas a cana-de-açúcar e o fumo. Sendo que o tabaco, um produto importante da prática comercial, foi utilizado inclusive como moeda de troca no tráfico negreiro. O Recôncavo Baiano, em especial Cachoeira, com seu porto fluvial configurou-se até o final do século XIX como o “motor” da economia baiana, concentrando em seus plantios os produtos mais importantes no mercado internacional.

No entanto, as transformações socioeconômicas e políticas do País ocorridas durante o século XX afetaram significativamente a Bahia e também o Recôncavo Baiano, comprometendo, em certa medida, o esplendor de Cachoeira. Sua base econômica foi fragilizada, não havia mais o braço escravo para trabalhar nas lavouras. A economia açucareira praticamente estagnou devido à concorrência internacional do açúcar de beterraba, além disso, também aconteceram mudanças no sistema de transportes e no comércio. Segundo Rocha:

Apesar de sua razoável malha rodoviária, ferroviária e rede fluvial, Cachoeira deixou de ser a cidade convergente, circulante e comercial, perdendo a primazia para Feira de Santana, localizada numa zona de confluência de vários caminhos, o que favorecia as atividades comerciais. Ela passou a amargar o funcionamento extremamente deficitário de suas fábricas ou mesmo o fechamento definitivo, o que foi determinante para o êxodo e o subemprego de muitos habitantes. Nos anos 60 a implantação do Polo Petroquímico em Camaçari e o Centro Industrial de Aratú impactaram ainda mais as mudanças sofridas na região de Cachoeira e outros municípios.²⁰

Segundo Mello, memorialista cachoeirano, os problemas socioeconômicos da cidade começaram após a II Guerra Mundial, pois “(...) a derrota da Alemanha implicaria no confisco das empresas e bens pertencentes aos súditos alemães confiscados no Brasil.”²¹ Na década de 1950 a construção de rodovias, o declínio do transporte férreo, bem como nos anos 1960 as duas grandes inundações do Rio Paraguaçu, e o fechamento das fábricas de charutos Leite e Alves e Suerdieck agravaram drasticamente a economia cachoeirana, ocasionando o êxodo de uma parcela da população e o crescimento do subemprego.

No jornal *A Cachoeira* encontramos o seguinte texto: “*Pelourinho em Salvador ganha tudo, Feira de Santana parece Capital. Lembrem-se da velha mãe de Feira e ex-capital do Estado hoje esquecida.*”²² O sentimento de perda de prestígio e abandono são marcantes no apelo acima citado. Notícias com conteúdo reivindicatório e saudosista eram recorrentes neste periódico durante as décadas de 1980 e 1990.

As constantes cheias do Rio Paraguaçu ocorridas ao longo da década de 1980 também contribuíram para agravar ainda mais a situação socioeconômica do município. Na reportagem: “*Cachoeira e seus flagelados, após trégua de 14 anos, pelas enchentes do Paraguaçu*”, identificamos a precária situação pela qual passava a população cachoeirana.

Pavorosa cauda de chuvas periódicas, voltou a castigar a legendária cidade e seu povo, após 14 anos de trégua onde uma geração jovem desconhecia o flagelo cíclico que faz sofrer há quase um século este vale abandonado e este povo sofrido e laborioso que no passado deu

²⁰ROCHA, Nádía Maria Dourado. Cachoeira e Cachoeiranos: uma bibliografia. São Francisco do Paraguaçu: Centro Cultural João Antônio de Santana. Cachoeira, 2001,p. 27/28.

²¹ MELLO, Francisco José de. História da cidade da Cachoeira. 2001, p.142.

²²ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA - Jornal *A Cachoeira*, 12 de Janeiro de 1986, p.1.

tudo de bom a Pátria, a conquista da liberdade e até hoje não foi reconhecida pelos governos e políticos.²³

Era recorrente no discurso do periódico *A Cachoeira* a ênfase no descaso dos políticos com a *heróica* população cachoeirana. No intuito de legitimar as reivindicações, o jornal apelava para os feitos realizados no passado. Como no período colonial e imperial Cachoeira gozava de todo esplendor, os articulistas do jornal ficavam indignados com a situação de abandono político que marcou a cidade a partir do período republicano.

Nesse sentido, apesar de não ter o mesmo recorte cronológico da presente pesquisa, o trabalho do professor Rinaldo Leite, *A Rainha Destronada: Discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*, contribui para compreendermos que não só Cachoeira, mas a Bahia como um todo, perdeu espaço na política nacional com o advento da República. Neste período “havia um forte sentimento de perda de prestígio que estimulava uma espécie de desconforto com a condição atual.”²⁴ No que se refere à cidade de Cachoeira o atraso econômico ainda se faz presente e ao longo das décadas de 1980 e 1990 o periódico *A Cachoeira* noticiava frequentemente o contexto de decadência da cidade. Segundo Leite:

Por muitas vezes a Bahia foi tratada pelas elites dos anos republicanos como uma espécie de entidade especial, cuja tradição na história e na cultura elevava seu nome nas páginas da vida nacional ...daí, uma grande fixação em torno da importância ... que a Bahia tivera nos eventos mais importantes da história brasileira.²⁵

Na mesma matéria em que o passado heróico de Cachoeira foi exaltado, o Jornal *A Cachoeira* continuou relatando os estragos causados pela enchente do Rio Paraguaçu:

A calamitosa enchente começou como sempre com enxurradas de baronezas, desde o dia 1º do corrente, **no dia 3 atingiu o clímax da inundação de quase 1 terço da cidade e totalidade de seu comércio no perímetro urbano.** Não houve vítimas fatais e poucos desabamento, mais o comércio sofreu com as mudanças e grande parte da população atingida e flagelada pela cauda ainda vem ocupando

²³ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA - Jornal *A Cachoeira*, 24 de Fevereiro de 1980, p.1.

²⁴ Leite, Rinaldo César Nascimento. *A Rainha Destronada: Discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012, p.206.

²⁵ Idem, p.43/44.

Sobradões Altos, Igrejas, Conventos e Prefeitura. **Convém lembrar que o governo não decretou calamidade pública** por que a cheia não teve as mesmas proporções das outras de 1960 e 1964 que deixaram trágicas marcas na vida comunitária, **mais todos esperam e anseiam que a Ponte Barragem Pedra do Cavalo seja o fim das enchentes** como desvio do rio para lugar apropriado e escoamento das águas sem ameaçar a destruição da paisagem e acervo arquitetônico da cidade (...) ²⁶ (grifos nossos)

O articulista do jornal cachoeirano deixou explícita sua indignação com o fato do Governo não ter decretado estado de calamidade pública, pois a população estava sem moradia e o comércio foi totalmente atingido pelas águas. É importante salientar que o município já tinha um histórico de enchentes do Rio Paraguaçu e assim identificamos no discurso do jornal a cobrança por ações governamentais que solucionassem o problema, por isso tinham esperança e pressa para a construção da Barragem Pedra do Cavalo. Esta traria a esperança do término das cheias, bem como a amenização da situação de desemprego. Passados nove anos encontramos a seguinte reportagem: *Pedra do Cavalo pode acabar crise de desemprego nesta zona:*

Com a esperada e salvadora rolagem das dívidas da construção da Barragem Pedra do Cavalo, centenas de braços operários serão utilizadas pela empresa Odebrecht e o governo do Estado da Bahia que já estão providenciando novos contratos e alistamentos de funcionários que vão construir as novas etapas e conclusões desta obra salvadora da Bahia.²⁷

O periódico colocou todas suas esperanças para a retomada do progresso de Cachoeira na construção da Barragem Pedra do Cavalo, afirmando que a mesma seria a “obra salvadora da Bahia”. No entanto, precisamos discordar, afinal a construção de uma única empresa não absorveria toda mão de obra ociosa de Cachoeira, bem como dos municípios vizinhos, como São Félix e Muritiba.

Na reportagem, *Discriminação do Nordeste pode ter fim se aproveitarem potencialidades de Cachoeira*, identificamos além do saudosismo encontrado em diversas matérias, os articulistas do Jornal *A Cachoeira* tentaram encontrar motivos que pudessem justificar o descaso político com a cidade, já que a mesma tinha

²⁶ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA – Jornal *A Cachoeira*, 24 de Fevereiro de 1980, p.1.

²⁷ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA – Jornal *A Cachoeira*, 27 de Agosto de 1989, p.1.

potencialidades econômicas, principalmente no que se referia a atividade turística. A reportagem mencionada abordou a questão da seguinte forma:

A Barragem de Pedra do Cavalo que foi construída para fornecer água para Salvador e diversas cidades bahianas (sic) bem como gerar e fornecer energia elétrica não está sendo totalmente aproveitada das suas utilidades previstas por ACM e diversos políticos bahianos. Temos tudo para incrementar o progresso nacional **mais [sic] existe talvez um motivo injusto que discrimina Cachoeira e nossa zona. Será a política protecionista falsa do Sul ao Nordeste? Será a frouxidão dos nossos políticos e Representantes? Será a má fama que gozamos de termos sido a terra do Candomblé e da feitiçaria?**²⁸(grifo nosso)

O sentimento de exclusão política em relação ao Sul do País ficou evidente na reportagem supracitada, bem como a necessidade de afirmar que se o motivo do atraso econômico da cidade, fosse consequente do preconceito religioso, não se justificaria por que apesar de Cachoeira ter tido a “má fama de ter sido a terra do Candomblé e da Feitiçaria”, mas não era mais a terra do Candomblé. Seria então terra dos católicos, protestantes, espíritas, maçons? Enfim, qual seria para os articulistas do jornal *A Cachoeira* a identidade religiosa cachoeirana ou a religião hegemônica da cidade, nos anos 1980? É uma evidência que o campo religioso cachoeirano estava mudando, deixando de ser a terra da macumba.

Leite, ao estudar os discursos de baianidade da elite soteropolitana durante as primeiras décadas do século XX identificou que “As elites, definitivamente, não queriam ver exposta a face negra da nossa formação étnica e social como símbolo e imagem legítimo do Estado.”²⁹Os ideais republicanos queriam apagar do País qualquer marca dos períodos colonial e imperial, pois passaram a ser vistos como atraso para o progresso do Brasil. O objetivo da elite republicana era embranquecer a sociedade brasileira desde o século XIX e para isso era necessário afastar o passado escravista, marginalizando a população negra. Os ideais republicanos também convergiam para o protestantismo.

²⁸ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA - Jornal *A Cachoeira*, 03 de Maio de 1987, p.1.

²⁹ Leite, Rinaldo César Nascimento. *A Rainha Destronada: Discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012, p 228.

1.2 O CENÁRIO RELIGIOSO CACHOEIRANO: CACHOEIRA: TERRA DA MACUMBA?

O campo religioso cachoeirano e também baiano é caracterizado como afro-católico desde o período colonial, sendo parte inerente da identidade dos cachoeiranos a religiosidade popular. Mas nas últimas décadas do século XX tem-se notado um avanço expressivo das denominações protestantes.

A cidade de Cachoeira foi uma das principais vilas do Recôncavo Baiano, durante o período colonial. Situada a margem esquerda do rio Paraguaçu, o rio mais importante do Recôncavo que era uma via de comunicação entre a Província, o Recôncavo e o sertão, escoando os principais produtos comerciais: a cana-de-açúcar, principal produto exportado pela colônia e o fumo que servia como escambo no lucrativo comércio de escravos.

A população predominante na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira era escrava e negra, conseqüentemente influenciou todos os aspectos daquela sociedade, especialmente os religiosos. Dessa forma, as etnias africanas legaram à cidade de Cachoeira uma diversidade significativa de modelos rituais, os quais percebemos na distribuição dos Terreiros de Candomblé que marcam a identidade do cachoeirano. Segundo Parés:

Na segunda metade do século XIX, a economia das plantações de açúcar no Recôncavo entrou em declínio, deixando uma grande massa de população rural negra desempregada. Mas no período de 1870-1880, investidores alemães instalaram em Cachoeira e São Félix várias fábricas mecanizadas de cigarro e charuto, que geraram uma importante imigração de libertos pobres procurando trabalho nesses novos centros industriais. Essa concentração urbana de população negra, a consolidação de uma elite negra de artesãos bem sucedidos e proprietários de terras e ascensão social que a atividade religiosa podia oferecer à população negra desempregada na época pós-abolição, explicam, em parte, o progressivo estabelecimento de congregações religiosas relativamente estáveis.³⁰

Nascimento (2007) também identificou a presença de organizações religiosas de negros e afrodescendentes, estruturadas com corpo sacerdotal hierarquizado e com espaço próprio para a realização dos seus cultos, nesse mesmo período. Os Candomblés

³⁰PARÉS, Luís Nicolau. A Formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia. São Paulo: Unicamp, 2007, p.196.

de Cachoeira tinham em comum o fato das famílias biológicas serem intrinsecamente ligadas às famílias de santo, os laços de parentesco estavam para além da consanguinidade. A casa de morada era também o local onde cultuavam suas divindades, abrigavam os salões e toda estrutura necessária para a realização de cerimônias e festas religiosas. Segundo Souza (2005), os Candomblés de Cachoeira guardam características próprias no que se refere aos seus rituais. Conforme o autor: “Para as casas que se definem nagô, o modelo Ketu, antes de lhes representar, é algo que lhe distingue em vários aspectos rituais, manifestados através do trato dado a alguns orixás, da administração de certas folhas, de algumas cantigas, comidas e da observação de tabus rituais”.³¹

Podemos afirmar que as etnias africanas que foram levadas como mão de obra escrava para o Recôncavo Baiano tinham também práticas religiosas múltiplas que devido ao contato com outros grupos populacionais foram recriadas e reelaboradas tendo assim características peculiares, ou seja, os Candomblés de Cachoeira estão longe de serem homogêneos. Com o objetivo de historicizar a formação de um Candomblé de nação jeje, o *Seja Hundé*, também conhecido como *Roça do Ventura*, Parés identifica a heterogeneidade dos Candomblés cachoeiranos:

Além de falar de diversas “subnações” nagô como nagô-agavi, nagô-tedô, nagô-cogún, ou nagô-jexa, cabe notar que o rito nagô do Recôncavo, que se caracteriza por ter cantigas próprias e usar uns atabaques pequenos tocados à mão, era distinto da tradição nagô-Ketu conhecida em Salvador. O rito nagô de Cachoeira, além da sua especificidade de origem iorubá, esteve influenciado pela tradição jeje, sendo comum em algumas dessas casas o culto do vodum jeje Bessen, mas seria mais correto falar de uma mútua interpenetração de elementos rituais, que no final do XIX deu lugar à tradição que o povo-de-santo chama nagô-vodum ou nagô-vodúnsi. O rito nagô ketu predominantemente em Salvador só se popularizou na região de Cachoeira tardiamente, na década de 1930, com a fundação, no Portão, perto de Muritiba, do IléIbeceAlaketu, de Manoel Cirqueira de Amorim, popularmente conhecido como Nesinho do Portão, muito ligado à mãe Minininha do Gantois.³²

Além dos significativos Terreiros de Candomblé, temos também em Cachoeira a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte que cultuava e cultua Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora da Boa Morte, provavelmente fundada em Salvador, a qual

³¹ SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. Nagô: A nação de ancestrais itinerantes. Salvador, FIB, 2005, p.25.

³² PARÉS, Luís Nicolau. A Formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia. São Paulo: Unicamp, 2007, p.197/198.

migrou para o Recôncavo Baiano devido as perseguições das autoridades e da Igreja Católica no século XIX, pois praticavam a religião de matriz africana, o Candomblé, e ao mesmo tempo o culto à morte e assunção da Virgem Maria. De caráter afro-católico, formada por mulheres negras e iniciadas no Candomblé é uma expressão exemplar da forte presença de negros e Terreiros de Candomblé na cidade de Cachoeira. Configurando-se como um espaço de lutas, resistência cultural e recriação de identidade. Lessa (2005) ao estudar a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos, identificou que:

(...) houve uma interpenetração de práticas das sociedades secretas, da irmandade da Boa Morte e do Candomblé. Provavelmente o Candomblé da Barroquinha, de nação jeje com nagô foi criado à sombra da irmandade da Boa Morte, que por sua vez, foi criada à imagem e semelhança das sociedades secretas. Essas semelhanças vão além da característica de serem associações femininas, mas também, pela estrutura e organização desses grupos. Tanto a Irmandade da Boa Morte, quanto o Candomblé seguem os princípios da senhoria, as irmãs e filhos de santo respectivamente devem passar por vários estágios até atingir os postos mais elevados de presidente da irmandade e mães de santo. Estes postos dão poder de decisão a essas mulheres, dentro de seus respectivos grupos.³³

No período cronológico desta dissertação os Candomblés persistiram em Cachoeira, especialmente entre os afrodescendentes, porém os ritos das religiões de matrizes africanas não eram aceitos por uma parte da população cachoeirana que reagia de forma etnocêntrica e preconceituosa. Na reportagem intitulada: *Sincretismo Deturpador será discriminação ou complexo racial?* o articulista emitiu a seguinte opinião sobre os ritos fúnebres dos fiéis que praticavam Candomblé:

Perante Deus toda espécie de ser humano deve ser igual. Não há diferenciação entre raças, credos e côres. Não sabemos por que motivo o homem de cor (o preto) pretende aparecer até nos atos respeitáveis piedosos fúnebres com o macabro som dos atabaques será o trovão dominando a sinfonia dos ventos ou dos sons maviosos clássicos superados pela tétrica cadência lúgubre desordenada, maquiavélica e ensurdecadora ritos bárbaros pagãos e malignos dos Candomblés. Não deve o homem de cor revelar presença nos atos fúnebres com seus sons malignos e infernais. O preto deve e pode nivelar-se aos brancos em musicalidade, cultura artística e não humilhar-se e degradar-se na demaviosidade primária dos sons e das culturas. Todos temos as mesmas capacidades. Resta desenvolvê-las e revelá-las. Querer aparecer em solenidades piedosas e respeitáveis como na Procissão do Enterro do Senhor com filhas de santo e babalorixá é retrocesso e

³³LESSA, Luciana Falcão. Senhoras do Cajado: Um estudo sobre a Irmandade da Boa Morte em São Gonçalo dos Campos. Salvador: UFBA, 2005.

desrespeito aos sadios princípios da Fé, Civilização e Piedade Cristã. Recordem e Lembrem está na Bíblia Jesus chicoteou e expulsou os fariseus do templo de Deus por revelarem inconvenientes desrespeitosos perturbadores da contrição e da Fé Cristã. A lição deve servir de exemplo a Dirigentes cristãos e todo o povo que se diz de Deus e que se julgam fraternos e civilizados.³⁴

A reportagem em tom de sermão e espanto perante os atos religiosos de adeptos do Candomblé cometeu um duplo preconceito: étnico e religioso. Apesar de ser uma reportagem do final do século XX, ainda estava marcada pelos ideais de modernização e progresso. Conforme Alberto Heráclito, estudando Salvador, a discriminação das atitudes tidas como incivilizadas, como os batuques, tinha como objetivo “desafricanização das ruas”.³⁵

Na imprensa local, no Jornal *A Cachoeira*, encontramos a seguinte reportagem:

Em discussão os noticiários da TV e rádios [sic] sobre assunto importante da separação contrição e fé cristã ante a idolatria e fanatismo da entidade pagãs e cultos dos bárbaros e candomblés. De um lado se evoca a piedade e culto da bondade humanas a um ser Divino do outro a credence fanática aos sons dos atabaques... a Bondade crença e a superstição tola e mórbida. Serão irreconciliáveis e incompatíveis? Uma depende da outra para cultos e adorações? Pode-se unir o clássico ao macabro? Até quando afoxé perturbarão a paz e o silêncio na Casa de Deus? A sinfonia da musicalidade e dos ventos pode se confundir com o ribombar do trovão sem alterações ou inquietações? Senhor orientai teus Servos Mansos de Deus e os temerosos da maldição da Terra. Entre antagonismos poderá existir convivência e união pacíficas? O Bem e o Mal pode se coadunados?³⁶

Esta reportagem intitulada *Fé Cristã x Candomblé* teve como objetivo distinguir o Cristianismo do Candomblé. Conforme a reportagem o Candomblé deveria ser separado da chamada fé cristã, pois era “idolatria e fanatismo a entidade pagãs e cultos dos bárbaros e Candomblé.”³⁷ A partir desta reportagem podemos afirmar que a religiosidade de matriz africana foi explicitamente caracterizada pejorativamente ao ter sido denominada de culto de bárbaros, ou seja, pessoas incivilizadas e de ser uma credence e não religião. Ao analisar o discurso discriminatório do periódico em relação ao diálogo interreligioso entre a religião cristã, provavelmente o Catolicismo, e o

³⁴ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA – Jornal *A Cachoeira*, 06 de maio de 1984, p.1.

³⁵ FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Desafricanizar as ruas*. Revista Afro-Ásia, 1998-1999, p.239-256.

³⁶ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA. Jornal *A Cachoeira*. 14 de Agosto de 1983. p.01.

³⁷ id.

Candomblé, conjecturamos que o texto do jornal está questionando a dupla pertença religiosa das irmãs da Irmandade da Boa Morte, pois a reportagem foi publicada estrategicamente durante a data festiva da associação religiosa, ocorrida anualmente no mês de Agosto.

Na reportagem o leitor é convidado a refletir, pois o articulista questiona: “Uma depende da outra para cultos e adorações? Poderia unir-se o clássico ao macabro? Até quando o afoxé perturbarão (sic) a paz na casa de Deus?”³⁸ Assim o articulista podia estar se referindo a alguma prática de inculturação entre Catolicismo e o Candomblé, bem como se indignando com o som dos batuques dos negros ao caracterizar o Candomblé como uma perturbação. Assim, podemos evidenciar que mesmo em fins do século XX o Candomblé ainda era perseguido pela imprensa local, tal qual ocorrera no final do século XIX e início do XX como relata Edmar Santos (2009).

No final da década de 1980, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e a Igreja Católica passaram por um conflito que chegou aos tribunais de justiça, evidenciando, assim, as disputas no campo religioso cachoeirano. Segundo Souza (2007), o pároco local em 1989, Hélio Vilas Boas, após a realização das festas da Irmandade que são celebradas sempre no mês de Agosto, se recusou a devolver para a Irmandade as imagens das santas. Isto se configurou como estopim do conflito, mas questões financeiras, políticas e culturais foram se desenhando ao longo das tensões, como o vínculo da Irmandade com o Candomblé ou o impasse referente a quem seria responsável pelas doações recebidas pela Irmandade, as irmãs ou o clero católico.

O padre também foi acusado pelas irmãs de ter se apropriado de joias pertencentes à Irmandade, bem como a questão da sua autonomia ganhou destaque. Apesar da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte ser vinculada a Igreja Católica, oficialmente não tinha estatuto em meio a esses episódios, pretendeu ser e conseguiu uma instituição independente da Igreja Católica, além de ter conseguido a devolução das imagens. Esse conflito mobilizou diferentes setores da sociedade, além das duas instituições envolvidas, os órgãos associados ao setor turístico, a Prefeitura da cidade, o Movimento Negro, bem como algumas figuras importantes da sociedade cachoeirana, como a advogada Celina Salles³⁹, o que possibilitou uma maior visibilidade para a

³⁸ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CACHOEIRA. Jornal A Cachoeira. 14 de Agosto de 1983. p.01.

³⁹ Advogada da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

Irmandade e sua conquista de autonomia frente aos interesses da Igreja Católica, representada pelo padre Hélio Vilas Boas.

Foi neste campo religioso predominantemente afro-católico, que a presença protestante provocou transformações, ocasionando o aumento da migração religiosa que vem ocorrendo entre a Irmandade da Boa Morte, o Candomblé e o Protestantismo, principalmente pentecostal e neopentecostal. E o grupo religioso que mais se destacou foi a IURD, pois se diferencia de grupos religiosos mais tradicionais, tendo como principal peculiaridade se apropriar e ressignificar os elementos das religiões afro-brasileiras, aproveitando o que interessa e satanizando o que concebem como discordantes das doutrinas protestantes. Foi essa característica que possibilitou o acirramento dos conflitos religiosos, bem como o trânsito entre os fiéis cachoeiranos.

1.3 CAMINHOS E MOTIVAÇÕES PARA A CONVERSÃO

1.3.1 Em busca da cura

Em um País de profundas desigualdades sociais e de precário sistema de saúde a cura também faz parte das preocupações religiosas. Tratamentos religiosos foram frequentemente identificados nas narrativas dos convertidos que pesquisados como motivadores para uma nova filiação religiosa. Nas trajetórias de vidas em que a Medicina não encontrou ou não deu uma resposta satisfatória para os que estavam enfermos as explicações e os rituais religiosos se apresentaram como alternativas no percurso em busca da cura.

Dona Carolina, adepta do Candomblé durante 15 anos, convertida às doutrinas da IURD, em 1997, rememorou:

É, minha experiência, ...de conversão foi quando eu já não aguentava mais sofrimento e todos os médicos que me atendia (sic) me desenganaram por que os exames não dava (sic) nada, não tinha uma justificativa por que eu sentia tanta dor de cabeça. Fazia vários exames particular (sic): Feira, Salvador, aqui mesmo em São Félix, Cachoeira e não dava nada, então eu dava muitas crises de dores de cabeça e não justificava nada, nada, nada, a causa de eu senti tanta dor de cabeça.⁴⁰

⁴⁰ Entrevista com a Senhora Carolina concedida à autora em 09 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

No relato supracitado, observamos que o problema de saúde que ela sentia não tinha explicações científicas, apesar da realização de “vários exames”, em cidades diferentes, ou seja, sua enfermidade não era justificada pela Medicina, não tinha uma explicação lógica. Foi a partir dessas circunstâncias, que a entrevistada foi aconselhada por amigos, vizinhos e parentes a procurar uma solução religiosa.

(...) sempre aparecia alguém pra (sic) indicar alguma casa de Candomblé, por que aí levava, aí quando chegava lá, eles olhavam (sic) e que tinha que fazer alguma coisa, por que tinha que fazer um despacho, um trabalho de Egun que era espírito de morto, aí fazia...⁴¹

O poder advinhatório dos agentes religiosos do Candomblé permitiu que a entrevistada acreditasse que um espírito de morto fosse a causa da sua enfermidade. Conforme Bourdieu (2007), os especialistas religiosos, são aqueles que possuem o capital religioso, diferentemente dos leigos, os quais estão despossuídos do capital simbólico religioso. Nesse exemplo, o leigo era a entrevistada que buscava soluções através dos especialistas, legitimamente reconhecidos como detentores do capital simbólico religioso.

No entanto, Dona Carolina continuou em busca da cura em outros terreiros de Candomblé

Nisso eu fui em dez casas de macumba, todas dez casa (sic) que eu fui, fez trabalhos, arriou balaços de coisas na porta do cemitério, certo? Eu ficava, eu cumpria o resguardo direitinho, mas só que infelizmente não era nada daquilo, por que nunca passava a dor de cabeça, até aliviava assim dois, três dias, depois quando voltava, voltava pior ainda e o tempo só passando, passando.⁴²

Apesar de não ter obtido resultado nas várias casas de Candomblé por onde passou, a entrevistada estava certa de que suas dores de cabeça eram causadas por espíritos, ou seja, era uma doença espiritual e por isso recorreu a diversos agentes religiosos. Quando o tratamento religioso não era eficaz a entrevistada recorria a outro Terreiro de Candomblé. Foi nesse contexto que

(...) a última casa que eu cheguei aí o pai-de-santo ele manifestou com a entidade que chamava Ogum aí ...falou: olha ... você não tem mais nada de Candomblé, por que você não procura uma igreja evangélica, aí eu cheguei fiquei queta (sic), aí pela ignorância, por que quando a pessoa tá em desespero, que não crê em nada agente fala

⁴¹ Entrevista com a Senhora Carolina concedida à autora em 09 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

⁴²Id.

muitas coisa que não é pra falará eu falei: Candomblé que é uma coisa mais forte, uma coisa que faz trabalho tão forte, não resolve, imagine crente vai resolver?⁴³(risos)

Para a entrevistada, mesmo após um sacerdote do Candomblé lhe indicar uma Igreja Evangélica, pois o povo de santo não é exclusivista nem monoteísta, admite a eficácia religiosa em outros grupos, as práticas religiosas candomblecistas ainda eram representadas como eficazes, afinal o contexto social e cultural em que viveu suas experiências religiosas eram fortemente marcadas pelas práticas das religiões de matrizes africanas. Após as várias tentativas frustradas nas casas de Candomblé a entrevistada começou a frequentar um grupo evangélico, migrando posteriormente para a IURD, pois um amigo evangélico a recomendou:

(...)por que você não faz uma corrente na Igreja Universal dia de terça-feira, dia de sexta-feira. **Por que isso aí não é à toa, existe algum mal por trás disso aí**, por que nos exames não dá nada, aí eu fiquei, fiquei, persistindo assim aquele desejo que eu não tinha assim de ir numa igreja evangélica, o único lugar que eu nunca tinha ido era uma igreja evangélica (...) ⁴⁴ (grifo nosso)

Para o amigo evangélico da enferma ela alcançaria a cura na IURD durante os cultos de libertação e descarrego, pois na concepção dele sua doença era espiritual e por isso causada por alguma esfera do mal. Segundo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal: “As doenças espirituais são aquelas que apresentam sintomas de enfermidades sem que os médicos consigam localizar ou diagnosticar as suas causas.”

45

Nesse contexto, podemos destacar como a IURD se propagou no cenário religioso brasileiro e baiano como uma instituição que enfrenta as forças do mal. A ênfase dos iurdianos concentra-se na *Libertação*, que significa a solução dos problemas cotidianos. O Bispo Macedo afirmou que “Doenças, miséria, desastres e todos os problemas que afligem o ser humano desde que este iniciou sua vida na Terra têm uma origem: o demônio.” ⁴⁶

Após várias idas e vindas a Terreiros de Candomblé sem obter solução para suas dores de cabeça a senhora Carolina buscou uma experiência com o sagrado na IURD: “... aí eu comecei a fazer as correntes na Igreja Universal, **achei muito apoio das**

⁴³ Ibid.

⁴⁴Entrevista com a Senhora Carolina concedida à autora em 09 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

⁴⁵MACEDO, Edir. Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Unipro, 2006, p 99.

⁴⁶ id., p.20.

obreira (sic), dos pastor (sic), me ajudava em oração: vou jejuar, vou orar, pra senhora, nesse propósito”.⁴⁷ (grifo nosso)

A entrevistada alcançaria a cura de forma processual, pois a “... a cura não é o resultado direto de medidas terapêuticas, realizadas ao interior do culto mais uma realidade por vezes bastante frágil que precisa ser continuamente negociada e confirmada no cotidiano do doente e dos membros de suas redes de cuidado e apoio.”⁴⁸ Dona Carolina encontrou amparo no grupo religioso. É importante destacar que as correntes de oração funcionam como um tratamento espiritual, por isso foram realizadas pela fiel durante semanas consecutivas para que seus problemas fossem resolvidos.⁴⁹

Para os autores Santos, Koller & Pereira (2004) os grupos neopentecostais:

(...) apresentam-se como um mundo que acolhe e protege, oferecendo o que as pessoas procuram na religião: atendimento das necessidades, sentido para a vida e controle do presente e do futuro. Essas igrejas vêm atuando, consideravelmente no campo da saúde. Prometem cura e amparo emocional, assim como interferem na maneira como os fiéis encaram, elaboram e aceitam o fato.⁵⁰

Com o objetivo de ser curada a Senhora Débora converteu-se à IURD, no ano de 2002, depois de frequentar Terreiros de Candomblé e Sessões de Caboclo durante 33 anos. Quando era frequentadora do Candomblé exercia o cargo de mãe-pequena e na ausência do babalorixá⁵¹, realizava diversas funções, inclusive “mandava e desmandava”.⁵² Mas essa relação harmoniosa e de confiança foi abalada depois que a senhora em apreço não pode participar de uma “obrigação”⁵³ de uma das suas filhas de santo. Em relação ao motivo pelo qual não pode participar afirmou que:

Eu tinha uma filha de santo já, de Feira de Santana e ela ia fazer obrigação, mas eu tava com o dedo que tinha eu tomado essa topada, nesses dias, tava com o dedo inchadão e nessa época eu não sabia que eu tinha problema de açúcar, eu frequentava lá, dava tudo, mas

⁴⁷Entrevista com a Senhora Carolina concedida à autora em 09 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

⁴⁸ RABELO, Miriam Cristina. *Religião e Cura: Algumas Reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas*. Cadernos de Saúde Pública., Rio de Janeiro, jul/set, 1993, p.317.

⁴⁹ Ver MARIANO, RICARDO. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005, p.133-137.

⁵⁰ SANTOS, Elder Cerqueira. KOLLER, Sílvia Helena & PEREIRA, Maria Teresa Lisboa Nobre. *Religião, Saúde e Cura: Um estudo entre neopentecostais*. Psicologia, Ciência e Saúde, 2004, p.83.

⁵¹ É o nome, em iorubá, dado ao sacerdote do sexo masculino nos Terreiros de Candomblé na Bahia.

⁵²Entrevista com a Senhora Débora concedida à autora em 09 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

⁵³No Candomblé após o ritual de iniciação, geralmente a cada sete anos o adepto deve se submeter a um ritual tão importante quanto o da iniciação.

ninguém nunca abriu a boca pra (sic) dizer assim ‘faça esse exame que você tá com problema’⁵⁴

Como no Candomblé e em outras religiões, há uma relação de barganha entre adeptos e as divindades, a senhora recordou insatisfeita que apesar de “dar tudo”, ou seja, de cumprir com sua parte, nenhum membro do terreiro a alertou sobre seu problema de saúde. Dias se passaram e a entrevistada não melhorou do ferimento que tinha no pé, sendo assim avaliou que não teria condições de estar presente no ritual, pois tinha que apresentar em boas condições físicas para conseguir passar a noite inteira em pé realizando a matança, um ritual realizado internamente nos Terreiros de Candomblé, no qual se realiza o sacrifício de animais para as divindades. Diante dessa impossibilidade o pai-de-santo disponibilizou um transporte para que ela se deslocasse até o Terreiro em Cachoeira, mas a senhora recusou. Depois de mandar diversas vezes o transporte buscá-la e ela se negar a ir, o babalorixá “(...) mandou uma carta, mandou o menino vim e trazer um bilhete **se você não vim você vai se arrepender da hora que você nasceu e da hora que você entrou no Candomblé(...)**” (grifo nosso).⁵⁵

O sacerdote deixou bastante explícito que a desobediência da fiel do Terreiro lhe traria consequências ruins que a levariam ao extremo de se arrepender até mesmo de ter nascido. Depois de alguns dias da ameaça, conforme seu relato:

(...) eu amanheci me sentindo mal, uma dor, uma dor no pé da barriga, aquela vontade de urinar quando eu ia cadê? Trancou tudo, eu disse: meu Deus, isso é ele (o pai-de santo) lá, aí tudo quanto era chá que eu sabia, fazia eu ia bebendo só fazia encher mais a bexiga e nada, e nada, aí eu fiquei segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Cinco dias sem urinar e aí já tava me agonizando, parecia que eu já tava morrendo (...).⁵⁶

A Senhora Débora identificou que não estava conseguindo urinar possivelmente devido as maldições do seu babalorixá, o qual havia lhe avisado das consequências negativas de sua ausência e não cumprimento de suas tarefas. Enfaticamente afirmou o quanto estava sentido dor e tinha a sensação que ia falecer. Assim, foi buscar apoio do seu sacerdote, entretanto:

⁵⁴Entrevista com a Senhora Débora concedida à autora em 09 de Fevereiro de 2009 em São Félix-Ba.

⁵⁵Entrevista com a Senhora Débora concedida à autora em 09 de Fevereiro de 2009 em São Félix-Ba.

⁵⁶ Id.

(...) quando eu cheguei lá tava todo mundo na sala sentado aí ele disse: cá, cá, cá, cá quem é vivo um dia aparece, “aí eu disse oh véi (sic) eu tô aqui com uma dor que não me guento (sic) aí ele olhou assim pra mim tornou dá risada aí eu entrei cheguei de junto dele sentei e falei com ele o que eu tava sentido aí ele disse, olhou assim pra mim e virou que tava assistindo filme.⁵⁷

Doente, a entrevistada foi procurar socorro com o sacerdote, mas ele nem sequer lhe deu atenção, pelo contrário, ao dar risadas expressou que já imaginava o que havia acontecido, afinal ele mesmo prometeu o castigo, e estava satisfeito com a situação pela qual ela estava passando. Quando retornou do Terreiro de Candomblé a entrevistada, desolada, afirmou que mandou avisar a sua irmã que já estava em casa “e me joguei na cama, já tava mesmo esperando mesmo só morrer por que a pessoa ficar presa sem urinar aquele (palavra ininteligível) já saindo eu disse: vou morrer, vou morrer, ele me matou, vou morrer”.⁵⁸ A irmã da entrevistada diante daquela circunstância propôs que sua filha, obreira da IURD, fizesse uma oração. Ao recordar aquela situação a entrevistada afirmou que não foi a mão da sobrinha que ungiu o corpo dela, mas a mão de Deus.

Num momento de desespero e sem mais alternativas para resolver seu problema de saúde aceitou a oração da sobrinha, o que a curou e posteriormente motivou seu processo de conversão. Após a oração a entrevistada afirmou que conseguiu dormir, pois fazia dias que passava as noites em claro, bem como finalmente urinou e logo teve vontade de se alimentar. Diante dessas circunstâncias a entrevistada admitiu para sua irmã a cura divina:

(...) ah minha fia Deus é bom, Deus é bom, e não vou sair mais desse caminho, **desse caminho eu não vou sair mais nunca**” aí ela “oh lá fulana, pense bem pra você não **fazer besteira e depois não se arrepender** eu disse: não, eu não vou me arrepender não. ⁵⁹ (grifo nosso)

Como a Senhora Débora tinha sido disciplinada pelo seu sacerdote por ter descumprido suas obrigações enquanto mãe pequena do Terreiro, possivelmente sua irmã estava com receio que ela ao aderir a outra religião sofresse novos “castigos” e viesse a sofrer.

⁵⁷Ibid.

⁵⁸Entrevista com a Senhora Débora concedida à autora em 09 de Fevereiro de 2009 em São Félix-Ba.

⁵⁹Id.

A decepção com o Candomblé fez a Senhora Débora desacreditar na religião que praticava, já que no momento difícil de sua vida o seu pai-de-santo não lhe deu apoio, ou seja, os laços de solidariedade foram desfeitos e como pensava que estava prestes a morrer, não titubeou em aceitar ajuda da sua irmã e sobrinha que já eram evangélicas. No entanto, sua adesão religiosa à IURD foi caracterizada como um processo árduo, pois quando chegava à porta do templo não tinha vontade de entrar. Mas a sobrinha dizia: “(...) oxem tia se a senhora chegou até aqui não dê força não tia, a senhora sabe de onde a senhora tá saindo se a senhora disse que vinha pra (sic) receber a oração (...).⁶⁰

A sobrinha de Dona Débora ao incentivá-la a entrar no templo evangélico, afirmou que a tia possuía conhecimento da religião que estava deixando para trás. Provavelmente a sobrinha da entrevistada acreditava que as divindades do Candomblé estavam impedindo a entrada da senhora no templo, por isso ela disse para a tia não dar força, isto é, reagisse. Caso a Senhora Débora tivesse desistido de assistir o culto era como se as forças espirituais do Candomblé tivessem vencido a “batalha”. Através do convencimento ela então entrou no templo, mas disse que não se lembrava de nada do que havia acontecido durante o culto, pois “(...) ele (o orixá) me pegava, puxava a gravata de pastor, lascava a blusa de obreira, pintava mesmo os caneco (sic) comigo lá dentro da igreja(...).⁶¹

A Senhora Débora ao afirmar que quando chegava ao templo evangélico os orixás se apossavam do corpo dela e confrontavam os pastores e obreiras, certamente relatando um ritual de exorcismo. Ao rememorar a possessão dos espíritos que ocorria nos cultos descreveu seu processo conflituoso de conversão:

foi luta que os pastor e as obreira(sic) teve comigo dentro daquela igreja, toda mão que eu chegava eu via,eu chega e entra, agora o que acontecia lá dentro da igreja eu não sabia, quando eu vinha saber era no outro dia, as meninas conversava assim pela metade por que não explica tudo, aí eu digo:“ai meu Deus, se continuar assim eu não vou mais, por que eu tô indo pra igreja pra me libertar, me ver livre desses troço (se refere aos orixás) e eles vai continuar me pegando na igreja”, eu levei mais de três meses nessa luta, foi feio, a luta foi grande lá,(na igreja).⁶²

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Id.

⁶² Ibid.

A libertação/ conversão não ocorreu momentaneamente, mas de forma processual, como a própria entrevistada afirmou, “foi feio, a luta foi grande”.⁶³ Mas ao final do processo a prática do exorcismo se configurou como uma demonstração da eficácia do poder sacerdotal, pois o corpo de especialistas religiosos da IURD, detentores do capital religioso demonstrou autoridade e supremacia numa disputa de poder simbólico com o grupo religioso concorrente, o Candomblé. Segundo Bourdieu (2007) a especialidade do sacerdote dentro da divisão do trabalho religioso é então legitimada. A Senhora ao recordar este processo de libertação afirmou:

Mas eu não desisti, tive muita força de minha irmã, de minha sobrinha e das outras obreiras de lá também, que tomaram essa guerra, não essa guerra vai ser da gente você vai ser libertada e tudo, e graças a Deus eu me libertei e agora eu tô feliz.⁶⁴

Dona Margarete, que frequentou o Candomblé durante 36 anos, filha de uma ialorixá, convertida às doutrinas da Igreja Batista Missionária em 2005, ao rememorar sua experiência de conversão afirmou:

Eu sentia assim depressão, a minha pressão só andava alta e nada era nada, eu mesmo frequentando o Candomblé, eu ia, mas não via melhora nenhuma aí eu comecei a ir pra igreja depois que eu aceitei Jesus pra glória de Deus, fui curada da depressão e vivia chorando, triste, meus filhos também sofria junto comigo que via a maneira que eu ficava, aí foi, depois que eu aceitei Jesus acabou tudo isso. Me curei do que eu sentia, as coisa (sic) que eu sentia a depressão e outras coisa também, enfermidade no meu corpo que eu tinha, aí Deus me curou. Aí tô aqui e já tenho sete ano (sic) na presença do Senhor e não pretendo, jamais sair.⁶⁵

A cura foi alcançada depois da conversão, logo para Dona Margarete significou que recebeu uma benção divina. Segundo Sueli Ribeiro Mota Souza: “A “cura” é um processo em curso, é também uma questão de sentido e significado e, sobretudo, é possibilidade de encarnar a “face” do curado (a). As mulheres parecem fazer uso mais constante dessas experiências pentecostais, talvez por que aí exista contextos confortais para essa parcela do gênero.”⁶⁶

⁶³ Op. cit.

⁶⁴ Entrevista com a Senhora Débora concedida à autora em 09 de Fevereiro de 2009 em São Félix-Ba.

⁶⁵ Id.

⁶⁶ SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. *Cura e Terapia: Experiência Religiosa de Mulheres Pentecostais*. Salvador: EDUNEB, 2012, p.187.

1.3.2 Sonhando com a prosperidade

A Teologia da Prosperidade é uma corrente teológica que se originou nos Estados Unidos na década de 1940, difundindo que o cristão além de ter sido libertado do pecado original pelo sacrifício de Jesus Cristo, tem o direito já nesta vida, à saúde perfeita, à prosperidade material, a uma vida abundante e sem sofrimento, entretanto depende da fé do fiel obter ou não as bênçãos de Deus, ou seja, essa é uma busca pessoal do indivíduo e não coletiva. Esse individualismo configura-se como uma característica marcante da sociedade capitalista e do protestantismo, bem como de todo aquele que migra e se desinstala culturalmente. Assim “a prosperidade é entendida pelos neopentecostais como uma bênção que pode ser alcançada mediante a fé.”⁶⁷

Essa corrente teológica tem relação direta com a nova realidade da sociedade contemporânea, com os novos anseios do mundo capitalista e com os inúmeros problemas sociais brasileiros, principalmente os relacionados à má distribuição de renda. Assim, a mensagem dos grupos pentecostais se destina especialmente às camadas populares, ou seja, aos grupos de pessoas que mais são afetadas com as desigualdades sociais próprias do sistema capitalista ou ações dos governos que promovem a destruturação cultural da sociedade em nome do progresso e do desenvolvimento, promovendo a criminalização da cultura. Segundo Campos (1997) é importante ressaltar que a Teologia da Prosperidade:

(...) não aposta na desintegração da atual ordem social por meio de uma catástrofe ou revolução apocalíptica como pregavam os pré-milenaristas. Muito pelo contrário ela prega a continuidade das atuais regras do jogo sócio-econômico, o que permite a ascensão social dos que atualmente lugar desvantajoso nesse arranjo social.⁶⁸

Nessa perspectiva, há evidentemente uma nova forma de ser protestante, na qual as bênçãos materiais são interpretadas como um sinal divino, guardando as devidas especificidades temporais pensamos que a Teologia da Prosperidade converge para a tese weberiana, sobre o protestantismo do século XVI na Europa, muito bem estudado

⁶⁷DIAS, Caroline Luz e Silva. *Os neopentecostais em Feira de Santana*: “Da visão celular no Modelo dos 12 ao Mover celular do fruto fiel. Feira de Santana: Dissertação de Mestrado, 2009, p.116.

⁶⁸CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado*: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal, Petrópolis-São Paulo: Vozes- UMES, 1997,p.363.

por Max Weber (2007) na sua obra clássica: *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. Nessa obra, o autor relacionou o surgimento do capitalismo ou as condições necessárias para tal, além de outros fatores, às novas doutrinas religiosas da Reforma Protestante afirmando que:

(...) o desenvolvimento do racionalismo econômico é parcialmente dependente da técnica e do direito racionais, mas é ao mesmo tempo determinado pela habilidade e disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional prática.⁶⁹

Foi nesse contexto marcado por contestações, denominadas de heresias, que o protestantismo emergiu como dissidência do Catolicismo e, simultaneamente, como mais adequado às demandas da economia capitalista. Assim as ideias religiosas que predominaram durante a Idade Média, difundidas pela Igreja Católica, não eram compatíveis com as novas exigências econômicas. Segundo Silva (2002) “Tendo ressaltado a dignidade do trabalho, a Reforma Protestante produziu efeitos e consequências múltiplos na economia e na sociedade europeia moderna.”⁷⁰

Weber (2007) constatou para a sociedade dos séculos XVII e XVIII que os homens de negócios, os grandes capitalistas, os operários de alto nível e as pessoas mais especializadas do período eram filiadas às denominações protestantes. O momento histórico que marcou a modernidade se diferenciou das ideias que eram postas na sociedade feudal, na qual toda e qualquer forma de lucro era reprovada pela Igreja Católica. Os usurários eram vistos como ladrões de tempo. As ideias que perpassavam as questões econômicas e principalmente a obtenção de lucro eram condenadas veementemente pela Igreja Católica. Esse pecado considerado mortal ou em alguns momentos podendo ser minimizado e até perdoado através do arrependimento e da passagem da pessoa pelo purgatório, além de inúmeras obrigações dos parentes após a morte, era um pecado que comprometia a salvação e a condenação máxima era ser destinado ao inferno.

Nesse contexto de transformações do século XVI o protestantismo se adequou aos novos anseios do sistema econômico capitalista ao enfatizar que o trabalho era um designo de Deus. O trabalho passou a ser visto como vocação, um serviço voltado à Deus. Atualmente, o neoliberalismo, final da década de 1970 adensaria essa visão de um

⁶⁹ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.32.

⁷⁰SILVA, Elizete da. *Protestantismo: Visões do progresso e do trabalho no Brasil*. Revista Humanas, ano 01, p. 29-63, Jan/Jun, 2002, p.44.

Deus que propicia a prosperidade material. Houtart ao analisar as relações entre mercado, religião e o neoliberalismo afirmou que:

Quedan, por examinar los discursos religioso com loscuales nos hemos topado y que son de dos tipos. O bien legitimam el mercado em razón de uma eficácia social que se supone corresponde a los requerimientos del evangelio o biensuperponen dos registros que sólo se articulan entre sí por defecto: el vacío creado por el primero (el mercado) se llena com el segundo (el Reino); las contradicciones del primero se resuelven mediante el segundo.⁷¹

O discurso da IURD em relação à Teologia da Prosperidade é bastante difundido no jornal da denominação e também nos testemunhos dos conversos. No Jornal *Folha Universal* encontramos uma matéria intitulada: *Vigília da Prosperidade ensina a conquistar vida abundante*. A reportagem iniciou dizendo que a vida abundante é uma vontade divina afirmando que: “A Bíblia mostra que Deus criou o homem para ter vida abundante. Por isso, não é da Sua vontade que ele passe por uma infinidade de problemas, miséria seja derrotado e fracassado.”⁷²

É enfatizado que Deus promete vida em abundância para todos, mas caso os leitores se perguntem a respeito de tanta desigualdade que existe no mundo a reportagem logo se antecipa, afirmando que existem forças malignas que causam todas as mazelas do mundo. Os leitores são convidados a participarem da vigília de oração com o intuito de aprenderem a conquistar a abundância. Notamos, assim, que os problemas serão resolvidos através do aprendizado da doutrina, simplesmente, sem levarem em consideração as questões políticas e econômicas do momento histórico. Silva (2002) ao analisar a Denominação Batista e sua visão sobre o trabalho constatou que:

Obscureciam ou desconheciam a falta de oportunidade e as condições sociais adversas que perseguem os desafortunados das camadas pobres e, em contraste supervalorizavam a ação individual e a determinação pessoal como critérios para o sucesso, como se vivêssemos em uma sociedade de iguais.⁷³

Para validar o discurso iurdiano, o Jornal *Folha Universal* fez uso de um depoimento de uma senhora que já fazia essa prática de vigília, no qual ela afirmou:

⁷¹HOUTART, François. *Religión, Sociedad y mercado em el neoliberalismo*. México, 1997, p.47.

⁷²CENTRO DE PESQUISAS DA RELIGIÃO – UEFS Jornal *Folha Universal*. 25/06/2000. p. 12A.

⁷³SILVA, Elizete da. *Protestantismo: Visões do progresso e do trabalho no Brasil*. Revista Humanas, ano 01, p. 29-63, Jan/Jun, 2002, p.55.

“Aprendi a forma de vencer os problemas financeiros, ou seja, através da prática da fé e alcançar uma vida verdadeiramente abençoada. ” ⁷⁴Podemos afirmar que, segundo a perspectiva da IURD o exercício da fé resolve os problemas sociais e, caso a pessoa pratique a sua fé extraordinária e não seja cumprida a promessa de Deus, é por que existe o Diabo em guerra com os fiéis. Dessa forma, com o intuito de afastarem os “espíritos malignos”, os fiéis precisam realizar uma constante aliança com Deus, a qual se fortalece através dos dízimos e ofertas.

Em outra reportagem intitulada: *Vida Abundante: Uma Realidade*. O Jornal *Folha Universal* afirmou que a IURD: “tem procurado ensinar as pessoas a lutar contra a miséria e a buscar, continuamente, em Deus, uma vida com abundância. ” ⁷⁵

Dona Maria que frequentava o Candomblé acerca de um ano e se converteu às doutrinas da IURD na cidade de Cachoeira, contou sua experiência religiosa afirmando:

Você creia que quando eu chegava, quando eu chegava aqui, quando eu vinha da Macumba que eu chegava dentro de casa, encontrava; olha *you* precisava ver minha casa quando eu vivia na Macumba pra o que eu tenho hoje. Olhe meu marido não conseguia se aposentar, meu marido é aposentado, se aposentou na presença do Pai.... Por aí você vê, você pode entra na minha casa você vai dizer faz gosto pra o que tava, *passêi uma, que só Jesus*.⁷⁶

Nesse relato percebemos o que a IURD no seu discurso tanto enfatiza que as religiões de matrizes africanas, são cultos aos demônios e portanto são os causadores da miséria e pobreza, quanto a mudança de religião que dá possibilidades da pessoa prosperar. A entrevistada ao comparar como era sua vida material quando era frequentadora do Candomblé e após a conversão, ressaltou que não conseguia ter prosperidade diferentemente da sua situação no período da entrevista, até a aposentadoria do marido havia alcançado. Quando afirmou que “*passêi uma*”, dona Maria provavelmente tenha tentado dizer que quando era adepta do Candomblé enfrentou muitos problemas financeiros. A entrevistada se apropriou do discurso oficial iurdiano, ressaltando os bens que adquiriu após a sua conversão. Conforme Prandi (1996): “Nas religiões afro-brasileiras, os deuses têm fome e é preciso alimentá-los. O sacrifício ritual é necessário em todas as etapas iniciáticas, assim como em todos os

⁷⁴CENTRO DE PESQUISAS DA RELIGIÃO – Jornal Folha Universal. 25/06/2000. p. 12A.

⁷⁵ CENTRO DE PESQUISAS DA RELIGIÃO – UEFS. Jornal Folha Universal *Vigília da Prosperidade ensina a conquista vida abundante*. 30/03/1997. 12 A.

⁷⁶ Entrevista com a Senhora Maria concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

momentos em que se necessita dos favores especiais das divindades.”⁷⁷ No Candomblé é estabelecida uma relação de barganha entre o fiel e as divindades, assim é preciso dar para receber como na IURD também.

Em uma reportagem intitulada: “*Elas sacrificaram e saíram da miséria*”⁷⁸ duas senhoras relatam as bênçãos materiais de Deus nas suas vidas; a primeira senhora depois de ter passado fome com sua família afirmou:

Quando tive a oportunidade de participar da Fogueira Santa de Israel não hesitando em oferecer o meu sacrifício de fé, recebi as maiores bênçãos. Deus restaurou o meu casamento e a minha vida com a família, e somos muito felizes. Além de nos livrar da miséria, também nos deu condições de adquirir casa na praia, duas pizzarias, três carros.⁷⁹

A salvação futura está garantida, mas os fiéis relataram aspirações de consumo típicas da classe média brasileira de possuir automóveis e negócios promissores, além de usufruir de equipamentos de lazer. No testemunho da outra senhora ela relatou sua experiência:

Desde a infância levava uma vida muito sofrida... Chegamos a passar fome... Não tínhamos nem mesmo um cômodo para nos abrigarmos... Quando ouvi o pastor falar sobre tudo o que iria acontecer na vida daqueles que depositassem a sua confiança e fizessem um sacrifício, não aceitei ficar de fora. Mesmo sem condições, fiz meu voto de fé e lutei muito para cumpri-lo. Com muita dificuldade consegui...A primeira bênção foi conquistar uma casa e logo depois o meu próprio comércio.⁸⁰

Nos dois relatos observamos que as senhoras convertidas mencionaram que realizaram sacrifícios, isto quer dizer que o fiel além de dar o dízimo, o qual corresponde a 10% dos seus rendimentos durante o mês, também fizeram o sacrifício, chamado de oferta pelos pastores que se refere a um dinheiro extra, que o fiel destina a conseguir determinado propósito. Esse sacrifício geralmente é o valor que o fiel deve conquistar com esforço, por isso geralmente são quantias altas. Através do depoimento

⁷⁷PRANDI, Reginaldo. *Religião paga, Conversão e Serviço*. Novos Estudos, Julho de 1996, n.º 45, p.73.

⁷⁸CENTRO DE PESQUISAS DA RELIGIÃO – UEFS. *Jornal Folha Universal. Elas sacrificaram e saíram da miséria* 16/07/2000, p. 12 A.

⁷⁹ Id

⁸⁰ Ibid.

da segunda depoente podemos constatar que o sacrifício foi cumprido com lutas e dificuldades. Segundo Mariano:

Ao lado do dízimo, a doação de ofertas com amor, alegria e desprendimento constitui destacada forma de “plantar” ou demonstrar fé. E do mesmo modo que o dízimo, a doação de ofertas, promete-se, resulta invariavelmente numa abundante colheita de bênçãos divinas. Mas enquanto o dízimo corresponde a 10% dos rendimentos do fiel, o valor das ofertas apresenta larga variabilidade, podendo oscilar de alguns trocados até o salário integral. Isto significa que se pode estendê-lo até o limite máximo.⁸¹

O sacrifício é pré-condição para que as bênçãos divinas se materializem, ou seja, a obtenção de bens materiais ocorre através do esforço próprio do fiel. Este passa a ser responsável pela sua condição social, podendo ascender socialmente ou não. Segundo Edir Macedo (2005) isso acontece devido ao poder sobrenatural da fé bem como da própria vontade do fiel e do cumprimento da palavra de Deus, principalmente, a que se refere ao dízimo: “Se o pobre não encontrar um caminho próprio, pelo qual possa subir na vida, independente de quem quer que seja, será muito difícil pra ele alcançar uma posição melhor na sociedade.”⁸² Além da fé Macedo destacou:

(...) devemos dar o dízimo de tudo o que nos vier as mãos; quer seja do salário bruto, quer seja da venda da casa, do apartamento ou do terreno; dos juros de qualquer dinheiro ou investimento financeiro; da herança enfim, de todo dinheiro que nos vier às mãos⁸³

Segundo o pensamento teológico iurdiano, a pobreza passa a ser associada à falta de fé e desobediência aos desígnios de Deus. A pregação não enfatiza a salvação, mas a vida com abundância, riquezas, bens materiais. A promessa é de salvação terrena e não no paraíso futuro. Segundo Dias (2009), analisando os neopentecostais feirenses:

A intensificação desse processo de doutrinar a membresia a pagar cada vez mais os dízimos e doar grandes ofertas para receber em multiplicação de bênçãos materiais, favoreceu as igrejas em vários aspectos. As igrejas se transformaram em empresas de salvação que crescem e buscam ampliar o seu crescimento através dos meios de comunicação.⁸⁴

⁸¹MARIANO, Ricardo O Reino da prosperidade da Igreja Universal. IN: ORO, Ari Pedro. CORTEM, André. DOZZON, Jean-Pierre. (org.) *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

⁸²MACEDO, EDIR. *O Poder Sobrenatural da Fé*. Rio de Janeiro: Gráfica universal, 2005, p. 115.

⁸³Idem, p. 116.

⁸⁴DIAS, Caroline Luz e Silva. *Os neopentecostais em Feira de Santana*: “Da visão celular no Modelo dos 12 ao Mover celular do fruto fiel. Feira de Santana: Dissertação de Mestrado, 2009, p.118.

A Senhora Carla, candomblecista convertida à Assembleia de Deus (AD) apresentou no seu discurso características dos adeptos da Teologia da Prosperidade, ao ser perguntada sobre sua experiência de conversão:

(...) minha vida mudou 100% minha filha, *pra (sic) te dizer melhor até a minha aliança que era de micheline, que eu casei, eu tava na Macumba ainda, Jesus trocou, fez o marido me dá uma de ouro*, minhas coisa que eu tinha que eu morava aqui nessa casa aí da frente aqui tudo Jesus trocou tudo, me deu tudo novo, tudo que eu tenho é novo, é dado pelo Senhor Jesus.⁸⁵

Dona Carla relatou as bênçãos materiais que conseguiu após a conversão, destacando que sua vida foi totalmente transformada quando enfaticamente afirmou que “mudou 100%”, ou seja, na sua interpretação houve uma mudança radical, pois “até” sua aliança de casamento foi trocada por uma de ouro, seguindo o padrão burguês de casamento, no qual a aliança de ouro simboliza a indissolubilidade dos laços conjugais.

Em entrevista com a Senhora Eduarda ela relatou, os ganhos materiais após a sua conversão às doutrinas da Igreja Batista Missionária, como bênçãos divinas:

(...) desse dia pra cá só benção, só vitória, minha vida transformou totalmente aí comecei a ter alegria, ter paz, Jesus me deu logo aqui minha casa aí pra mim foi maravilhas mesmo e eu não deixo meu Jesus por nada, por nada mais nessa vida.⁸⁶

A IURD e as pequenas comunidades protestantes de viés pentecostalizador assumiram um discurso eminentemente proselitista, bem como destinado principalmente às camadas mais baixas da população, anunciando uma mensagem otimista, de que as pessoas terão neste mundo terreno bênçãos sem medida, que a prosperidade é um sinal das bênçãos de Deus e que qualquer problema, seja social, saúde, familiar, psicológico, financeiro será solucionado após a conversão.

A Teologia da Prosperidade prega a vida em abundância, com saúde, felicidade, sem sofrimentos, estes, aliás, são causados pelos demônios, e principalmente, prosperidade material. A Teologia da Prosperidade provocou uma mudança significativa no campo religioso ao romper com a ênfase apenas na salvação após a morte, o paraíso

⁸⁵ Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de Fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

⁸⁶ Entrevista com a Senhora Eduarda concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

tem que ser aqui e agora, depois da morte vão para o céu. A pobreza não é mais um sinal de redenção, mas sim de pouca fé.

O discurso iurdiano afirma que Satanás, o inimigo, que não quer que os cristãos tomem posse das promessas divinas. No intuito de tomar posse das bênçãos de Deus a IURD prega que o fiel tem o poder de determinar aquilo que quer conseguir. Constantemente nos cultos os pastores dizem que o fiel deve fazer um desafio à Deus, além de dar ênfase nas exigências bíblicas que se referem ao dízimo. Todos devem ser dizimistas fiéis a fim de se tornarem sócios do Senhor, sendo assim os fiéis podem exigir o que desejam e o que têm direito de Deus, pois está escrito na Bíblia: “Trazei todos os dízimos a casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós bênçãos sem medida”⁸⁷

A mensagem de prosperidade atrai pessoas da grande massa popular atingidas pelas carências reais da sociedade capitalista, destituídas de um canal para expressar o mal-estar que vivem. A religião atribui sentido à existência humana. Para os marginalizados a pregação de que Deus é o Deus dos impossíveis e que abre portas que ninguém mais fecha, é uma mensagem de esperança e conforto diante da exclusão em que estão inseridos. De certa forma esse discurso legitima o sistema econômico vigente. Conforme Houtart, os grupos sociais marginalizados e socialmente pobres buscam nos grupos religiosos pentecostais:

“(…) una solución frente a la inseguridad y a la vulnerabilidad social; de ahí el paso de una religión basada en la protección, propia de los grupos populares de origen rural, a una religión basada en la salvación, presente más que en las regiones urbanas y en los grupos pentecostales. Por último, se pone también de manifiesto una búsqueda ética dentro del microespacio, la cual sirve de fundamento a formas de ascetismo que permiten satisfacer mejor las necesidades básicas y las relaciones interpersonales, y también sortear mejor los conflictos provocados por las condiciones habitacionales, la inseguridad o las enfermedades.”⁸⁸

Para o sociólogo F. Houtart, devido a essas características os grupos religiosos pentecostais crescem significativamente em bairros com população excluída economicamente e em locais que apresentam uma “classe média empobrecida”. Em Cachoeira podemos observar que os convertidos ao pentecostalismo e

⁸⁷Bíblia. Livro de Malaquias 3:10.

⁸⁸HOUTART, François. Religión, Sociedad y mercado em el neoliberalismo. México, 1997, p.17

neopentecostalismo eram majoritariamente pessoas desassistidas que passaram a pleitear benesses divinas, que atenderiam suas necessidades básicas.

1.3.3 Perseguindo o prestígio social

A religião fornece sentido à existência e pode também propiciar reconhecimento e acolhimento. Uma situação de desamparo ocorreu com a Senhora Antônia, ex-membro da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, foi adepta do Candomblé por 46 anos, convertida a AD em 2003. Esta senhora relatou o que ocorreu com ela depois que ficou doente e internada em um hospital:

(...) mas não tenho aqui eu não tenho um pedacinho de pano aqui que seja da Boa Morte, não quis, não, não, não, sair, sair mesmo, quero nada, nada, nada, quero nada, nada, nada de lá da Boa Morte se me aproveitasse elas lá que era da Boa Morte, me aproveitasse talvez eu ficasse, mas ninguém me deu valor, então eu também não dou a ninguém, né? Graças a Deus que eu tenho meus filhos pra me dá valor eu vim, eu vim de lá de Salvador se eu não tenho meu filho (sic) acho que eu morria até de fome, pela Boa Morte morria, então a minha valença foi Deus primeiramente e meus filhos e se eu não tenho Deus e meus filhos eu morria até de fome por que tava toda, toda ruim, até a cabeça tava ruim.⁸⁹

Nesse momento a Senhora Antônia deixou explícito a sua decepção com o grupo religioso do qual fazia parte anteriormente. Parece que após a sua doença, as irmãs da Boa Morte não lhe deram a devida atenção e acolhida que precisava. A entrevistada deixou evidente que por parte da Irmandade da Boa Morte não houve nenhum tipo de assistência depois que retornou do hospital. De certo modo, a entrevistada se sentiu desamparada e decepcionada com a instituição religiosa da qual foi membro e pela qual dedicou anos de sua vida. O amparo que buscou na instituição religiosa deixou de existir, então procurou outro grupo religioso que lhe confortasse e no qual pudesse refazer seus laços identitários.

Ao perguntarmos sobre a experiência da Senhora Antônia na Irmandade da Boa Morte ela relatou sua trajetória:

Minha experiência? Minha experiência foi boa, foi boa e eu não quero nada lá, nada de lá eu não quero, minha experiência foi muito boa lá,

⁸⁹ Entrevista com a Senhora Antônia concedida à autora em 08 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

cabei de criar meu filho foi indo lá por que quem me levou foi minha comadre, pra Boa Morte, essa que eu era ekede da casa dela,(fulana), foi ela que me levou lá pra Boa Morte, eu levei um bucado (sic) de tempo lá trabalhando pra ela lá, na Boa Morte eu nunca tive cargo, depois foi que eu vim ter cargo e de ser uma pessoa da BoaMorte, mas eu vivia sempre sendo dela, ela me levava e me trazia, minha experiência da Boa Morte eu não tenho o que dizer não. É eu não sei nem o que é que eu tenho que dizer menina (risos)... por que olhe a gente vive no mundo a espera de Jesus, Jesus é quem governa nós, se ele me deixou, me deu o direito de eu sai eu já sai, enquanto ele não tinha me dado direito de sai, eu tava lá, mas todo mundo eu, eu trabalhava na comida, era junto com as colegas, era pedindo esmola, era essa vida,aí Jesus me tirou graças a Deus, obrigado meu Jesus de tu me tirar(pausa) eu tive uma experiência muito boa viu, conheci muita gente de fora, fui em tudo quanto foi lugar pra Salvador, pra os hotel, muita gente, minha experiência conheci muita gente de fora, americano, Argentina, conheci muita gente de fora então foi uma experiência boa.⁹⁰

Nesse trecho da entrevista percebemos que a Senhora Antônia apesar de ter afirmado que sua experiência foi boa na Irmandade da Boa Morte, desejou não ter nada da Irmandade. Afirmou, ressentida, que trabalhou na Irmandade durante muito tempo sem ter tido cargo. Dessa forma, ficou evidente que desejava reconhecimento pelos seus anos de trabalho dedicados à Irmandade e não obteve. Ao mesmo tempo em que agradeceu a Deus por ter lhe tirado da Boa Morte recordou que teve uma experiência boa, pois viajou bastante e conheceu várias pessoas, ou seja, a instituição possibilitou sociabilidade, mas não cumpriu sua função quando a entrevistada ficou doente, o suporte que ela precisava lhe foi negado, a eficácia que os bens de salvação devem propiciar não correspondeu as suas expectativas.

No discurso do Senhor Carlos, já mencionado no texto, convertido à AD também identificamos os relatos das transformações. Em relação a sua própria vida destacou: “Deus tem feito maravilhas na minha vida, graças a Deus, hoje eu na casa do Senhor eu sou diácono, eu sou obreiro na casa do Senhor. Hoje eu tenho um nome a zelar, sou casado, tenho meu filho, então tem feito muitas bênçãos na minha vida hoje.”⁹¹

O cargo que ele tinha na instituição religiosa lhe dava respeitabilidade na comunidade a qual pertencia, bem como perante a sociedade. Essa valorização pessoal foi importante para fortalecer os laços identitários com o novo grupo religioso. Nesse

⁹⁰Entrevista com a Senhora Antônia concedida à autora em 08 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

⁹¹ Entrevista com o Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

relato identificamos que as bênçãos após a conversão não se referem apenas às questões materiais, mas se estende para a área afetiva e familiar, o que permitiu a conquista de autoestima.

Em entrevista com o Senhor Cristiano, adepto do Candomblé desde a infância, o qual se converteu às doutrinas da Igreja Batista Betel, ao rememorar por que saiu do Candomblé, afirmou:

Eu sair porque me chateie com muitas coisas erradas que eu via. E o respeito né? Porque dentro do Candomblé tem aquela hierarquia né? Um respeita o outro. E também quando perdeu o respeito aí foi perdendo a vontade do Candomblé, foi desgostando, me desgostei, mas por que dentro do Candomblé tem que ter o respeito como eu era axogun⁹² todo mundo tinha de me respeitar e depois que o pai de santo faleceu aí a casa desandou né? Aí peguei e me afastei.⁹³

O Senhor Cristiano sentiu-se desrespeitado pela comunidade religiosa do Terreiro de Candomblé que era adepto, pois devido a morte do líder religioso, a organização do Terreiro estava se modificando e muitos deixaram de respeitá-lo, deixando de cumprir o princípio hierárquico da senioridade. Conforme Lima “o barco das iaôs⁹⁴ é a primeira circunstância em que o princípio da senioridade se revela (...)”⁹⁵. A primeira pessoa a ser iniciada no santo pertencente ao barco será respeitada pelos demais e assim sucessivamente. Após a iniciação na religião e conforme os tempos determinados a pessoa pode exercer funções dentro da comunidade religiosa. Os diversos cargos dentro dos Terreiros de Candomblé são denominados por Lima de “Hierarquias de mando”. Dentre os cargos de mando estão a ialorixá ou o babalorixá, os ogãs, as ekedes, entre outros.

1.3.4 Fazendo fiéis e discípulos

“*Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*”, é um texto bíblico⁹⁶, atribuído a Jesus, que convoca todos os seus seguidores à pregação das

⁹²O axogum é o ogã responsável por sacrificar os animais.

⁹³ Entrevista com o Senhor Cristiano concedida à autora em 29 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

⁹⁴ Barco de iaôs significa o conjunto de pessoas que estão se preparando para fazerem o ritual de iniciação no Candomblé.

⁹⁵ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos Candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrupais. Salvador: Corrupio, 2003, p.77.

⁹⁶ Bíblia. Marcos 16:15.

doutrinas evangélicas em qualquer situação. Todos os fiéis devem buscar novos filiados, pois é um mandamento imperativo a ser seguido. No Brasil, um país de minoria protestante e grande diversidade religiosa, o proselitismo tornou-se uma característica marcante dos evangélicos, especialmente os de origem missionária e os novos pentecostais, a exemplo da IURD.

A Senhora Carla, irmã do Senhor Carlos, ex-adepta do Candomblé, convertida em 2002 às doutrinas da Igreja AD, ao perguntarmos sobre sua experiência de conversão ela relatou que após uma decepção com seus Orixás abandonou o Candomblé:

E comecei a visitar a igreja, mas antes de tudo isso teve um pastor aqui na cidade de Cachoeira **Samuel, que mesmo eu no Candomblé, ele me dava um discipulado**, é um ensino bíblico que tem na igreja, é muito importante esse ensino e ele me dava e eu dizia assim: **Mas pastor, o senhor é terrível, o senhor sabe que eu sou da Macumba o senhor vem pra cá me dá discipulado.**⁹⁷(grifo nosso)

Notamos que na concepção da entrevistada, ao afirmar que o pastor era “terrível”, ela quis dizer que o sacerdote era perseverante e mesmo sabendo que a Senhora Carla fazia parte de outro universo religioso não deixava de fazer o proselitismo, isto é fazer novos discípulos. Conforme a entrevistada o pastor respondeu:

(...) não minha amada eu tô fazendo com você o que Jesus colocou no meu coração. Ele subia essa ladeira, que aqui antigamente não era calçado, ele subia molhado de suor, todo vermelhinho de suor, mas vinha me dá o discipulado, toda tarde ele tava aí me dando o discipulado, às vezes agente fazia um piquenique assim e ia pra o rio, ele aí ia com agente, né? E aí eu ficava pensando assim: meu Deus, um pastor, um servo de Deus no meio de macumbeiros(...)⁹⁸

Essa ação cotidiana do pastor Samuel caracteriza o intenso proselitismo realizado pelos grupos pentecostais e neopentecostais. Mesmo diante de inúmeros obstáculos, como rua enladeiraada, sol escaldante e o fato da possível evangélica ser adepta do Candomblé não foram motivos capazes de fazer o “servo de Deus” desistir. A finalidade do pastor era conquistar mais uma “ovelha para seu rebanho”, além de resgatá-la do “caminho das trevas.” Para a entrevistada era algo absurdo e incompreensível a convivência de um pastor “no meio de macumbeiros.” Mas são entre os grupos religiosos de matrizes africanas que os neopentecostais mais buscam fiéis. Há

⁹⁷Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

⁹⁸ Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

toda uma simbologia nas doutrinas, especialmente da IURD, que se assemelha aos elementos ritualísticos das religiões de matrizes africanas.

A entrevistada afirmou que começou a frequentar os cultos da AD depois de perder o emprego, por causa de um feitiço realizado pelas colegas de trabalho, assim se decepcionou com os Orixás e deixou de frequentar o Candomblé.

Dona Laura, frequentadora do Candomblé por trinta anos, convertida às doutrinas da Igreja Batista Betel nos anos 2000, filha de uma ialorixá e membro da Irmandade da Boa Morte, rememorou:

Eu fui fazer essa visita, que muitas pessoas já vinham orando pela minha vida, tinha amigas que me convidava (sic) pra eu ir pra igreja, a vizinha aqui, Bárbara, sempre me convidava pra (sic) ir pra Assembleia, aí fui visitando, fazendo visitas. Por que o homem fala, mas quem convence o homem do pecado é o Espírito Santo de Deus (...)⁹⁹

Dona Laura já vinha passando por um processo de evangelização, pois vizinhas e amigas convidavam para frequentar o templo e outras visitas já tinham sido feitas pela entrevistada antes do dia da sua conversão. Dessa forma, identificamos que a evangelização, o crescimento do número de fiéis e disputas no campo religioso tem sido um fator recorrente na experiência dos convertidos.

De modo semelhante ocorreu com a Senhora Margarete, ex-adepta do Candomblé, neta de uma ialorixá, convertida em 2005 na Igreja Batista Missionária. A entrevistada relembrou que pessoas evangélicas lhe faziam convites para ir aos cultos e assim afirmou:

(...) mas ela disse: não, ainda que você não queira ir pra igreja hoje, mas eu te convido pra (sic) outro dia você ir lá fazer uma visitinha. Aí eu comecei a frequentar a igreja, nem fui na Assembleia de Deus com convite das pessoas assembleianas, fui fazer uma visita já na Igreja Batista Missionária, mas Deus criou uma situação pra eu me achar a ele, aí foi num determinado lugar que eu estava, numa praia que agente tava aconteceu uma confusão e ali eu vi mesmo o livramento que Deus me deu e não só a mim, mas todos que tava a minha volta então através desse algo que aconteceu, desse que Deus. E através dessa palavra que Deus como a palavra diz que pra ouvir comecei a ir com os amigo,(sic) com os primo (...)¹⁰⁰.

⁹⁹Entrevista com a Senhora Laura concedida à autora em 26 de janeiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁰⁰Entrevista com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

As visitas realizadas aos cultos já estavam influenciando Margarete, pois associou o fato de não ter lhe acontecido nada de grave durante uma briga à experiência que estava tendo com Deus. Em mais uma entrevista observamos a importância do caráter proselitista dos protestantes nos processos de conversão, bem como situações que são vivenciadas na vida das pessoas que são identificadas, pós conversão, a presença de Deus, como os próprios convertidos afirmaram que “era Deus trabalhando na minha vida”. Mais uma vez notamos que as estratégias de abordagem dos neopentecostais tem uma importância fundamental no processo de conversão dos candomblecistas. Na maioria dos relatos identificamos que a conversão ocorreu de forma processual, com investidas agressivas e persistentes dos evangélicos, inclusive a IURD disponibilizava um ônibus para transportar até o templo em Cachoeira as pessoas que residiam em São Félix, cidades gêmeas, separadas apenas pelo Rio Paraguaçu.

1.3.5 A crise e a conversão

São nas situações de crise que os sujeitos perdem o sentido de suas vidas e ficam mais propícios a mudarem de filiação religiosa. Nessa perspectiva, a escolha por uma nova experiência religiosa está intrinsecamente relacionada com as emoções. Para Alves “(...) a experiência da conversão não se caracteriza por clareza de ideias, mas pela intensidade das emoções. Ninguém se converte aos ensinamentos de Cristo (...). Na conversão importa quem foi Jesus Cristo e não o que ensinou Jesus Cristo.”¹⁰¹

Carlos, adepto do Candomblé desde a infância converteu-se no ano de 2003 às doutrinas da A.D, quando perguntamos qual foi o motivo que o levou a deixar de frequentar o Candomblé ele relatou:

O motivo que me levou a sair... foi que durante muito tempo, muitos anos envolvido com isso (refere-se ao Candomblé), com esta seita que eu tava. Chegou um dia que Jesus falou pra mim e que isso me levou a sair do Candomblé, foi um momento marcante, mas... foi um momento muito especial para minha vida, por que tava passando por momentos difíceis, chegou um ponto também de eu pensar de fazer besteira (se suicidar) em minha vida (...) ¹⁰²

¹⁰¹ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p.68/69.

¹⁰²Entrevista como senhor concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

Carlos afirmou que vivia momentos difíceis na vida e até pensou em suicídio, ou seja, perdeu o sentido de viver, mas esse momento de crise e desespero, pois pensou em suicídio, permitiu que se convertesse. Desse modo “(...) a experiência da conversão é uma resposta a uma situação de crise. Ela resolve um impasse emocional. ”¹⁰³ Ao iniciar o discurso, o Senhor Carlos fez usos de expressões que discriminam o Candomblé quando afirmou que esteve “muitos anos envolvido com isso” e ao ter denominando o Candomblé de seita, um termo historicamente depreciativo. Para Elizete da Silva (2010):

O conceito de seita existe na teoria, mas ele é polêmico. Na língua portuguesa tem um tom pejorativo: a grande imprensa, abusiva e preconceituosamente, se reporta às seitas desqualificando-as em detrimento das vetustas instituições eclesíásticas. A dicotomia igreja/seita ainda é um resquício do etnocentrismo e do positivismo que prevaleceram nas Ciências Humanas até o século passado.¹⁰⁴

O entrevistado dividiu sua vida em dois momentos ao ter mencionado que “... mas Jesus entrou na minha vida e isso foi um motivo muito grande para que eu pudesse abandonar tudo aquilo que eu vivi, tudo aquilo que um dia Jesus mostrou pra mim que foi ilusão e hoje eu tô (sic) seguindo a Cristo.”¹⁰⁵ A divisão na trajetória dos sujeitos foi recorrente no discurso dos entrevistados, pois para ter um encontro com Deus foi preciso mudar de vida, deixando o passado para trás. A conversão foi um momento de inflexão, de tomar novos rumos na sua existência. Conforme Souza (2012): “O convertido tem que, metaforicamente, nascer de novo e deixar morrer seu ser antigo.”

106

É importante descrever o momento da conversão, pois está se apresentou como uma experiência marcada pela emoção e intimidade com Deus. Em entrevista com o Senhor Carlos, quando recordou o dia de sua conversão afirmou:

Então Jesus aproveitou essa oportunidade que eu tava dando crédito a palavra dele e falou comigo no sofá- eu lembro- falou comigo dia 29 de março de 2003, um dia antes de ir pra igreja, um dia de sábado, e eu fui pra festa nesse dia – eu lembro- que eu briguei na rua, que a

¹⁰³ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p.77.

¹⁰⁴ SILVA, Elizete da. *Configurações Históricas do Campo Religioso Brasileiro*. In: DIAS, André Luís Mattedi. NETO COELHO, Erelino Teixeira. LEITE, Márcia Maria Barreiros. (orgs.). Feira de Santana, UEFS Editora; Salvador: EDUFBA, 2010, p.106/107.

¹⁰⁵ Entrevista com Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁰⁶ SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. *Cura e Terapia: Experiência Religiosa de Mulheres Pentecostais*. Salvador: EDUNEB, 2012.

polícia ainda veio atrás de mim. Por que lá dentro (do Candomblé) eu saía, curtia muito, eu saía, viajava pra (sic) curtir, brigava pelas ruas, então, aquela vida de prostituição que agente levava.¹⁰⁷

A intimidade com Deus é própria do Protestantismo: o fiel se relaciona com Deus, diretamente sem a intervenção do sacerdote. Para os protestantes, não há necessidade de mediadores entre o fiel e a divindade, não precisa nem de padre ou pastor para se relacionar com Deus, é o princípio do sacerdócio universal.

A discriminação em relação ao Candomblé ficou evidente na fala do entrevistado quando ele afirmou que sua vida quando estava no Candomblé era caracterizada por muita curtição, brigas e até mesmo prostituição. Como os Terreiros de Candomblé não são rígidos nos que se refere ao comportamento do adepto, são vistos como uma religião sem regras e sem limites. Para os evangélicos, prostituição não significa apenas praticar relações sexuais com fins econômicos, mas manter relações sexuais fora do casamento, o que provavelmente acontecia com o Senhor Carlos.

Então isso me comoveu mais a sair, por que aí quando eu cheguei em casa, eu chorava, via meu irmão pequeno, eu senti um algo forte dentro de mim, então eu olhei pra (sic) meu irmão e falei: meu Deus, meu irmão gosta de mim, será que ele vai me vê eu crescer nessa vida e vai ser igualmente a mim, não eu não quero isso pra mim, pra minha vida e nisso aí Jesus falou forte comigo, levantei do sofá chorando, senti meu corpo, as minhas pernas paralisar. Jesus falou, eu senti, pensando que ia morrer.¹⁰⁸

Segundo o entrevistado estava tomado pela emoção:

Eu falei: Jesus eu não quero morrer agora meu Deus, me ajuda, Deus falou: então eu te dou uma oportunidade, vá hoje a minha casa que hoje eu falo contigo e fui pra igreja graças a Deus. Então com isso me levou, eu fui tocado naquela noite pela palavra, já ouvindo a voz de Jesus, no meu ouvido zuando. Quando o irmão fez o apelo eu só lembro que eu já tava na frente chorando de joelho e aí aceitei Jesus (...)¹⁰⁹

Carlos relatou que após a decepção com o Candomblé passou a acreditar na palavra de Deus e no dia posterior a uma briga na rua decidiu, após ouvir Jesus, fazer

¹⁰⁷Entrevista como Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁰⁸Entrevista como Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁰⁹Entrevista como Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

uma visita ao templo. Esta foi marcada por uma forte emoção quando percebeu a alegria que seus familiares estavam e os membros da igreja ao vê-lo chegar. A decepção com o Candomblé, a insatisfação com a vida que estava levando, bem como a evangelização realizada pelos familiares e o vizinho o fizeram acreditar na mensagem de outro grupo religioso. O estado de êxtase aconteceu quando foi ao templo e se emocionou com a pregação que seu próprio irmão estava fazendo e se converteu. Segundo Alves (1979):

O converso não enuncia pensamentos. Ele canta sentimentos. Por isto, o símbolo Cristo, no momento da conversão, significa os sentimentos experimentados pela alma. Para o converso, conhecer a Cristo é conhecer os seus benefícios. Cristo é o símbolo para o misterioso poder que provocou a miraculosa mudança subjetiva.¹¹⁰

Dona Laura também destacou em seu discurso a influência dos louvores e pregação que ouviu durante o culto em que se converteu. Afirmou que: “Fui fazer uma visita na Igreja Batista Betel de Cachoeira e chegando lá, ouvindo os louvores, a pregação das obreiras então eu me converti, naquele momento eu aceitei a Jesus (...)”¹¹¹ Esse fato demonstrou que os problemas vivenciados no momento da conversão se misturaram com a emoção motivada pela pregação e pelos louvores. A conversão caracteriza-se pela entrega do indivíduo às suas emoções, sem racionalizar o fato em que estava vivendo, ou seja, converter-se é experimentar os sentimentos e não pensar sobre sua ação ao levantar o braço e atentar aos apelos dos agentes religiosos.

A Senhora Margarete, que foi adepta do Candomblé desde a infância, filha de uma ialorixá, convertida às doutrinas da Igreja Batista Missionária em 2005, ao rememorar sua experiência de conversão, afirmou:

É, eu comecei assim indo pra (sic) igreja visitar por que eu me sentia uma pessoa, por que eu perdi meu marido(...)as palavras, os louvores assim que eu ouvia na igreja, o pastor na pregação, aí foi fruindo assim dentro de mim aquelas palavras, aí eu começava chorar, fui refletindo tanta coisa que tava acontecendo na minha vida e uma tristeza assim, aí começava chorar, chorar (...) ¹¹²

A morte do marido significa que a Senhora Margarete passava por um momento de crise existencial em sua vida e não encontrou o conforto necessário no Candomblé para suportar sua dor. A falta do companheiro desestabilizou a sua vida tanto emocional

¹¹⁰ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p.68

¹¹¹ Entrevista com a Senhora Laura concedida à autora em 26 de janeiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹¹² Entrevista com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

quanto economicamente. De acordo com a interpretação de Alves (1979) sobre o processo da conversão, as pessoas passam a questionar a situação pela qual estão vivenciando e o porquê significa que perderam o sentido. Nesse contexto, ao escutar os cânticos e o discurso do pastor passou a reavaliar sua trajetória de vida. Conforme Alves as causas “para a desestruturação dos sistemas interpretativos”:

Às vezes são crises puramente pessoais: a experiência da morte e do trágico, como a morte de um ente querido, uma enfermidade incurável, um fracasso profissional ou afetivo. Frequentemente as crises são causadas por bruscas mudanças sociais, como os choques culturais, a urbanização, a migração, a depressão econômica, a guerra. Nestas situações o conhecimento do mundo se torna problemático.¹¹³

Em entrevista com a Senhora Eduarda, que foi adepta do Candomblé por mais de 20 anos, foi nora de um babalorixá e converteu-se às doutrinas da Igreja Batista Missionária em 2007, ela narrou:

Foi muito emocionante, chegando lá assim que o pastor começou a pregar aí só vinha assim chorar, chorei bastante, só vinha lágrimas, chorei mesmo de soluçar, mas aí quando ele fez o apelo se alguém queria entregar a vida pra Jesus eu levantei e fui a frente, orou pela minha vida, desse dia pra cá só benção, só vitória, minha vida transformou totalmente aí comecei a ter alegria, ter paz (...)¹¹⁴

Conforme Alves os conversos identificam sua experiência com Deus “Confessando a metamorfose da alma. Antes de Cristo: ansiedade, angústia, culpa, falta de sentido na vida. Depois de Cristo: paz, alegria, certeza. ”¹¹⁵ Uma vida que antes estava marcada pela angústia e pela dor após o rito de levantar a mão e aceitar Jesus como Salvador foi transformada em uma vida “só de bênçãos e vitórias. ” O vazio e a tristeza que a senhora sentia depois da morte do marido com a conversão ao Protestantismo chegou ao fim e foi a partir deste momento que ela “começou a ter alegria”.

A Senhora Antônia, ex-membro da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, foi adepta do Candomblé por cerca de 46 anos, convertida a AD em 2003, quando recordou sua experiência de conversão, afirmou :“Quem me salvou foi quem me disse vá dar testemunho no mundo de quem lhe salvou, foi esse filho de Deus, foi Jesus que

¹¹³ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p. 56.

¹¹⁴ Entrevista com a Senhora Eduarda concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹¹⁵ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p.68.

me salvou, viu minha filha”.¹¹⁶Para Alves (1979) “A conversão, relatada pelo convertido, é uma experiência de comunhão com uma pessoa e não uma experiência didática de aprendizado de uma nova sabedoria.”¹¹⁷

Foi comum nos relatos de conversão identificar nas narrativas as chamadas visões. Estas demonstram que a experiência religiosa da conversão não é algo que pode ser ensinado, mas sim vivenciado. A visão demonstra que o indivíduo encontrava-se em êxtase, pois teve contato direto com o sagrado. O protestantismo de origem pentecostal aceita as visões, ou seja, as revelações divinas ao fiel, como parte de seus rituais.

¹¹⁶ Entrevista com a Senhora Antônia concedida à autora em 08 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹¹⁷ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p.69.

CAPÍTULO 2: TRAJETÓRIAS E BUSCA DE NOVAS EXPERIÊNCIAS COM O SAGRADO: O PREDOMÍNIO DAS MULHERES

A mulher sábia edifica sua casa, a tola a derruba com suas próprias mãos.

Provérbios 14:1 (Bíblia)

Até o presente momento buscamos compreender as múltiplas motivações que possibilitaram a conversão de candomblecistas para as denominações protestantes em Cachoeira-Ba entre 1980 e 2007. Ao analisarmos as experiências religiosas dos sujeitos supracitados identificamos, que em sua maioria as conversões foram de pessoas do sexo feminino, num total de quinze entrevistados doze foram mulheres. Nesse sentido, procuramos entender as peculiaridades da adesão religiosa de mulheres candomblecistas ao protestantismo.

Realizamos nossa análise a partir dos relatos orais das mulheres e dos homens que se converteram, do Jornal *Folha Universal*, dos livros doutrinários *O Perfil da Mulher de Deus*, *O Perfil do Homem de Deus*, *O Perfil da Família de Deus* e a revista *Plenitude*. Com base nessas fontes buscamos compreender a predominância feminina nas conversões, bem como as relações estabelecidas na nova filiação religiosa.

Não há muitos trabalhos historiográficos na Bahia que tenham se debruçado sobre a perspectiva da interface gênero e religião. Neste campo de estudos podemos destacar a tese de Elizete da Silva, na qual dedica um capítulo para tratar das concepções sobre a mulher que anglicanos e batistas possuíam na Bahia no final do século XIX e início do XX. A pesquisa de Bianca Daéb's Almeida sobre a participação das mulheres Batistas no espaço religioso, em Salvador entre 1930 e 1960 contribui para pensarmos as relações de gênero nas instituições religiosas. A pesquisadora concluiu que o posicionamento da Igreja Batista foi marcado pelo machismo que imperava na sociedade em geral. A dissertação de Adriana Santos (2009), no capítulo intitulado: *O Reino de Deus entre a cabeça e a coroa: perfis femininos e masculinos na IURD* destacou como as relações de gênero na IURD foram marcadas pela desigualdade, especialmente, na questão do ministério pastoral, atribuição

exclusivamente masculina, no entanto algumas mulheres membros desta instituição chegaram a exercer cargos na esfera política. Conforme Santos (2009): “O maior posto de prestígio ocupado pela maioria das mulheres iurdianas é o de obreira, uma espécie de ajudante do culto, que auxilia o pastor e seus e seus assistentes na realização da cerimônia.”¹¹⁸ Também no campo da História temos o trabalho de Caroline Dias que ao estudar o G12 em Feira de Santana, escreveu um capítulo sobre as questões de gênero nas denominações protestantes, tratando especificamente do ministério pastoral feminino empreendido pelo G12, compreendendo de que forma esse grupo se apropriou dos textos bíblicos.

No campo das Ciências Sociais temos o trabalho da professora Sueli Souza (2012) que investigou o processo de cura entre mulheres pentecostais destacando que as pessoas do gênero feminino se socializaram nesses grupos religiosos e redefiniram suas identidades. Outro trabalho relevante é a dissertação de José Nunes Santos, mesmo sendo no campo educacional faz uma interface entre religião e educação, demonstrando como mulheres que lideram congregações nos bairros periféricos de Salvador lidam com as questões de gênero.

2.1 CONVERSÃO E CUIDADOS MATERNAIS

A Senhora Eduarda, adepta do Candomblé por cerca de 20 anos, mãe-pequena do Terreiro que frequentava em Cachoeira, converteu-se à Igreja Batista Missionária perguntada por que a maioria das pessoas que se converteram foram mulheres afirmou:

Eu tenho pra mim assim, por que as mulheres são, são mais sofridas então dentro desse sofrimento procura assim um refúgio, um consolo, um conforto né? É Jesus, Jesus nos conforta mesmo, eu tiro por mim, por que foi onde eu encontrei um consolo foi com Jesus, a minha alegria, minha paz, encontrei lá com Jesus e eu creio que muitas devem ser por isso (...)¹¹⁹

Ao identificar como motivação para a conversão de mulheres o sofrimento, a narrativa sugere que o lugar social atribuído à mulher: filha, esposa e mãe, são papéis

¹¹⁸SANTOS, Adriana Martins dos. A Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas 1980-2002. Dissertação de mestrado. Salvador-Ba, 2009. p.119.

¹¹⁹Entrevista com a Senhora Eduarda concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

que responsabilizam e sobrecarregam as mulheres pela administração da casa, tanto no que diz respeito ao trabalho doméstico, quanto aos cuidados com o marido e com os filhos. Nesse sentido, a mulher ao ter como função a sustentação do seu lar, ela é o “alicerce” da casa, assim a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso dos familiares é consequência do bom ou mau desempenho da figura feminina, por isso, tanto sofrimento. Por ser responsável pela vida dos outros seu fardo se torna muito pesado. No entanto, “de forma diversa, percebe-se que as pentecostais das camadas populares têm identificado nos valores religiosos que também propugnam o individualismo os elementos que dão sentido à reestruturação das suas condutas, das relações familiares e das expectativas em relação à vida.”¹²⁰

Conforme Dona Eduarda, adepta do Candomblé por cerca de 20 anos, mãe-pequena do Terreiro que frequentava, mãe biológica de Manoel, um dos motivos que a fez sair do Candomblé foi o sofrimento de seu filho e a falta de acolhimento:

Devido à situação também que meu filho tava passando, aí tudo isso me fez desgostar do Candomblé e procurar Jesus (...). (...) quando nós estamos lá queremos ajuda, um socorro daqueles orixás e no momento não teve nada disso, meu filho era o zelador, ele cortava, ele e aconteceu muitas coisas, muito problema na vida dele, querendo tirar a vida dele, a vida da mulher dele. No momento em que ele estava em aflição não achou consolo nenhum, então eu penso assim se ele cuidava daqueles orixás, se ele alimentava, se ele fazia tudo livrar ele, desse perigo, desse ato que tava acontecendo, foi em vários lugares o próprio demônio queria destruir a vida dele, queria beber o sangue dele. Então essas coisas nós vamos juntando e perdendo aquele amor que tem, aquele gosto e procura outra solução, bate em outra porta.¹²¹

A Senhora Eduarda buscou adesão a outro grupo religioso com a finalidade de eliminar suas aflições, causadas, principalmente, pelos problemas que seu filho estava vivenciando. É importante informarmos que ela aderiu a uma denominação protestante logo após a conversão do filho. Tomando como base esse discurso analisamos como o ideal de maternidade se apresenta e foi internalizado pela entrevistada, ela enquanto mãe que cuidou e protegeu seu filho, já que o Candomblé não estava correspondendo as suas necessidades. Essa foi uma situação atípica, pois geralmente as mulheres se convertem antes do ente familiar que estava precisando de ajuda. Ao afirmar que foi

¹²⁰MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, maio-agosto 2005, páginas 387-396.

¹²¹ Entrevista com a Senhora Eduarda concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

juntando as coisas, dona Eduarda demonstrou que foi perdendo a identificação com o Candomblé por um conjunto de questões, apesar da situação do filho ser a mais relevante.

A Senhora Mônica, adepta do Candomblé desde a infância, neta da ialorixá dona Isabela, converteu-se às doutrinas da Igreja Batista Missionária, ao ser perguntada sobre as razões do protagonismo feminino nas conversões afirmou:

A mulher é quem sofre mais, a maioria das mulheres é que mais sofre, *home [sic] é muito sem vergonha assim, tudo pra ele tá bom, se tiver ruim bebe uma cachaça pronto*, mas mulher não mulher é mais oposição, ela sofre mais, ele é toda dedicada, ela é toda meiga, é toda carinhosa, tudo dói, a mulher tem que ser bem tratada, bem amada infelizmente elas não é (sic) pelas bênçãos que Deus dar e aí ela procura sempre o melhor.¹²²

Apesar de afirmar que para a mulher tudo dói, ou seja, para Mônica a mulher é mais sentimental, mas ao mesmo tempo essa mulher é “segura de si”, ou seja, é uma pessoa que tem coragem para enfrentar suas atribuições, mas para aliviar suas aflições busca consolo na religião. Conforme o discurso da senhora Mônica uma mulher frágil é aquela que não busca solucionar seus problemas e abandona os familiares, pois não suporta as adversidades. O discurso da depoente reforçou a visão de que as mulheres são frágeis e que não devem ter uma vida pública como os homens que podem descarregar suas angústias com os amigos em volta de uma mesa de bar. Socialmente não é aceitável que uma mulher, mãe de família, sente com as amigas para se embriagar, a mulher deve estar no lar cuidando da casa e dos filhos. Assim, Dona Mônica reproduziu na sua fala os papéis socialmente construídos para o homem e a mulher. “Muitas né? Não tá nem aí joga a peteca pro ar e dar o zignal¹²³ delas, vai, *não tá dando certo vai se prostitui* ou se não vende desfaz do que tem como você vê aí, *mente fraca, usada pelo inimigo.*”¹²⁴

Podemos identificar a partir do depoimento da Senhora Mônica que quando os problemas conjugais se tornam frequentes muitas mulheres não aceitam se submeter a certas situações, as quais se apresentam como insuportáveis para as mulheres, estas segundo Mônica, “jogam a peteca pro ar”, ou seja, desistem dos seus relacionamentos. Isso para a entrevistada, que certamente já se apropriou do discurso do grupo religioso

¹²²Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹²³É uma gíria baiana que significa que a pessoa vai driblar uma situação enganando, trapaceando.

¹²⁴Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

ao qual se converteu. As mulheres que desistem dos entes familiares passam a se prostituir, ou seja, se relacionam fora do casamento, o que para a entrevistada não foi interpretado como uma escolha dessas mulheres, mas como ação demoníaca, por isso, elas fraquejaram, conforme as crenças desses protestantes.

A mulher mesmo em si, segura, ela busca mesmo o Senhor, ela quer o que? Se tá com dificuldade na família, tem um Deus que ele restaura, abençoa, ela vai ao encontro de Deus pela família, pelo próprio marido que é miserável, que é prostituto, alcoólatra, tudo de ruim, mas ela procura Deus tanto pra ela quanto pra ele (...) (grifos nossos)¹²⁵

De acordo com Dona Mônica uma mulher determinada, uma mulher “segura” não desistiria do seu casamento, mas buscaria a presença de Deus para aprender a lidar com as situações adversas da vida cotidiana. Para suportar os problemas conjugais e evitar a dissolução do matrimônio, por isso a referência ao texto bíblico “Toda a mulher sábia edifica sua casa, mas a tola derruba-a com as suas mãos”.¹²⁶ A sabedoria significa o mesmo que paciência e tolerância. Para a entrevistada por mais difícil que sejam as circunstâncias a mulher deve se manter firme em prol da família, o marido pode ser o mais “miserável”, a mulher não pode desistir. De acordo com o trecho acima citado da entrevista afirmamos que a entrevistada assumiu sem contestar os papéis culturalmente construídos para as mulheres, independentemente de suas filiações religiosas. A mulher na sociedade brasileira tem como obrigação ser uma boa esposa e boa mãe. Os cuidados com a casa, o marido e os filhos são atribuições naturalizadas como femininas, conforme o discurso androcêntrico e patriarcal, portanto não tem por que a mulher “jogar a peteca pro ar”. Machado (2005) no texto *Representações e Relações de Gênero nos grupos pentecostais*, afirma que:

As histórias de conversão masculinas revelam situações de desemprego, dificuldades financeiras e problemas pessoais na área da saúde nas justificativas para a adesão religiosa ao pentecostalismo já as mulheres quase sempre associam suas escolhas religiosas com as desavenças familiares e as necessidades – materiais e espirituais – do grupo doméstico. Em outras palavras, enquanto os homens procuram a comunidade religiosa em situações que põem em ameaça a identidade masculina preponderante na sociedade, as mulheres se colocam como guardiãs das almas de todos que integram a família, buscando os grupos confessionais sempre que um dos seus familiares se mostre em dificuldades. Nesse sentido, as qualidades alocadas ao gênero masculino no sistema hegemônico de representações parecem

¹²⁵Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹²⁶Bíblia. Livro de Provérbios 14:1.

distanciar os homens das prescrições religiosas de uma forma geral e, em especial, do ethos pentecostal, enquanto os atributos femininos favorecem as experiências das mulheres com o sagrado e os vínculos com as comunidades religiosas.¹²⁷

No entanto, a função de ser a autoridade espiritual da família tornou-se complexa, pois ao mesmo tempo em que reforçou valores da sociedade patriarcal possibilitou a liderança do gênero feminino na esfera familiar. As mulheres de certa forma acabam exercendo o controle da família. De acordo, com a reportagem da *Folha Universal* intitulada: *Reuniões abordam assuntos que afetam diretamente a família:*

Deus outorgou às mulheres a missão de edificar a sua casa e ser a auxiliadora do seu marido. Quando estas agem de acordo com as Sagradas Escrituras, todo o seu lar vai bem e nenhum mal é capaz de atingi-lo. Por outro lado, não são poucas as que tem sofrido amargamente o fracasso familiar, pois envolvidas com os problemas do dia-a-dia, muitas deixaram a tristeza invadir seus corações, desvalorizando-se ao ponto de perder as forças para lutar.¹²⁸

Ao analisarmos a reportagem identificamos que para o discurso iurdiano, o qual não difere muito de outras denominações protestantes, a mulher tem como função manter o lar estruturado e quando os problemas fogem do seu controle, conforme a reportagem elas se entregam a tristeza e deixam de lutar. A expressão edificar a casa, a qual faz parte de um versículo bíblico, significa que a mulher é responsável pela harmonia familiar, e como Deus lhe deu essa incumbência ela não pode fracassar. Compreendemos, a partir da análise da reportagem que o fracasso não se restringiu ao fato de terem problemas familiares, mas referiu-se ao fato de deixarem de preservar pelos seus lares. A edificação do lar foi uma tarefa designada apenas ao sexo feminino.

Na mesma reportagem foi informado, pela pastora¹²⁹ Marilene da Silva, que ministrava as reuniões denominadas de *Reunião das Mulheres Vencedoras*, que ocorreram na Catedral da Fé em São Paulo:

Você deve procurar ser a mulher virtuosa que a Bíblia menciona no livro de Provérbios 31:10, ou seja, uma mulher forte, com caráter e que faz de tudo para manter sua família sempre feliz. Seu marido deve encontrar em você uma verdadeira companheira, e não uma mulher que reclama de tudo; alguém que diga a verdade, sim, mas que com

¹²⁷MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, maio-agosto 2005, p.389.

¹²⁸ Jornal Folha Universal, 01 a 07/07/2001, p.8 A.

¹²⁹ Na IURD mulheres não são ordenadas pastoras, é possível que ela seja esposa de pastor e por isso o título.

palavras de amor, até por que, a verdadeira mulher de Deus sabe a hora de falar e, também de se calar.¹³⁰

Para a líder iurdiana a mulher deve ser forte para fazer tudo pela harmonia familiar sendo uma “verdadeira companheira” para o marido, ou seja, sendo uma esposa que não contraria o cônjuge, que em determinadas circunstâncias precisa calar-se e quando for falar seja mansa e carinhosa. Identificamos que mesmo a IURD não ordenando mulheres como pastoras, a participação feminina como líderes de reuniões destinadas às mulheres significa que a liderança feminina mesmo sendo tutelada pelo corpo sacerdotal masculino, detentores do capital simbólico, possibilitou a criação de espaços do exercício do poder feminino. Apesar de ter afirmado que “o ministério da mulher de Deus é cuidar do marido, dos filhos e da casa.”¹³¹ Não deixou de reconhecer, que o trabalho feminino na “Obra de Deus”, ou seja, fora da esfera do lar existiu, pois “as mulheres de Deus, no ministério terreno do Senhor Jesus Cristo, também participavam no seu trabalho evangelístico, ao lhes prestarem assistência com os seus bens. Posto que o Senhor não tinha emprego, e todo seu trabalho consistia em ajudar as pessoas que chegavam até Ele, elas sempre O cercavam fazendo os mais elementares serviços.”¹³²

Na Denominação Batista ocorria processo semelhante, não havia ordenação feminina, mas muitas mulheres exerciam cargo de liderança. Bianca Almeida (2006) identificou mulheres que exerciam liderança, relações de poder simbólico na Igreja Batista Sião e na Igreja Batista de Plataforma, exercendo cargos e papéis importantes como diretoras das Sociedades Femininas e professoras da Escola Dominical e das escolas anexas aos templos, bem como de colégios abertos também ao público não evangélico.

Em *O Perfil da Mulher De Deus*, o Bispo Edir Macedo, fundador e líder máximo da IURD (2001) afirmou que: “O sucesso de um homem, não importando a profissão que ele exerça, depende muito da mulher que faz parte da sua vida. Ela é, na verdade, co-responsável tanto pelo seu sucesso quanto pela sua desgraça”.¹³³ Às mulheres cabe o papel de cuidar do marido, assim o sucesso do homem na concepção do bispo Macedo depende da mulher.

¹³⁰ Jornal Folha Universal, 01 a 07/07/2001, p.8 A.

¹³¹MACEDO, Edir. *O Perfil da Mulher de Deus*. Rio de Janeiro. Editora: Unipro, p.57

¹³² Id.,p.58.

¹³³Ibid. p. 10.

No que se refere aos perfis feminino e masculino Edir Macedo (2001) afirmou que: “A ele foi dada a capacidade de sujeitar a Terra e dominar todos os tipos de animais. À mulher, porém, foi dada a grandeza de poder gerar um filho no seu ventre. ”¹³⁴ Assim, aos homens foi dada a função de liderança enquanto a principal função dada a mulher foi a procriação, nessa interpretação a maternidade foi concebida como dádiva. Como a maternidade é a função mais importante impingida às mulheres, o bispo Macedo orientou que:

Considerando a Palavra de Deus, no ensino de que a mulher sábia é quem edifica a sua casa, cabe a mulher a responsabilidade da estrutura básica do seu lar. E a educação dos filhos faz parte desta estrutura. É a mulher que cuida da casa, providencia o alimento para as crianças, lava a roupa, enfim, cuida de tudo que se relaciona aos membros da sua família. Assim seus filhos ficam a observa-la atentamente. Além disso, há da parte da mulher uma transferência de caráter para os filhos, muito maior do que por parte do pai, que quase sempre está trabalhando fora de casa. Assim, sendo ela tem a maior carga de responsabilidade na edificação da casa.¹³⁵

A maternidade se sobrepõe em relação à condição de mulher. Quando a maternidade é colocada como principal característica ou atributo feminino o que é enfatizado é o ser mãe e conseqüentemente os atributos de cuidadora e protetora da sua prole, desse modo o ser mulher se confunde com o ideal de maternidade. A mulher não é pensada fora da maternidade, a qual deve ser prioridade em sua vida. Como a maternidade foi uma dádiva de Deus, acabou sendo historicamente naturalizada, não é concebida como uma escolha da mulher, mas como obrigação. Conforme Carolina Teles Lemos: “O modelo de mãe exemplar se consolidou na ideologia que passou a exaltar o papel natural da mulher como mãe, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação do (a) s filho (a) s e limitando a função social feminina à realização da maternidade. ”¹³⁶ A redenção do pecado de Eva é a maternidade, conforme o texto bíblico.

¹³⁴MACEDO, Edir. O Perfil da Mulher de Deus. Rio de Janeiro, p. 12.

¹³⁵ Id., p. 51.

¹³⁶ LEMOS, Carolina Teles. Maternidade e Devoções Marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte de. (org) Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 89.

2.2 CONVERSÃO E PADRÕES ÉTICOS DE COMPORTAMENTO

Converter-se além de mudar o discurso, também é modificar as atitudes e o comportamento cotidiano. No que se refere as mudanças no comportamento feminino após a conversão e diante do marido não convertido a senhora Mônica, já mencionada no texto refletiu que:

(...) por que ela procurando Jesus, *ela ficando uma mulher santa na presença do Senhor*, santa que eu digo assim é uma pessoa já dotada de Cristo, das como é que diz, da presença do Senhor, dotada das bênçãos de Deus, transformada por Jesus Cristo, pela palavra dele então através dela também santificará o marido que a Bíblia diz assim a mulher santa edifica o marido, o marido santo edifica a mulher, ou seja, um dos dois que for pra Jesus vai surgir uma transformação tão grande que o outro vai começar a ver essa diferença e vai começar se ele quer também vai buscar aonde tá jorrando essa fonte (...) ¹³⁷

Os protestantes não adotam imagens, mas admitem que todos os convertidos devem tornar-se santos. Ser uma mulher santa pressupõe deixar de frequentar os pagodes, de vestir roupas curtas exibindo seus corpos, ou seja, deixar de ser mundana. Silva (2009) ao estudar a participação política de membros da Assembleia de Deus, em Feira de Santana, quando referiu-se ao que são práticas mundanas constatou que o fiel “deveria se ausentar do “mundo lá fora” deixando de lado atividades pecaminosas, como as vestimentas que pudessem deixar o corpo em evidência, jogos de todos os tipos, aparelhos eletrônicos, como televisão e rádio, entre outras atividades, a exemplo de lazeres como o cinema.” ¹³⁸

Dona Carla, quanto à mudança em suas vestimentas, rememorou:

Eu, quando eu aceitei a Jesus eu não tinha roupa pra (sic) ir pra igreja, minhas roupa (sic) era tudo escandalosa, por que eu gostava muito de mostrar as minhas costas, o meu umbigo e minhas pernas então eu só tinha calça ou short então eu dizia, mas Senhor como é que eu vou pra sua casa só de calça e short? ¹³⁹(...)

As doutrinas e práticas da AD não permitem que as mulheres usem calças compridas, ou seja, usem vestimenta masculina. Podemos identificar que a entrevistada mesmo recém convertida já havia assimilado o discurso do grupo religioso, conforme

¹³⁷Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹³⁸Ver SILVA, Igor José Trabuco da Silva. “Meu Reino não é deste mundo” A Assembleia de Deus e a Política em Feira de Santana (1972-1990). Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2009, p.93.

¹³⁹Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de Fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

Alves (1979). Para além da apropriação dos usos e costumes da AD, a senhora retrospectivamente fez uma avaliação das roupas que vestia antes da conversão, enfatizando que “minhas roupas era tudo escandalosa”.¹⁴⁰

Nesse discurso notamos que uma mulher evangélica para ser aceita como tal não poderia continuar vestindo roupas que exibissem o corpo. Afinal, para o grupo religioso o corpo é templo do Espírito Santo, mas também fonte de pecado. Cabe a mulher fazer uso de uma vestimenta que não exponha o seu corpo, pois o convertido deve afastar-se das coisas mundanas. Silva (2009) ao estudar a AD em Feira de Santana entre 1972 e 1990 constatou que: “A aparência do converso era fundamental para seu testemunho enquanto crente. As roupas, o modo de se portar, identificavam a construção de uma identidade peculiar aos pentecostais assembleianos na sociedade feirense.”¹⁴¹ A Senhora Carla relatou que a sua prosperidade ocorreu até na quantidade de roupas:

(...) mas eu ia assim mesmo de calça e no decorrer dos dias eu ganhei uma saia depois a irmã me deu outra saia, então eu já tinha duas saias, depois tinha minha filha evangélica aí eu trocava, ia com a dela e com a das irmãs. Hoje em dia minha irmã eu abro meu guarda-roupa assim e digo: Espírito Santo de Deus que roupa é que eu vou vestir aqui.¹⁴²(

É importante perceber como o grupo religioso se mobilizou no intuito de doar roupas adequadas para a recém convertida, pois o costume assembleiano admoesta que as mulheres vistam-se comportadamente e usem saias, orientando que calças são vestes masculinas. Compreendemos esses costumes como configuração de um *habitus*,¹⁴³ o qual é a internalização do discurso do grupo religioso que estabelece as normas e as práticas de maneira consensual. Identificamos que as bênçãos materiais foram alcançadas de forma satisfatória e abundantemente, pois a Senhora Carla afirmou que logo após a conversão não tinha roupas apropriadas para ir à casa do Senhor, mas após se converter tinha tantas peças de roupas adequadas ao *habitus* da AD que ficava em dúvida entre as diversas opções que possuía. Conforme Trabuco Silva (2009) ao estudar a AD de Feira de Santana:

Em diversas atas, encontram-se registros de fiéis suspensos ou excluídos da congregação devido as vestimentas que usavam,

¹⁴⁰ Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de Fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁴¹SILVA, Igor José Trabuco da. “*Meu reino não é deste mundo*”: A Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana(1972-1990). Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 2009, p. 52/53.

¹⁴²Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁴³BOURDIEU, Pierre. A Gênese dos conceitos de *habitus* e *campo*. In: *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

inadequadas a um crente. Estas advertências serviam para homens, mas, principalmente para mulheres. Chamavam a atenção feminina ao corte e tintura do cabelo, a pintar as unhas, a depilar as pernas e sobrancelhas. Estas não eram atitudes dignas de uma cristã, conforme a ótica da Assembleia de Deus de Feira de Santana.¹⁴⁴

As vestes das mulheres cristãs, nestes casos assembleianas, não podem, conforme a denominação, escandalizar o grupo religioso, pois o ideal feminino pregado pela maioria dos grupos protestantes entende que a santificação da mulher requer hábitos discretos como a não exposição do seu corpo, afinal este é considerado templo do Espírito Santo. Além do que o uso de roupas compridas, sem decotes, ausência de maquiagem e adereços ou qualquer traje considerado exagerado, é um sinal de diferenciação em relação aos crentes e não crentes. Essas regras de comportamento requerem recato e pudor, o que está intrinsecamente relacionado à submissão da mulher ao lar e ao marido. Mudar as vestes faz parte do processo de disciplinarização do corpo, o novo convertido precisa abandonar os costumes e práticas mundanas, isso faz parte do processo de redefinição da identidade do sujeito convertido. Célia Santana Silva ao estudar as mulheres convertidas às doutrinas da Assembleia de Deus, em Recife-Pe identificou que: “a redefinição da identidade das mulheres ao absorverem os elementos contidos no discurso pentecostal da Assembléia de Deus, necessariamente altera seu comportamento tanto no espaço físico quanto na sua aparência e visão de mundo.”¹⁴⁵ A antropóloga Hulda Stadler ao estudar as mudanças cognitivas de pessoas convertidas ao pentecostalismo constatou:

Cristãos que vem de experiências de baixa condição de vida e baixo background educacional precisam de experiências mais concretas como deixar de fumar, beber, e outras para transferirem a aprendizagem de conceitos complexos de mudança na vida por imagens cotidianas concretas dessas mudanças e de seus resultados.¹⁴⁶

Diferentemente dos protestantes tradicionais e de grupos pentecostais como a Assembleia de Deus, a IURD caracteriza-se por ser uma denominação que dialoga com as questões consideradas mundanas e nesse sentido não exige padrões de vestes tão

¹⁴⁴SILVA, Igor José Trabuço da. “*Meu reino não é deste mundo*”: A Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana(1972-1990). Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 2009, p. 50

¹⁴⁵ SILVA, Célia Santana. *Identidade feminina no contexto pentecostal da Assembleia de Deus*. Dissertação de Mestrado. Recife-Pe, 2001, p.60.

¹⁴⁶ STADTLER, Hulda. *Conversão ao pentecostalismo e alterações cognitivas e de identidade*. Revista de Estudos da Religião- REVER, nº 2, 2002, pp.112-135, p.112/113.

rígidos. Segundo Mariano: “(...) as neopentecostais nem chegaram a adotar o antigo figurino. Os neopentecostais vestem-se como todo mundo. Usam brincos, pulseiras, colares, cosméticos. Decidem o corte, o penteado e o comprimento de seu cabelo. Ouvem radio, assistem TV, vão a festas. Quanto à proibição ao tabaco, às drogas, ao sexo não-marital, aos jogos de azar, nenhuma alteração ocorreu com o surgimento das neopentecostais. ”¹⁴⁷

Sobre a vaidade feminina o Bispo Edir Macedo orientou as fiéis iurdianas com algumas recomendações:

Não há absolutamente nada de errado quando a mulher se maquia, arruma o cabelo com adereços, corta, pinta, enfim, faz tudo que acredita ser o melhor para ter uma aparência bonita. Aliás, é dever de toda mulher, especialmente se ela é de Deus, procurar ter a melhor aparência possível, para se apresentar na igreja ou em qualquer outro lugar. Isto, entretanto, não deve exceder os limites, para que não se vista e se maquie de tal forma que atraia a atenção de todos.¹⁴⁸

Apesar de não proibir a vaidade feminina e até mesmo incentivá-la, o bispo Edir Macedo advertiu que: “Todo o zelo que tiver com o seu exterior deve ser observado com a máxima discrição e simplicidade. As vestimentas sensuais e exóticas são condenáveis pela Palavra de Deus, uma vez que excedem o bom senso, além de fazerem transparecer um caráter totalmente inverso ao de Deus. ”¹⁴⁹ Ou seja, a mulher pode ser vaidosa, mas dentro de certos limites, no intuito de não desobedecer, conforme o grupo religioso, os mandamentos divinos e nem de escandalizar a comunidade que é membro. Para o Bispo Edir Macedo: “As mulheres que deixam extravasar sua sensualidade, quer através do seu comportamento, quer de suas vestimentas, agem dessa forma por que têm um espírito demoníaco, chamado pomba-gira. Por acaso não procedem assim as prostitutas quando querem atrair clientes? ”¹⁵⁰

Foi recorrente no discurso religioso iurdiano presente no jornal Folha Universal, bem como nos livros doutrinários, a associação entre comportamento feminino tido como transgressor do ponto de vista sexual e entidades do Candomblé, principalmente a Pombagira. A Pombagira nos Terreiros de Candomblé são Exus femininos sendo então

¹⁴⁷ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo. Edições Loyola, 2005, p. 210.

¹⁴⁸ MACEDO, Edir. *O perfil da mulher de Deus*. Rio de Janeiro. Editora: Unipro, p 37.

¹⁴⁹ Id.

¹⁵⁰ MACEDO, Edir. *O perfil da mulher de Deus*. Rio de Janeiro. Editora: Unipro, p 37.

entidades responsáveis pela comunicação entre os adeptos da religião e os orixás, por isso os Exus são denominados de mensageiros. Para Capone: “Em geral, a Pombagira encarna o estereótipo da prostituta, mas também o da mulher que se rebela contra a dominação masculina. Ela, portanto, é invocada em todo trabalho de magia amorosa.”¹⁵¹

Almeida e Silva no texto: *Mulheres Protestantes: Uma Trajetória nem sempre submissa*, afirmaram que a simbologia de Maria estabelece duas funções sagradas para o sexo feminino: a maternidade e a pureza. Para as autoras: “Esse ideal feminino implicava recato e pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora de filhos e filhas.”¹⁵²

Manoel, candomblecista desde a infância, neto de babalorixá e sobrinho de ialorixá, converteu-se às doutrinas da Igreja Batista Missionária em 2007. Ao ser perguntado sobre o fato de haver uma maioria feminina entre os convertidos, afirmou:

É se nós olharmos pra população existe mais mulheres do que homens e a mulher é mais sofrida, muitas se entregam ao Evangelho pelo fato de sofrer no relacionamento muitas procura um relacionamento no Evangelho pelo fato de sofrer muito, de homens trair, então elas procuram um relacionamento no Senhor pra que haja fidelidade do marido e outras vai pelo amor também e outras pelo chamado mesmo de Deus.¹⁵³

O princípio de um único padrão de comportamento sexual para homens e mulheres, presente nos grupos protestantes, possibilita para as mulheres a esperança que haja fidelidade. A prescrição de uma conduta sexual monogâmica e dentro do relacionamento matrimonial oferece esperança para as mulheres, mas não podemos afirmar que as mulheres convertidas terão certeza da fidelidade de seus companheiros, pois as orientações religiosas quanto à sexualidade podem ser transgredidas. Na sociedade brasileira as diversas relações sexuais dos homens são sinônimo de virilidade enquanto exige-se da mulher discricção e fidelidade, ou seja, um padrão sexual adequado

¹⁵¹ CAPONE, Stefania. A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 109. Ver também MENEZES, Nilza. Arreda homem que aí vem mulher: Representações da Pombagira. São Paulo: Fortune, 2009.

¹⁵²SILVA, Elizete da & ALMEIDA, Bianca Daeb's Seixas. *Mulheres Protestantes: Uma Trajetória nem sempre submissa*. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon de Araújo. ALMEIDA, Vasni. (orgs). *Fiel é a Palavra: Leituras Históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p. 368.

¹⁵³Entrevista com o Senhor Manoel concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

aos princípios cristãos. Assim, a diferenciação no comportamento sexual masculino e feminino torna a relação entre os sexos assimétrica. Conforme Machado:

A doutrina pentecostal enfatiza os valores associados à subjetividade feminina, mas tal fato não deve ser interpretado como um simples reforço a submissão das mulheres, uma vez que esses princípios, bem como os constrangimentos à sexualidade, são extensivos aos homens da comunidade.¹⁵⁴

Em relação ao menor número de conversões masculinas, o entrevistado Senhor Manoel convertido à Igreja Batista Missionária afirmou:

Os homens desde o princípio foram machistas e ainda são machistas, muitos tem vergonha de seguir o Evangelho, mas Deus quando tem um chamado na vida de um homem não tem machismo certo, por que ele vira criança, lá ele chora lá ele se aquebranta(...) ¹⁵⁵

Para o entrevistado mesmo o homem sendo “macho”, diante de Deus ele admite suas angústias e aflições e demonstra seus sentimentos. Talvez a vergonha se apresente, pois para o homem ser “crente” esteja associado a fraqueza.

A Senhora Vanessa, ex-adepta do Candomblé quando relatou a sua conversão pela primeira vez às doutrinas da AD entre 2003 e 2004, quando questionada sobre a predominância feminina nas conversões, opinou:

A mulher é mais sensível, ela é mais ouvinte, a mulher ela pensa logo nos filhos, aquilo que ela não quer ela não vai querer dar pro filho se for ruim, se for bom vai querer abraçar logo todo mundo. E o homem não, o homem às vezes ele é até sensitivo, mas ele vai pensar: - E o que é que o amigo vai dizer, o que é que o outro homem vai dizer – Ah eu ser crente, botar uma Bíblia debaixo do braço. E a mulher não tá preocupada muito com isso não. O homem é mais agreste, mais duro, mais machista e pro homem o preconceito é maior quando ele passa a ser cristão. A crítica, a gozação é muito maior.¹⁵⁶

Na concepção da Senhora Vanessa se converter ao Protestantismo, para o sexo masculino, é sinônimo de fragilidade. Para o homem significa admitir que não foi capaz de resolver seus problemas e por isso buscou consolo com Deus. A questão do preconceito levantada por Vanessa é de fundamental importância para compreendermos a dificuldade masculina em converter-se ao Protestantismo. Podemos conjecturar que

¹⁵⁴ MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, maio-agosto 2005, p389.

¹⁵⁵ Entrevista com o Senhor Manoel concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹⁵⁶Idem.

para os três sujeitos, do sexo masculino, entrevistados nesta pesquisa a conversão a um grupo religioso cristão pode ter sido mais difícil do que para as mulheres, pois para a sociedade em geral as mulheres são por natureza frágeis e dóceis. Nessa perspectiva, a conversão feminina reforçaria papéis sociais atribuídos às mulheres, enquanto que para os convertidos do sexo masculino, de certa maneira, poderia negar a identidade socialmente exigida para os homens, que bebem, fumam e tem várias mulheres.

A Senhora Vanessa ao refletir sobre as especificidades das conversões masculina e feminina reconheceu a predominância feminina nos grupos religiosos devido ao fato do homem gostar de curtir a vida:

Por ser homem. O homem pode tudo, mas quando passa e fala que é crente, se é de curtir, pegar as gatinhas. É diferente, mas é diferente, você vê que na igreja tem mais mulher do que homem. A mulher vai mais, ela tem mais problemas, é família, é marido, aí sempre se apega mais e bem na verdade a maioria das religiões é mais mulher. Qualquer uma outra, não é só o Candomblé, não é só o crente, **todas** que você vai é mais mulher.¹⁵⁷

Identificamos a partir do discurso da Senhora Vanessa que ela diferenciou os papéis sociais delegados ao homem e a mulher, como consequência, na nossa concepção, do androcentrismo da sociedade em geral, afinal “o homem pode tudo”, ou seja, na interpretação da entrevistada os homens têm a permissão de se divertir e se relacionar com várias mulheres o que na sociedade brasileira é proibido para as mulheres. Para a entrevistada o espaço religioso protestante, não permite que o homem “crente” tenha esse tipo de comportamento. Nesse sentido, da mesma forma como os rígidos padrões éticos e de moral sexual são motivos para atrair as mulheres, esses mesmos motivos servem para afastar os homens do espaço religioso protestante. Além das regras morais que devem ser seguidas, a entrevistada apontou para o fato das mulheres terem mais “problemas” do que os homens. Mais uma vez observamos a responsabilidade que a sociedade, bem como os grupos religiosos, atribuem à mulher. Os problemas femininos a saber, problemas com filhos e maridos, são imbricados com as questões familiares, cabendo, geralmente, à mulher manter a harmonia do lar.

Conforme Machado (1996):

As atribuições de gênero sugerem, então, que a participação em movimentos de caráter pentecostal tem efeitos diferentes nas relações familiares, de acordo com “o sujeito” da conversão e do tipo de adesão à comunidade: se solitária ou conjunta. Isto por que acredito

¹⁵⁷ Entrevista com a Senhora Vanessa concedida à autora em 24 de abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

que a conversão dos homens implica uma forte ruptura com o estilo de vida anterior e pode resultar numa maior paridade entre os cônjuges, enquanto a das mulheres apenas reforça as tradicionais atitudes de abnegação e sacrifício, características do padrão patriarcal de relacionamento familiar. Em outras palavras: os casais em que apenas a mulher aderiu ao pentecostalismo ou à Renovação Carismática reproduzem o padrão assimétrico de relacionamento familiar da cultura brasileira apesar de toda ênfase posta por estes movimentos na igualdade espiritual e na responsabilidade individual pela salvação da sua pessoa e do seu grupo. Dessa forma, em vez de ajudar a diminuir as tensões domésticas e a distância social entre os membros da família, o apego às regras de santificação e a ênfase na necessidade de alterar o comportamento moral das mulheres pentecostais provocariam uma atitude de abnegação e sacrifício, suavizando os conflitos mediante uma acomodação mediante às situações vivenciadas.¹⁵⁸

O Senhor Carlos, adepto do Candomblé convertido à Assembleia de Deus, relatou que quando era fiel do Candomblé não precisava seguir padrões éticos e morais rígidos “(...) por que lá dentro eu saia, curtia muito, eu saia, viajava pra (sic) curtir, brigava pelas ruas então, aquela vida de prostituição que agente levava.”¹⁵⁹Diferentemente do que lhe é exigido após a conversão ao pentecostalismo. Assim, analisa Márcia Thereza Couto ao estudar adesão religiosa e redefinição de identidade em um bairro periférico em Recife-PE:

(...) um dos grandes entraves da adesão e pertencimento religioso masculino, a despeito de todos os esforços femininos, relaciona-se à exigência da adoção deste novo ethos, que imprime a necessidade de reconceitualizar os espaços de atuação masculina, impondo uma certa diminuição da referência que o espaço da rua até então lhes imprimiu. Se a rua pode ser considerada para o homem como seu lugar simbólico por excelência, por que representa, a um só tempo, o espaço de liberdade e anonimato – onde pode dar vazão a seus impulsos sem o olhar repressor dos conhecidos-parentes, assim como a seus sentimentos de tristeza e fracasso -, e espaço da sociabilidade e lazer (da bebida com amigos dos jogos, bares e farra); a solicitação de sua (re) inserção na casa e na família parece ser bastante custosa. Isto por que demanda o desempenho de novas atribuições – como bom pai que valoriza a convivência com a mulher e os filhos- ou mesmo num outro espaço – Igreja- que constitui um meio termo entre público e privado. É para esse novo lócus de referência que deverão estar voltadas boa parte das atividades de lazer, em comunhão com os novos ‘irmãos’ da ‘família de fé’.¹⁶⁰

¹⁵⁸MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. São Paulo: ANPOCS, 1996. p.89/90

¹⁵⁹Entrevista com o Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁶⁰COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. Revista: Antropológicas, ano 6, volume 13 (1): 15-34, 2002, p.31.

É importante relativizar o discurso do Senhor Carlos, pois apesar dos Terreiros de Candomblé não proibirem relações extraconjugais, não significa que seja uma religião sem pudores ou regras morais, por exemplo, em períodos ritualísticos proíbe-se as atividades sexuais mesmo entre os cônjuges. Conforme o Senhor Cristiano, adepto do Candomblé desde a infância, convertido à Igreja Batista Betel ao relatar como era sua vida quando estava no Candomblé rememorou:

Chegava época de janeiro e eu já mudava pra lá (para o Candomblé) de mala e cuia né? Ficava o mês todo lá, só vivia só pro Candombré (sic). Na verdade eu não trabalhava, eu trabalhava só tocando, que viajei muito pra tocar, o pessoal me pagava, depois eu, depois que eu conheci Vanessa aí fui mais me afastando por que eu tinha que ter meus resguardos, na hora que era solteiro menos mal, mais depois que eu passei a ter esposa aí não dava mais pra frequentar mais o Candomblé, ter resguardo, não podia dormir na cama com a esposa, tinha que dormir separado aí fui me afastando mais ainda.¹⁶¹

Conforme o Senhor Cristiano, as restrições sexuais impostas quando era ogã do Candomblé, fez com que ele se afastasse após ter conhecido sua esposa Vanessa, esta também sujeito desta pesquisa. Afirmou que vivia para o Candomblé, era ao mesmo tempo sua religião e seu trabalho, mas depois de ter conhecido sua esposa essa situação mudou, pois abstinência, as restrições em relação a sexualidade dificultavam o relacionamento. Quando perguntamos sobre o motivo da sua conversão narrou que: “Primeiro eu casei com minha esposa, ela virou evangélica então não ia dar certo, ela seguindo um Deus e eu outro, então tinha de acompanhar ela ou ela me acompanhar. E eu vi que o Deus dela era melhor de que o meu né? Então fui acompanhar ela.”¹⁶² A conversão da sua esposa foi importante para sua tomada de decisão. Na interpretação do entrevistado a diferença de religião entre ele e a esposa, poderia ser motivo para conflitos conjugais.

O Senhor Cristiano se converteu e permaneceu na denominação religiosa por pouco mais de um ano e atualmente não tem religião. Quando o questionamos por que saiu da denominação ele afirmou: “tem coisa que quando você é evangélico que você fica perturbado, como o carnaval. Oh, eu amo o carnaval, São João nem tanto, mas carnaval. Mas na hora que você tá dentro da igreja cê (sic) pode esquecer essas coisa (sic) do mundo, né? E eu não conseguir esquecer, então é difícil, né?”¹⁶³ O

¹⁶¹Entrevista com o Senhor Cristiano concedida à autora em 29 de Abril de 2013.

¹⁶² Id.

¹⁶³ Ibid.

entrevistado não permaneceu na denominação protestante por que não conseguiu “esquecer os prazeres mundanos”, não conseguiu abandonar as práticas de outrora. Constatamos que a ética rigorosa contribuiu para afastar pessoas das congregações evangélicas.

A fragilidade atribuída aos homens que se converteram a denominações protestantes não pode ser direcionada a todos os grupos religiosos. Os três senhores adeptos do Candomblé e convertidos a denominações protestantes, mesmo quando faziam parte de outro grupo religioso, o Candomblé, não significou que eram vistos socialmente como fracos, pois a religião de matriz africana foi uma herança familiar além de nesse espaço terem exercido cargo de liderança. Os três convertidos do sexo masculino exerceram o cargo de ogã, o que lhes proporcionava respeitabilidade dentro da comunidade religiosa afro-brasileira. Mas, não podemos desconsiderar que, normalmente, entre os grupos protestantes os cargos de liderança são ocupados por membros do sexo masculino.

Analizamos esta diferenciação entre as atividades religiosas exercidas pelas mulheres convertidas e pelos homens. Três mulheres entrevistadas afirmaram ter a função de intercessoras, ou seja, serem responsáveis pelas orações destinadas a comunidade religiosa e uma delas além de intercessora era responsável pelas aulas de coreografia no grupo infantil, além de ministrar aulas na Escola Bíblica para a classe infantil. Enquanto, um dos entrevistados, o Senhor Carlos era diácono, uma espécie de ministro responsável pelos cuidados assistenciais, o Senhor Manoel exercia funções de liderança, principalmente, na ausência do pastor e o Senhor Cristiano não exerceu nenhum cargo quando se converteu à Igreja Batista Betel.

O Senhor Manoel em relação as suas atribuições no Terreiro de Candomblé rememorou a importância das suas atividades religiosas:

(...) a mim foi incumbido o cargo de ogã, eu era axogum da casa, onde eu sacrificava os animais e oferecia aos orixás, tinha também por função alabê, de tocar os atabaques para os orixás dançar (...) Eu praticamente no Candomblé eu era a mão direita da mãe de santo que quando estava lá a pouco tempo tinha pessoas para ajudar a casa, a maioria começou a viajar e eu fiquei praticamente sozinho, só eu de ogã praticamente, então eu fazia quase todas as funções praticamente na casa, eu dava banho nos Exus, eu acendia velas pros Exus, eu como eu já disse eu cortava pros animais na hora das obrigações, da

matança. Tudo isso era eu que fazia e tinha alguém também que me ajudava, eu levava despacho pra (sic) cemitério, pras encruzilhadas, pras (sic) matas, pras (sic) pistas. Tudo tinha por incumbência de eu fazer isso aí.¹⁶⁴

Ogã é o nome dado a pessoa do sexo masculino que pode desempenhar as mais diversas funções ritualísticas dentro do Candomblé. As funções que são atribuídas aos ogãs não podem ser desempenhadas por pessoas do sexo feminino. Conforme Lima dentre as diversas funções atribuídas aos ogãs, existem “2 ou 3 cargos que são indispensáveis à estrutura do grupo: o pejigã, axogum e alabê. Esses cargos têm fundas implicações ritualísticas e são exercidos por ogãs que “foram criados no candomblé”, geralmente filhos ou sobrinhos de filhos de santo da casa, ou de pessoas da intimidade das mães e pais de santo. O pejigã é o “guardião do peji”, do quarto de santo (...)”¹⁶⁵

Lima também diferenciou a função do axogum, o qual “corresponde ao sacrificador, ao que faz a matança para os orixás, o que “pega na faca” ou o que “corta” (...).¹⁶⁶ Ainda na definição de Lima “a função do axogum é de extrema importância no Candomblé, por suas implicações rituais, vez que o sacrifício de animais constitui um dos atos simbólicos mais efetivos do culto.” ¹⁶⁷“O último dos três ogãs com funções específicas é o alabê, encarregado da orquestra do candomblé e personagem da maior importância na hierarquia da casa. O alabê deve conhecer todas as cantigas da nação da casa, seus toques especiais, a adequação das cantigas, ter uma forte personalidade, além de ser excelente músico e cantor.¹⁶⁸

As funções atribuídas ao Senhor Manoel são de extrema importância nos rituais do Candomblé, como vimos nas definições de Lima. O entrevistado tinha prestígio e respeitabilidade dentro do Terreiro de Candomblé que era adepto. Ganhou legitimidade para exercer essas funções designadas para os ogãs, pois desde a infância havia se iniciado além de ser sobrinho da ialorixá.

Na reportagem intitulada “*Pomba-gira*” fazia de sua vida um inferno a depoente Rosilene Paulina frequentadora da IURD no Rio de Janeiro narrou que:

¹⁶⁴ Entrevista com o Senhor Manoel concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹⁶⁵ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003, p.94

¹⁶⁶ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003, p.96.

¹⁶⁷ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003, p.96.

¹⁶⁸ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003, p.97.

(...)comecei a trabalhar para pomba-gira, para ter meus **caminhos sentimentais aberto**. Passava perfumes para conseguir homens, houve semanas em que saía com sete, conta. Mais tarde quando tinha 17 anos, se envolveu com um rapaz muito ciumento, mas ela não ligava e o traía. Apanhava todo dia, não podia sair nem para ver a família. (grifo nosso)¹⁶⁹

É importante ressaltar a utilização da mesma linguagem usada nos Terreiros de Candomblé, isso ficou evidente através da expressão “caminhos aberto”¹⁷⁰. Analisamos que no discurso iurdiano, devido a influência da entidade pomba-gira, os caminhos foram abertos para uma vida sexual promiscua, já que a depoente chegou a se relacionar com sete homens diferentes em uma mesma semana. Na mesma edição do jornal encontramos o relato da trajetória de uma mulher baiana, residente em São Paulo, que para reconquistar um antigo namorado “passei a frequentar o espiritismo. A mãe-de-santo me aconselhou a esquecer-lo, pois existia coisa melhor para mim. A partir daí só apareciam homens casados na minha vida, pois eles queriam apenas uma aventura. Ainda assim, vivia saindo com esses homens, era a própria “pomba-gira”.¹⁷¹

A partir da análise desse depoimento identificamos que a intenção da reportagem foi demonstrar que além de não ter conseguido restaurar seu antigo relacionamento, as relações afetivas da depoente eram com homens casados, ou seja, no discurso a “vida sentimental” da entrevistada piorou, mas encontrou uma solução ao receber o convite de um amigo para participar de um culto da IURD, assim relatou no texto do jornal iurdiano:

Chequei na Igreja Universal numa sexta-feira e manifestei com espíritos malignos... **Tudo que o pastor falava era como se fosse para mim e eu só chorava**. A partir de então, passei a frequentar a Igreja todos os dias. E num domingo pela manhã, na reunião do Espírito Santo, tive um encontro verdadeiro com Deus. **Fui totalmente liberta e abençoada**. E hoje é uma pessoa muito feliz e sua vida sentimental também é uma benção. Casada com um homem de Deus, Valdice aconselha a todas mulheres e jovens, que sofrem principalmente na vida sentimental, a buscarem ao Senhor na Igreja Universal do Reino de Deus.”¹⁷² (grifo nosso)

¹⁶⁹Jornal Folha Universal, 30/03/1997, página 4.

¹⁷⁰ Essa expressão é frequentemente usada nos Terreiros de Candomblé para designar que não há mais impedimento, do ponto de vista espiritual, para que determinada pessoa alcance seus objetivos.

¹⁷¹ Jornal Folha Universal, 30/03/1997, página 5.

¹⁷² Id.

A depoente foi ao culto num dia de sexta-feira, no qual a IURD realiza os cultos denominados de sessão do descarrego, dias nos quais dedicam a reunião às práticas de exorcismo. É importante chamar atenção para o fato de que na linguagem dos iurdianos poucas vezes apareceram a palavra conversão, mas sim o termo libertação. Para a fiel a partir dessa libertação, ou seja, da libertação dos espíritos malignos, sua “vida sentimental” foi transformada, assim após seu testemunho convidou aqueles que tivessem problemas amorosos para assistir aos cultos da IURD. É interessante salientar que o convite se restringiu às mulheres e jovens casadoras, demonstrando dessa maneira que elas eram o público alvo dessas reuniões.

2.3 ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DA LIDERANÇA FEMININA

Em reportagem no Jornal *Folha Universal*, intitulada: *Mulheres oram pelas famílias na Bahia*, nas reuniões denominadas *Terapia Familiar*, encontramos o seguinte testemunho: “Eu cheguei bastante desanimada, com vontade de não participar mais da terapia, ouvindo o testemunho de Dona Rita que conseguiu salvar seu casamento e hoje seu marido é um homem de Deus, tomei a decisão de continuar perseverando.”¹⁷³ Essas reuniões específicas que aconteciam nos templos da IURD se constituíram como espaços de socialização dos problemas familiares, as mulheres reunidas em prol da família trocavam experiências e de certa forma deveriam se sentir amparadas pelo grupo religioso que lhes auxiliava para solucionar problemas vivenciados não apenas por uma delas. Compartilhar as experiências poderia significar que não estavam sozinhas e que havia maneiras de reverter as situações conflituosas que viviam em seus lares.

Na mesma reportagem acima citada, Rita, mulher que ministrou a reunião da Terapia Familiar, esposa do bispo Aparecido dos Reis Júnior testemunhou que:

Eu passei muitas noites chorando, até que conheci a Igreja Universal e aprendi a vontade de Deus para minha vida. Para meu espanto a situação piorou e parecia que não teria solução. Passei a lutar contra meu adversário, mudei totalmente meu comportamento, e quando ele chegava em casa alterado, bêbado e gritando eu me calava. Ia para o banheiro e aí clamava para que Deus mudasse aquela situação, determinando que todo o mal saísse do meu lar.¹⁷⁴

¹⁷³Jornal Folha Universal, 22 a 28/04/2001, p.7B.

¹⁷⁴Id.

Ao ter afirmado que passou a lutar contra seu adversário, o Diabo, conforme a Bíblia é o inimigo das almas dos fiéis, parece que na concepção da esposa as atitudes do marido não eram controladas por ele próprio, mas por forças espirituais. Essa interpretação foi reforçada quando Dona Rita afirmou que “clamava para que o mal saísse do seu lar”. Possivelmente Dona Rita deveria achar que o marido ao agir agressivamente estava endemoninhado. A solução encontrada por Dona Rita foi se calar e buscar a orientação divina. Dessa forma podemos afirmar que ela mudou de estratégia ou adotou uma estratégia de lidar com a situação para não gerar mais conflitos, talvez o enfrentamento tornasse a convivência cada vez pior, por isso se calar e buscar amparo no grupo religioso que atendeu aos seus anseios. Assim, podemos afirmar que a IURD caracterizou-se como um pronto-socorro, um espaço de acolhimento, mas principalmente de solução dos problemas conjugais. Conforme a reportagem do jornal *Folha Universal*:

A maioria das pessoas acha que não existe solução para os seus problemas familiares e, normalmente fica desesperada sem saber como agir para salvar suas famílias do adultério, dos vícios e das más influências deste mundo. A Terapia Familiar é um espaço reservado para os que atravessam esse drama. O que está chamando a atenção é o fato de ser ministrada por uma mulher: Rita, esposa do bispo, Aparecido dos Reis Júnior, acompanhada de 70 mulheres...”¹⁷⁵.

A *Terapia Familiar* por ter sido ministrada por uma mulher chamou a atenção, talvez por que na IURD as mulheres não exercessem cargo de liderança, elas são no máximo obreiras e normalmente não sobem no púlpito, o lócus do sermão pastoral, centro do poder simbólico. O espanto dos fiéis talvez ocorreu por esse motivo. Para nós, reforçou a concepção de que é de responsabilidade da mulher as questões familiares, é a mulher quem precisa perseverar pela família, por isso permitir que uma mulher, esposa do bispo, ou seja, não era uma mulher qualquer, subisse ao púlpito, pois por ser mulher seu discurso ganharia mais legitimidade. Identificamos que foi uma estratégia do grupo religioso ter solicitado a uma mulher que dirigisse essas reuniões denominadas de *Terapia Familiar*, apesar das mulheres nesta denominação religiosa não fazerem parte do corpo de especialistas religiosos, mas elas são vistas como especialistas nas questões familiares e conjugais. No que se refere a liderança feminina, elas geralmente definem suas identidades a partir da identidade masculina. Machado ao estudar a adesão religiosa em família entre pentecostais e carismáticos, concluiu:

¹⁷⁵Jornal Folha Universal, 22 a 28/04/2001, p.7B

(...) que foi nas configurações das pentecostais casadas que percebi a tendência mais acentuada da mulher em se autodefinir em função do marido. Na Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo: quando tentava marcar um contato com os dirigentes, sempre me defrontava com a figura da esposa do pastor, que nunca se identificava pelo nome, mas sempre usava essa condição ao se apresentar a mim. Tentei várias vezes saber seu nome, mas percebi que a maioria dos fiéis (mesmo os pastores e missionários) sempre falavam dela como a esposa do pastor. Elas mesmas pareciam preferir que as conhecesse assim. Nestes casos, além de donas de casa que cumprem as tarefas domésticas e cuidam dos filhos, estas mulheres atuam também como assistentes no trabalho de seus cônjuges sem nenhuma forma de remuneração.¹⁷⁶

Conforme o Bispo Edir Macedo, o trabalho da mulher no interior da IURD é invisível, mas relevante:

Muito embora a mulher não esteja regularmente no púlpito, ainda assim jamais pode ser dissociada da Obra de Deus. Particularmente, não creio no ministério de um homem solitário. Mesmo que jamais tenha subido ao altar, o trabalho da mulher de apoio ao marido, através de oração e jejum, em favor do seu ministério, quer dizer, um trabalho totalmente anônimo, é vital importância para o desenvolvimento da Igreja do Senhor Jesus Cristo. De fato, a grande realidade é que ao lado de um homem de Deus existe uma grande mulher de Deus.¹⁷⁷

O Bispo Edir Macedo admitiu que mesmo as mulheres não exercendo cargos de liderança, o seu trabalho é de fundamental importância, principalmente no que se refere ao crescimento do grupo religioso. Como foi visto na reportagem sobre a reunião de mulheres em Salvador-Ba, as mulheres são bastante representativas, o culto foi dirigido por uma mulher e auxiliado por 70 obreiras, essa quantidade de fiéis foi bastante expressiva, o que não considero como o bispo afirmou um trabalho anônimo. Há a tendência, nos espaços eclesiais, de invisibilizar o trabalho das mulheres para destacar o dos homens, seus maridos ou apenas os irmãos da comunidade. No geral, as mulheres pentecostais e neopentecostais são responsáveis pelos ciclos de orações, ensino na Escola Bíblica Dominical, o cuidado com as crianças, arrumação e limpeza dos templos e trabalho de evangelização. Sobre essa questão Dias, concluiu que

A análise das relações de gênero entre as mulheres protestantes pentecostais e neopentecostais contemporâneos, a nosso ver tiveram

¹⁷⁶MACHADO, Maria das Dores campos. Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na esfera familiar. Campinas: ANPOCS, 1996, p. 146.

¹⁷⁷MACEDO, Edir. O Perfil da Mulher de Deus. Editora: Unipro, 2012.p.11.

algumas transformações se estas forem analisadas à luz do texto paulino de proibição da expressão das mulheres na comunidade religiosa. Transformações significativas, porém tênues, a concessão de alguns papéis para as mulheres, mas parece um tipo de limitação da sua vida em sociedade.¹⁷⁸

É importante mencionar que o pastorado feminino existe entre alguns grupos neopentecostais. José Nunes dos Santos Júnior ao estudar o processo de ensino aprendizagem na formação de pastoras, em bairros periféricos da capital baiana identificou que: “para estas pastoras, o que as credencia para ser pregadora, pastora, dirigente do círculo de oração, missionária é o conhecimento bíblico. Conhecer a Bíblia é a credencial que dá autenticidade ao líder pentecostal.”¹⁷⁹ Mesmo exercendo o papel de liderança as mulheres estudadas por José Nunes dos Santos Júnior revelaram que “ainda recai exclusivamente sobre elas a responsabilidade da execução das tarefas domésticas.”¹⁸⁰ Desse modo, concluiu “que a pastora com a qual nos defrontamos no universo pesquisado é aquela que também está inserida nos dilemas da mulher moderna, nos quais as relações de poder ainda continuam hierarquizadas. No exercício do pastorado as tarefas são compartilhadas, mas em casa os afazeres domésticos são preponderantemente femininos.”¹⁸¹

2.4 CONVERSÃO E RELACIONAMENTO CONJUGAL

A conversão protestante, implica em várias mudanças na vida pessoal dos fiéis, inclusive admoestações que envolvem o cotidiano familiar. Dona Margarete, adepta do Candomblé desde a infância, filha de ialorixá, convertida às doutrinas da Igreja Batista Missionária em 2005, narrou sua trajetória religiosa afirmando que:

É, eu comecei assim indo pra igreja visitar por que eu me sentia uma pessoa, por que eu perdi meu marido(...)as palavras, os louvores assim

¹⁷⁸ Caroline Luz e Silva Dias. Os Neopentecostais em Feira de Santana: “Da Visão Celular no Modelo dos 12 ao Mover Celular do Fruto Fiel. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana: UEFS 2009, p.163

¹⁷⁹SANTOS JÚNIOR, José Nunes dos. Pastora e Mulher. “Ele me entregou o cajado”: Processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pastoral. Dissertação de Mestrado. Salvador: UNEB, 2013, p.131.

¹⁸⁰Id.

¹⁸¹Ibid.

que eu ouvia na igreja, o pastor na pregação, aí foi fruindo assim dentro de mim aquelas palavras, aí eu começava chorar, fui refletindo tanta coisa que tava acontecendo na minha vida e uma tristeza assim, aí começava chorar, chorar (...) ¹⁸²

A sociabilidade que a comunidade religiosa ofereceu à Senhora Margarete lhe ajudou a superar os sentimentos de perda e tristeza, após o falecimento do seu cônjuge. Conforme Cândido da Costa e Silva (1982) a religião dá sentido “um roteiro da vida e da morte”. A morte do marido significa que passava por um momento de crise existencial em sua vida e não encontrou o conforto necessário no Candomblé para suportar sua aflição. A falta do companheiro desestabilizou a sua vida tanto emocional quanto economicamente. De acordo com a interpretação de Alves (1979) sobre o processo de conversão, as pessoas passam a questionar a situação pela qual estão vivenciando e o porquê significa que perderam o sentido. Nesse contexto, ao escutar os louvores e o discurso do pastor passou a reavaliar sua trajetória de vida. Conforme Alves as causas “para a desestruturação dos sistemas interpretativos, ” como religião:

Às vezes são crises puramente pessoais: a experiência da morte e do trágico, como a morte de um ente querido, uma enfermidade incurável, um fracasso profissional ou afetivo. Frequentemente as crises são causadas por bruscas mudanças sociais, como os choques culturais, a urbanização, a migração, a depressão econômica, a guerra. Nestas situações o conhecimento do mundo se torna problemático. ¹⁸³

Ao entrevistar o Senhor Manoel ele relatou como era seu comportamento no relacionamento conjugal antes da conversão e como passou a ser depois da adesão religiosa a um grupo protestante:

(...) não tinha uma vida de paz, eu passava sempre por tribulações da vida, saía antigamente para os bailes, para as festas, bebia, curtia chegava em casa era briga com a minha ex, era muita luta então hoje por conhecer a Cristo por saber a verdade, hoje eu tenho um comportamento totalmente diferente, coisas que eu fazia outrora que eu não faço mais, eu era um homem que estava sempre em confronto com a minha ex, tava sempre brigando com a minha ex, depois que eu conheço a verdade eu sou até um, eu aconselho casais sobre coisas que não se deve existir num relacionamento, a vida diz que tudo contribui para a vida daquele que ama a Deus hoje Jesus me ensinou como lidar com mulher, Jesus me ensinou como tratar, como amar uma mulher então eu creio que hoje que tudo isso vinha da influência

¹⁸²Entrevista com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba

¹⁸³ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p. 56.

espiritual, coisas que eu fazia que não queria fazer, depois que eu fazia vinha o arrependimento, então era área espiritual, isso aí (...)¹⁸⁴

Conforme o relato do Senhor Manuel, ele aprendeu a se relacionar do ponto de vista amoroso depois que se converteu, pois anteriormente tinha uma vida conjugal bastante conflituosa principalmente devido ao seu comportamento, pois frequentava festas sem a presença da esposa. Após a conversão aprendeu que a forma como agia anteriormente, não era a forma como sua denominação religiosa concebia a relação matrimonial. É importante ressaltar que para o entrevistado as atitudes consideradas erradas que praticava no seu relacionamento não acontecia simplesmente por sua vontade própria, mas atribuiu seus “erros” às influências no plano espiritual. Temos analisado que é recorrente no discurso dos entrevistados atribuírem às forças sobrenaturais os comportamentos que após a conversão foram interpretados como desviantes.

Conforme Edlaine de Campos Gomes: é comum encontrar nos cultos de diferentes igrejas pentecostais pessoas que relatam detalhes íntimos de sua vida antes da conversão. Sem nenhum constrangimento realizam testemunhos públicos de temas como traição no casamento, prostituição, tráfico de drogas, homossexualidade e violência contra esposa. A exposição é completa, com total intercâmbio de experiências transgressoras, diretamente associadas à intervenção demoníaca. Trata-se, porém, de transgressões expostas para enfatizar a mudança, um tempo passado, desordenado e superado pela conversão. São apresentadas publicamente como situações exemplares de superação da transgressão.¹⁸⁵

Ao perguntar a Dona Carla, candomblecista convertida à Assembleia de Deus, como era a sua vida quando estava no Candomblé ela afirmou:

Terrível. Apanhava todo dia. Ia dançar Candomblé de noite quando eu chegava em casa o marido me cobria a porrada, todo ano quebrava as minhas coisa (sic) tudo, eu não tinha paz, ele tinha três mulheres, eu que era a casada parecia que eu era a arranjada, eu não tinha paz, eu não tinha sossego, eu não tinha vida. Eu não tinha vida, minha vida era um vazio.¹⁸⁶

¹⁸⁴ Entrevista com o Senhor Manoel concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹⁸⁵GOMES, Edilaine de Campos. Famílias e trajetórias individuais em um contexto religioso plural. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (orgs.). Família e Religião. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p.200.

¹⁸⁶ Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

Os problemas conjugais foram destacados com veemência pela Senhora Carla, que vivia oprimida pelo marido devido à violência doméstica e pela infidelidade. Segundo Souza: “A instituição familiar é atravessada por relações de poder, especialmente (mas não somente) por questões de gênero, e é no interior da casa que as mulheres experimentam as mais graves agressões.”¹⁸⁷ A partir da análise do relato acima outras questões se impuseram, por exemplo: como passou a ser o relacionamento conjugal da senhora Carla após a conversão? Será que o marido deixou de agredi-la? Será que o marido passou a ser fiel? Será que o marido se converteu? Quais as estratégias utilizadas para convertê-lo? Mesmo não tendo respostas para todas essas questões sugerimos, a partir do que a entrevistada relatou, que se a violência doméstica não acabou de alguma forma os conflitos conjugais foram amenizados após a sua conversão. Assim, podemos conjecturar que houve um processo de respeito dessa mulher que possivelmente deixou de ser violentada pelo marido. Nessa perspectiva, podemos considerar que através da conversão ao pentecostalismo existiu uma valorização da figura feminina, o que elevou a autoestima da mulher, mesmo que em outros aspectos das relações de gênero a desigualdade tenha sido predominante.

A Senhora Carla, candomblecista convertida à Assembleia de Deus (AD) ao ser perguntada sobre sua experiência de conversão relatou que:

(...) minha vida mudou 100% minha filha, *pra (sic) te dizer melhor até a minha aliança que era de micheline, que eu casei, eu tava na macumba ainda, Jesus trocou, fez o marido me dá uma de ouro*, minhas coisa que eu tinha que eu morava aqui nessa casa aí da frente aqui tudo Jesus trocou tudo, me deu tudo novo, tudo que eu tenho é novo, é dado pelo Senhor Jesus.¹⁸⁸ (grifo nosso)

Analisamos que Dona Carla recuperou sua autoestima feminina, pois a substituição de uma aliança de “micheline” por uma de ouro tem um valor material, mas, sobretudo um significado simbólico. A aliança também é o padrão vigente da sociedade circundante. Ganhar uma aliança de ouro para além de um presente material podia simbolizar carinho e afeição por parte do seu cônjuge.

Silva (1998) ao analisar os motivos de uma maior adesão feminina, a Igreja Batista, em Salvador, no final século XIX e início do XX aponta como uma das

¹⁸⁷ SOUZA, Sandra Duarte de e LEMOS, Carolina Teles. A casa, as mulheres e a Igreja: relação de Gênero e Religião no contexto familiar. São Paulo. Fonte Editorial, 2009, p.41

¹⁸⁸ Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de Fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

possibilidades o fato de ser: “(...) uma religião que defendia um único padrão de moral para homens e mulheres ser extremamente atrativa para mulheres que viviam sob o jugo masculino e as tensões por terem que suportar as aventuras extraconjugais dos seus companheiros, ou o assédio de varões que não tinham limites éticos na abordagem amorosa.”¹⁸⁹ Mesmo no início do século XXI, os motivos conjugais permanecem como fatores para a conversão de mulheres às comunidades protestantes.

Para a Senhora Laura, sua conversão, além de outros motivos, ocorreu em um momento que “(...) também estava assim me sentindo muito deprimida né? Tinha tido alguns problemas com o meu marido.”¹⁹⁰ A conversão para a maior parte das mulheres entrevistadas na pesquisa, também contribuiu para manter as boas relações familiares.

Ao rememorar sua experiência de conversão, Dona Maria, adepta do Candomblé convertida à IURD, destacou as transformações que ocorreram na vida dela da seguinte forma: “Ói,(sic) meu marido não conseguia se aposentar, meu marido é aposentado. Se aposentou na presença do Pai, meu marido já se converteu, só falta arriá (sic) de fumar por que até a bebida ele já arriou, só falta arriá (sic) de fumar para honra e glória do Senhor Jesus.”¹⁹¹

Dona Maria destacou que através do seu exemplo, após a conversão, a vida do marido também foi transformada, pois ele se converteu, parou de consumir bebida alcoólica e conseguiu obter uma renda financeira. A conversão da mulher possivelmente influenciou a conversão do cônjuge e as mudanças ocorridas na vida do casal reestruturaram a relação familiar.

Sandra Duarte de Souza (2006) ao estudar o trânsito religioso em São Bernardo do Campo-SP, além de ter identificado que houve um trânsito maior de mulheres percebeu distinções entre os interesses que motivaram a adesão de mulheres e homens. Assim, constatou:

Uma média de 45% dos homens apontou problemas econômicos e de doença pessoal como os motivos principais de sua andança religiosa. Em outras palavras são motivos de fundo individual que geram as demandas simbólicas desses homens entrevistados. Somente depois disso é que vêm os outros motivos como doença ou morte dos filhos (22,7%) e doença ou morte da esposa (14%). Os problemas conjugais somam ínfimos 2%. Esses dados não aparecem assim tão alarmantes, mas se compararmos com as respostas das mulheres, veremos uma

¹⁸⁹ SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. São Paulo: Tese de Doutorado, 1998, p. 300.

¹⁹⁰ Entrevista com a Senhora Laura concedida à autora em 26 de janeiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

¹⁹¹ Entrevista com a Senhora Maria concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em São Félix.

grande divergência de interesses em sua busca religiosa. Nada menos que 59% delas relataram mudança religiosa em busca de cura dos filhos e consolo, no caso de morte desses. Essa cura inclui desde doenças físicas até problemas de envolvimento com drogas. Um outro recordista da preocupação das mulheres nesse quadro é aquele que se refere à doença ou morte do cônjuge (44,5%). Mas uma vez a preocupação dessas mulheres é com o outro, desta vez como marido.¹⁹²

A Senhora Mônica convertida a Igreja Batista Missionária em Cachoeira, relatou sua experiência conjugal:

(...)como meu esposo era assim quando eu fui ser cristã, ele ficou no mundo aí da prostituição eu nem thum¹⁹³, Jesus transformou tanto a minha vida, minha mente que eu só queria Jesus, só queria falar do amor dele, ficar lá com os irmãos, ficar em casa ouvindo a palavra(...)¹⁹⁴

Podemos afirmar que a conversão da entrevistada foi motivada pela busca de um casamento em Cristo ou no Senhor, no qual não mais existiria infidelidade, pois para as denominações protestantes o adultério é condenado para ambos os sexos. Nos Terreiros de Candomblé não há uma rigidez no que se refere a padrões de comportamento sexual. Nesse sentido, ignorar o adultério do marido não seria, além de uma estratégia, uma fuga? Podemos conjecturar que para a entrevistada estar com seus irmãos na fé e escutar a “palavra”, ou seja, buscar os ensinamentos bíblicos era uma forma de aliviar as suas aflições conjugais. Sandra Duarte de Souza, no que se refere às motivações femininas para uma nova adesão religiosa, identificou em sua pesquisa feita com mulheres batistas, presbiteranas e metodistas de São Bernardo do Campo -SP, sobre o trânsito religioso que:

Em terceiro lugar essa mulher aponta os problemas conjugais como motivo de preocupação (39,5%). Em sua maioria esses problemas estão relacionados a infidelidade por parte do marido, vindo em alguns casos a redundar na separação. É somente em quarto lugar que as preocupações com sua saúde pessoal vão aparecer, seguidas de problemas econômicos em geral.¹⁹⁵

¹⁹²SOUZA, Sandra Duarte. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. Revista Horizonte: Belo Horizonte, v.5, n. 9, p.21-29, dez. 2006, p.26.

¹⁹³ Thum é uma expressão baiana que significa que a pessoa não se preocupa com determinada situação, que não atribui importância.

¹⁹⁴Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹⁹⁵ SOUZA, Sandra Duarte. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. Revista Horizonte: Belo Horizonte, v.5, n. 9, p.21-29, dez. 2006, p.26.

A Senhora Mônica membro da Igreja Batista Missionaria, ao relatar o comportamento do marido após sua conversão, rememorou:

(...) ele começou a aprontar, aprontar, quando ele viu que ele tava aprontando demais, eu não tava nem aí, ele começou a ver a diferença, o pastor mesmo falava, deixa a roupinha dele na cama, chamei ele pra (sic) ir pra igreja, vai pra igreja hoje? Não.¹⁹⁶

A esposa cachoeirana deixou de brigar com o marido, deixou de questionar seu comportamento, mesmo ele sendo infiel. Ela passou a utilizar-se de outras estratégias para conseguir harmonizar/restaurar seu casamento. A entrevistada buscava, conforme orientação do pastor, converter seu cônjuge, sempre evitando conflitos. Machado ao analisar a adesão religiosa de carismáticos e pentecostais no Rio de Janeiro, constatou que:

Para as mulheres que se converteram depois da união, mas cujos parceiros não compartilham da fé pentecostal, os pastores recomendam enfaticamente o proselitismo no interior do próprio lar, e colocam a conversão dos outros membros da família como condição para a superação dos problemas domésticos.¹⁹⁷

Nessas circunstâncias, analisamos que o proselitismo ocorria, mas de modo sutil, pois geralmente a busca do pentecostal é tentar dirimir os problemas familiares, por isso a atitude da esposa refletia que o comportamento dela enquanto recém convertida havia se transformado, ela não exigia uma mudança de comportamento do seu cônjuge. Dessa forma, as mudanças no comportamento do converso deviam servir como testemunho para os familiares não crentes, neste caso o cônjuge. O sacrifício individual tem como finalidade a harmonia da família. As transformações no comportamento causada pela conversão à nova filiação religiosa expressa um sentimento de resignação diante dos problemas conjugais. Provavelmente a forma com que a mulher passou a lidar com o companheiro contribuiu para dirimir as tensões matrimoniais e dessa forma a conversão das mulheres ao pentecostalismo possibilita a manutenção do casamento.

¹⁵³Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

¹⁹⁷MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. São Paulo: ANPOCS, 1996. p.116.

A socióloga Christine Jacquet e a antropóloga Livia Fialho em pesquisas realizadas na capital baiana e no Recôncavo Baiano sobre a conversão feminina e relações conjugais identificaram que:

Em seguida a conversão feminina, os conflitos conjugais tornam-se menos frequente e menos intensos, por várias razões: por um lado, por que aconselhadas pelos pastores e irmãos de fé, as mulheres começam a privilegiar o diálogo como modo de regulação das relações conjugais e familiares; por outro, por que elas vão também demonstrar uma maior tolerância (ou acomodação) diante das condutas de seus maridos, na medida em que está é analisada como o resultado de um desconhecimento da Palavra. Mas também, e sobretudo, convertendo-se, as mulheres se libertam, seja de sua aspiração à autonomia, seja do domínio de seus maridos.¹⁹⁸

Na revista *Plenitude*, o Bispo Edir Macedo na seção *Opinião*, intitulada: *A conduta ideal da mulher para um casamento feliz* ao citar o versículo bíblico “Mulheres, sede vós, igualmente submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma. ” (1 Pedro 3:1) interpretou que: “Esta passagem significa que ainda que o marido seja o pior homem do mundo, irá observar o seu comportamento verdadeiramente cristão e verá que você é uma testemunha viva de Jesus. Logo, cedo ou tarde, ele se converterá.”¹⁹⁹ Para o Bispo Macedo o comportamento da mulher para com o marido deve ser “dócil, submisso e humilde”, pois a mudança na esposa será observada de maneira positiva pelo seu companheiro que ainda não é convertido. O bispo orientou que não bastava pregar a “Palavra” era necessário colocá-la em prática e dessa forma, pelo exemplo da esposa o marido se converteria.

Pronto, todo dia que eu ia pra igreja, vai pra igreja hoje? Não. A roupinha já tá lá. Quando foi um certo dia botei a roupa lá nem perguntei se ia pra igreja mas daqui um pouco tá ele: hoje vou pra igreja, eu olhei assim, falei amém, tanto que esperava, também não levou um ano né? Depois que eu me converti pra ele se converter também, por que ele viu bem a diferença, que se ele viu que eu era uma menina assim bem dedicada, quieta, aquietada não gostava de sair nem nada, depois passei assim por ódio que ele me fazia, passei a vesti roupa curta, passei a beber, (...), a ir pros (sic) pagode com minhas primas, com minhas tias, ele aí começou ohomem não gosta

¹⁹⁸JACQUET, Christine; COSTA, Livia Fialho. Conversão feminina ao Protestantismo: desencanto e reencantamento conjugal In: MENEZES, José E. X.; CASTRO, Mary Garcia. (orgs.) Família, população, sexo e poder: entre saberes e polêmicas. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 307/308.

¹⁹⁹ Revista *Plenitude*, Março de 2005, página 7. Acervo Pessoal.

né?Aí já começou ficar, depois ele viu a diferença quando eu fui pro Evangelho, ele é a mulher que eu quero é assim, ele também foi pra igreja, mais por que ele queria também isso e aí aceitou Jesus, mas aonde dói é quem mais procura quem tá sentindo sua dor é quem mais procura o remédio então a mulher é onde ela, é quem mais é ferida, maltratada(...) ²⁰⁰

Ao analisar o trecho supracitado, podemos afirmar que o peso dos papéis femininos numa sociedade com duplo padrão de relações conjugais estabelece que o homem pode tudo, ou seja, pode frequentar festas, bares e ter relações extraconjugais e a mulher deve manter-se fiel e compreensiva. Ao perguntar a entrevistada Mônica como passou a ser seu relacionamento conjugal, após a sua conversão se teve alguma mudança ela constatou:

Melhorou, antigamente eu não tinha casa, hoje eu tenho casa, ele (o marido) mesmo tá fazendo, antigamente eu morria de fome, passava fome, era seca. Cheguei até brigar com ele uma vez, por que só tinha um pouquinho de feijão e ele tava na casa da mãe dele, chegou em casa eu falei oh fulano só tem esse pouquinho, eu nem tomei café ele nem thum, falando oh fulano só tem esse pouquinho e eu não tomei café ainda ele simplesmente pegou o garfo pra comer não tinha nem trazido um pão com manteiga da rua e tinha minha casa abastecida se só tinha só eu e ele dava pra gente viver muito bem, mas infelizmente minha filha foi isso aí, peguei o prato dele, piquei na rua, foi motivo dele ir pra casa da mãe dele e eu ficar lá sozinha. Mas isso também foi por causa de rituais malignos que a mãe dele fazia pra (sic) afastar eu (sic) dele então ele se tornou uma pessoa ruim pra mim, não me dava alimentação, não me dava roupa, não me dava calçinha, não me dava nada tudo isso era minha mãe que tinha que dar eu não trabalhava quando eu procurava trabalho ele tirava de cabeça, não queria que eu trabalhasse, mas também nada ele me dava, não tinha dinheiro pra fazer uma feira, mas quando abria a carteira tinha dinheiro. Hoje em dia Deus mudou a situação ele já compra tudo pra dentro de casa, já tô até gorda eu era seca, parecia um palito, né? Tenho a casa abastecida, tenho televisão, tenho tudo aí que você tá vendo, antigamente meus filhos passava fome, eu também, ele vivia mais na casa da mãe do que em casa, grandistribulações aí Deus mudou(...) ²⁰¹

A entrevistada narrou que seu marido não cumpria as funções de mantenedor da casa antes da sua conversão, situação modificada após a nova filiação religiosa. O marido não se comprometia com a vida familiar, pois mesmo em situações que tinha dinheiro deixava a esposa e filhos passarem fome. É importante destacar que mesmo sem prover a família o marido da Senhora Mônica não permitia que ela trabalhasse para

²⁰⁰Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

²⁰¹Entrevista com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

sustentar ou complementar a renda familiar, possivelmente devido ao machismo. Permitir que sua esposa saísse para trabalhar e ganhasse seu próprio dinheiro poderia significar autonomia para sua companheira e dessa forma, ameaçaria o domínio masculino nas relações de gênero.

Não podemos deixar de mencionar o fato da esposa ter atribuído às atitudes negligentes do marido a realização de “rituais malignos” por parte da sogra, ou seja, o marido não cumpria com seus deveres por que estava endemoniado. Machado em sua pesquisa sobre a adesão religiosa na esfera familiar de carismáticos e pentecostais identificou uma “(...) maior tendência à “endemonização” dos conflitos domésticos nos grupos pentecostais populares, em que o nível de instrução é baixo em ambos os sexos, e a passagem pelas religiões afro-brasileiras se mostrou mais frequente.”²⁰² Conforme sua análise a partir de pesquisas no campo religioso carioca:

A ênfase no demônio vai permitir então uma reinterpretação das experiências difíceis vividas pela mulher no seu dia-a-dia. Assim como todos os outros envolvidos nessas experiências, ela se torna merecedora de compaixão, e aqueles que lhe fizeram mal se tornam também vítimas das forças malignas. De certa forma, a filiação às denominações que enfatizam esta interpretação sobrenatural do mal abre brechas para a tentativa de “autonomia” das mulheres em relação aos seus familiares. Os maridos oprimem por que estão endemoniado, e nesta condição são plenamente justificáveis as saídas furtivas das esposas para o culto ou a evangelização, até que consigam também convertê-lo.²⁰³

Em uma matéria do jornal Folha Universal intitulada: “*Felicidade no amor requer, acima de tudo, compromisso com Deus*” foi apresentada aos leitores os benefícios proporcionados pelas reuniões que aconteciam aos sábados à noite nos templos da IURD, denominadas de *Terapia do Amor*. Conforme a reportagem: “Para muitos o casamento tornou-se uma instituição falida, pois é bastante comum as pessoas se casarem e, ao sinal do primeiro problema, optarem pela separação com a maior naturalidade do mundo.”²⁰⁴ Para o articulista do jornal as pessoas por não saberem lidar com os problemas conjugais veem como solução a separação. Esta e para o grupo religioso aceita apenas em casos de adultério. Ao continuar a reportagem foi explicado que a *Terapia do Amor*: “Trata-se de um tratamento espiritual dirigido aos casados,

²⁰² MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. São Paulo: ANPOCS, 1996, p.109

²⁰³Id., p.111.

²⁰⁴ Jornal Folha Universal, 27/05 a 02/06/2001, p.8 A.

noivos, namorados ou simplesmente àqueles que estão em busca de sua outra metade... a Terapia tem ajudado milhares de pessoas que estavam à beira da separação, vendo seus sonhos de amor chegarem ao fim, além de ensinar a todos a forma de construir uma família feliz e abençoada. ”²⁰⁵ Dessa maneira a IURD proporcionou aos fiéis um espaço em que puderam trocar experiências sobre suas relações conjugais e aprenderam a agir diante dos problemas afetivos. Assim, a *Terapia do Amor*, funcionou como uma estratégia para evitar a dissolução dos casamentos. Na mesma reportagem acima citada foi dito o que aconteceu nessas reuniões e como as fiéis buscavam a proteção divina para seus casamentos:

Além das orientações, o pastor também faz diversas orações, dentre elas uma especial, juntamente com a sua esposa, onde oram a Deus por todos os casais, que se colocam à frente do altar, determinando a bênção e a felicidade completa na vida de cada um. Dessa forma, é cada vez maior o número de pessoas que descobrem que é possível se realizar na vida sentimental. ²⁰⁶

Salientou-se que não só as orientações e orações realizadas nas reuniões denominadas Terapia do Amor, foram suficientes para obtenção de um relacionamento amoroso feliz, pois “... não basta encontrar um parceiro. É preciso alguém que tenha um verdadeiro compromisso com Deus, para que assim o relacionamento possa dar certo e, muito além de se tornar real, venha permanecer por toda a vida. ”²⁰⁷ É importante destacar a ênfase dada ao fato dos cônjuges serem convertidos, terem “compromisso com Deus”, pois além de conquistarem uma relação feliz, a conservaram até o final de suas vidas. Identificamos que mais uma vez a indissolubilidade do casamento foi ratificada, bem como a realização da busca de um “casamento no Senhor”, isto é com um parceiro (a) também pertencente ao grupo religioso.

No mesmo ano de 2001 uma matéria intitulada: *Casamentos desfeitos: o fim de um sonho*, foi publicada como reportagem especial na revista *Plenitude*, na qual destacou-se os motivos do crescimento dos divórcios no Brasil. De acordo com a autora da reportagem, Marcia Nascimento:

A mentalidade das meninas mudou. Elas expressam suas opiniões, estudam e tem suas carreiras. Em outra época, ficavam caladas e não externalizavam seus sentimentos. A igualdade de direitos entre as

²⁰⁵Id.

²⁰⁶Jornal Folha Universal, 27/05 a 02/06/2001, p.8 A.

²⁰⁷Id.

mulheres colaborou para que existam tantos casamentos desfeitos. O casamento, entretanto, base da família e da sociedade, continua sendo à escolha para aqueles que depositam suas vidas no altar do Senhor. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho fez com que muitas pudessem sustentar seu próprio lar, embora, na maioria das vezes, à custa de uma jornada dupla ou até tripla: trabalham para sustentar os filhos, cuidam da sua educação e da casa. Alguns homens não aceitam que as esposas trabalhem para complementar o orçamento doméstico, o que também lhes dá uma certa dose de independência e as coloca em posição de dialogar de igual para igual. Há, assim uma ruptura na união.²⁰⁸

A autora destacou que o processo de emancipação feminina contribuiu para o crescimento da dissolução dos casamentos. A conquista da independência financeira proporcionada pelo aumento da inserção das mulheres no mercado de trabalho, bem como maiores níveis de escolaridade proporcionaram as mulheres um outro espaço na sociedade que se estenderam para as relações conjugais e intrafamiliares. Neste contexto:

A exigência de satisfação no momento presente coloca em questão o ideal do sacrifício individual em prol da família. A disponibilidade individual ao sacrifício para o outro é mais reduzida, o que provoca o rápido ponto de saturação do relacionamento conjugal. A independência econômica dos cônjuges configura maior autonomia individual e uma responsabilidade familiar mais compartilhada, o que predispõe, em muitos casos, à ruptura do vínculo familiar.²⁰⁹

A conversão aos grupos pentecostais e neopentecostais além de ter aberto um espaço de sociabilidade para as mulheres cachoeiranas, também pode ser observada como tentativa religiosa de resolver problemas e angústias advindas com a criação dos filhos e com a vida conjugal. O “casamento no Senhor”, isto é, com homens evangélicos é uma garantia de fidelidade, de companheirismo e de maridos responsáveis com a harmonia familiar. Numa sociedade com relações de gêneros tão assimétricas e androcêntricas, a filiação às doutrinas pentecostais e neopentecostais pode ser um forte atrativo para as mulheres com problemas maritais. A conversão também reforça os tradicionais papéis de mãe e esposa.

²⁰⁸Revista Plenitude, n° 73, ano 20, 2001, p.28. Acervo pessoal.

²⁰⁹PETRINI, João Carlos; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Família na contemporaneidade: uma análise conceitual. In: MENEZES, José Euclimar Xavier; CASTRO, Mary Garcia. (orgs.) Família, população, sexo e poder: entre saberes e polêmicas. São Paulo: Paulinas, 2009.

CAPÍTULO 3: CONVERSÃO E TRÂNSITO RELIGIOSO EM FAMÍLIA

No campo de estudos das Ciências Sociais ainda são escassas as pesquisas que se debruçam sobre a temática religião e família, e muito mais raros são os trabalhos historiográficos. Mesmo sem ter uma bibliografia vasta sobre a temática, fez-se necessário analisar as consequências da conversão nas relações familiares, famílias biológicas e famílias de santo, pois em diversos relatos a questão se fez presente. A pesquisa de campo demonstrou a estreita relação. Considerando que a vida do casal e/ou familiar de um modo geral possibilitou a filiação religiosa e/ou transformou as relações afetivo-familiares é que nos propomos a analisar as consequências da conversão nas redes familiares na cidade de Cachoeira.

Definir família não é uma tarefa simples, no entanto não podemos partir de uma definição homogênea e unívoca sobre o que é família. Como as definições são múltiplas buscaremos compreender e ler o significado de família que nos foi apresentado pelos sujeitos da pesquisa. Mas podemos inicialmente afirmar que a palavra família ganhou significados plurais para os distintos grupos religiosos, bem como a concepção de família está para além dos laços de consanguinidade e parentesco. Compreendemos nesta pesquisa que a palavra família tem múltiplos significados, por isso não partimos de uma única definição. Um dos conceitos de família que utilizamos foi o da socióloga Ana Maria Goldani, a qual define família:

...como um processo de articulação das trajetórias de vida de seus membros, que se constrói e reproduz no contexto das relações de classe, étnicas e de gênero. Ou seja: a família não seria algo homogêneo e nem os papéis familiares seriam complementares. Assim, o ponto de partida é que a família como algo multifacetado e com múltiplos arranjos impõe como tarefa descobrir como suas estruturas incorporam as hierarquias de classe, raça, gênero e idade, fontes geradoras de desigualdades e que responderiam pela forma e significado das mesmas.²¹⁰

²¹⁰GOLDANI, Ana Maria. Retratos de Família em Tempos de Crise. Estudos Feministas. Rio de Janeiro, IFCS/UF RJ, PPCIS/UERJ, Jul./Dez. 1994, Vol. 2, n. especial, p 303-335. p.306.

É importante dizer que esta pesquisa não se aprofundou nos conceitos de classe e etnia, apesar de reconhecer sua importância para os estudos das relações familiares e de gênero, bem como da sua relação com a religião. Para os objetivos desta pesquisa não contemplamos as análises do ponto de vista das relações de classe e étnicas.

Para além do conceito de família que abrange as relações étnico raciais compreendemos a família nas relações internas dos grupos religiosos, tanto os cristãos quanto os de matrizes africanas. Nessa perspectiva, destacamos a noção de família de santo, a qual é entendida como:

O grupo religioso do candomblé, portanto é uma força efetiva de socialização, de prestígio e de mobilidade dentro da classe e da sociedade global. Ser filho de santo de uma mãe ou de um pai de santo de prestígio é, muitas vezes, o referente social mais importante para os adeptos do candomblé, em grande parte pertencentes a estratos de classe que apresenta um alto índice de ilegitimidade. O candomblé asseguraria a essas pessoas – para além dos mecanismos psicológicos e existenciais da crença- a segurança que decorre da consciência de pertencerem a um sistema familiar socialmente reconhecido.²¹¹

Entre os neopentecostais a ideia de família engloba a própria comunidade religiosa. O Bispo Macedo, líder e fundador da IURD questionou:

O que é uma família? Embora a sociedade moderna discuta muito hoje em dia a questão da composição familiar, de acordo com a Bíblia aprendemos que a constituição básica da família é a que reúne pais e filhos. Avós, tios, primos, cunhados e outros entes queridos podem ser acrescentados ou considerados, dependendo do tipo da sociedade. Mas estamos falando aqui da família cujo padrão é constituído de acordo com a palavra de Deus.²¹²

Para Edir Macedo o que designa uma família é a composição casal e filhos, ou seja, esta é uma estrutura básica, mas não podemos deixar de considerar que os membros das instituições religiosas no geral, formam uma família, tanto que se tratam como irmãos, considerando que são irmãos em Cristo. Estes irmãos se ajudam mutuamente nos momentos de aflição, para muitos “crentes” a Igreja é seu segundo lar.

Conforme o Bispo Macedo: A família é a célula-mãe da sociedade. Todos os grandes problemas que afligem a humanidade tem origem nesta célula: a família. Quando ela vai mal, todos os seus membros também vão, e por onde forem levaram

²¹¹ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003, p.12

²¹² MACEDO, Edir. O Perfil da Família de Deus. Rio de Janeiro. Editora: Unipro, 2007.

consigo a contaminação de um lar fracassado. ”²¹³ Como concebe a família a partir da união do casal é recorrente nos jornais *Folha Universal*, na revista *Plenitude* e nos livros doutrinários destinados à família, ao homem e a mulher uma grande ênfase na constituição do casamento e na relação conjugal. O Bispo Macedo opinou: “Quando falamos em família, normalmente as pessoas logo pensam nos seus filhos. E o mais importante não são os filhos, mas o casal. ”²¹⁴

3.1 O PROSELITISMO EM FAMÍLIA

Em entrevista com o Senhor Carlos, adepto do Candomblé desde sua infância, tinha o cargo de ogã e converteu-se à Assembleia de Deus, ele afirmou que sua mãe já tinha sido evangélica e que por causa do pai dele, que era adepto do Candomblé, ela se afastou, mas antes da conversão do Senhor Carlos ela retornou à denominação protestante. Assim ele explicou as relações internas de sua família e adesão religiosa:

Teve um irmão meu que se converteu no ano de 1997, 97 e com isso levou ela (sua mãe biológica) a retornar, levou ela a retornar pra igreja, então quando ela retornou pra igreja aí já ficou um elo, aí eu já tava já na fase da adolescência, eu já tava incluindo já pros treze pra(sic) quatorze anos. Então nisso aí ela voltou pra igreja, mas só que eu já tava envolvido com Candomblé, que eu entrei no Candomblé novo, como eu acabei de falar com a junção do meu pai e dela, crescemos naquilo. Eu novo, foi já oferecido pra (sic) certas entidades então e nisso aí cresci alguns anos lá dentro. Então quando minha mãe saiu, aí ficou assim tipo linha paralela, minha mãe e meu irmão. Através dele conseguimos ganhar outra irmã minha (irmã biológica) pra Jesus, aí outra irmã minha aceitou e aí foi salvando minha família, meu sobrinho, aí meus irmãos que era caçula tudo aceitaram, meu sobrinho e aí eles começaram a orar, começaram interceder, meu vizinho aqui também aceitou.²¹⁵

Neste momento, ele relatou como a conversão de um dos seus irmãos biológico e o retorno de sua mãe à denominação protestante influenciaram no seu processo de conversão, além da decepção que havia tido no Candomblé. A adesão de membros da família à denominação protestante e de seu vizinho contribuiu para sua conversão.

²¹³ MACEDO, Edir. O Perfil da Mulher de Deus. Rio de Janeiro: Unipro, p.48

²¹⁴MACEDO, Edir. O Perfil da Família de Deus. Rio de Janeiro. Editora: Unipro, 2007, p 27.

²¹⁵Entrevista com o Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

Certamente as atitudes proselitistas eram vivenciadas cotidianamente. Nesse sentido, percebemos a importância da evangelização no seu processo de conversão, bem como na conversão de outros entrevistados. É importante analisar o discurso do entrevistado quando se refere à conversão dos diversos familiares, a linguagem utilizada é típica de um evangélico quando afirmou que Jesus foi “salvando” sua família e seus familiares por sua vez foram “intercedendo” pela vida deles. Percebemos que os familiares convertidos tinham como objetivo converter os membros que eram adeptos do Candomblé. Ao perguntar ao Senhor Carlos como foi o dia de sua conversão ele rememorou:

(...) foi uma coisa linda, minha mãe tava lá, na hora que minha mãe me viu entrar minha mãe se alegrou, por que a alegria da mãe quando tá na igreja vê um filho que não é crente visitar a igreja que ela convive, é uma alegria.

Então quando eu cheguei, minha mãe se alegrou, os irmãos da igreja tudo ficou me olhando, me admirando por que sabia como era a minha vida cá fora, como era e aí meu irmão por incrível que pareça tava pregando a palavra do Senhor (...) ²¹⁶

É interessante destacar como o entrevistado interpretou o sentimento da sua mãe quando o viu entrar no templo, ou seja, para uma mãe que não tinha o filho convertido, o fato dele ter feito uma visita já foi suficiente para satisfazê-la.

De maneira semelhante Dona Débora adepta do Candomblé por 33 anos, convertida em 2002 a Igreja Universal do Reino de Deus, reconheceu a importância dos familiares durante o seu processo de conversão. Relembrou que a irmã e a sobrinha a convidava para ir ao templo. Assim rememorou:

Vamo (sic) Débora eu dizia: “eu, vou nada, pra igreja, não”, mas diz que a gente não vai pelo amor, sempre vai pela dor, então eu fui pela dor e tô bem graças a Deus e peço muito a Deus por ela e minha sobrinha, por que foi quem mais me ativou pra eu ir pra igreja, foi elas duas, eu tô feliz graças a Deus, sofri muito.²¹⁷

A entrevistada reconheceu que as duas familiares foram as pessoas que mais a influenciaram a ir para Igreja, dessa forma agradeceu a persistência delas. Tanto na situação do Senhor Carlos quanto na de Dona Débora podemos afirmar que existiu um

²¹⁶ Entrevista com o Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

²¹⁷ Entrevista com a Senhora Débora concedida à autora em 09 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

processo de evangelização dentro da família e que a persistência dos mesmos foi um fator fundamental para adesão do novo membro da família a denominação protestante.

É importante retomarmos o discurso de Dona Débora sobre o processo de rompimento com o Candomblé:

Aí não fui pra essa matança, pra essa obrigação. Vieram me buscar umas quatro vezes “eu digo eu não vou” aí quando foi no outro dia ele mandou recado que era pra eu ir, que eu ficava lá sentada sem fazer nada, mas que queria eu lá eu: “diga a ele que eu não vou, nem pra ficar sentada, nem pra ficar em pé, nem pra ficar deitada, aí eu não vou, eu num já disse que eu não vou” aí ele mandou uma carta, mandou o menino vim e trazer um bilhete “se você não vim você vai se arrepender da hora que você nasceu e da hora que você entrou no Candomblé” eu disse: “pronto então eu já estou arrependida por que eu não vou, eu não vou mesmo(...)”²¹⁸ (grifo nosso)

A Senhora Débora descumpriu as ordens do seu sacerdote contestando dessa forma sua autoridade. Mesmo após o babalorixá tendo afirmado que ela seria poupada, pois deveria está presente no ritual religioso, ela insistiu em desobedecê-lo, mesmo após ter sido ameaçada. A própria entrevistada afirmou que aconteceria um “ritual de matança”, uma “obrigação”, ou seja, era um ritual que ela não tinha escolha, era uma obrigação. Um dever que ela ousou em descumprir. Ela continuou relatando que:

Quando eu me afastei de lá (do Candomblé), sofri mais ainda, que se eu não acho minha irmã e minha sobrinha que já era de lá (da Igreja Universal) eu não ia resisti. Eles fizeram perversidade comigo, por que eu abandonei assim de uma hora pra outra, deu em minha cabeça, começou com uma topada que eu tomei lá (no Candomblé) e eu ferí o pé, aí eu disse: “eu não vou mais” aí comecei sofrer, comecei sofrer. Eles me botaram um espírito ruim pra (sic) prender minha urina, prendeu minha urina, eu sofri, fiquei foi oito dias sem urinar, não tinha mais remédio que o povo me desse, quando vinha aquela vontade de urinar eu ia, era aquela poça de sangue pura aí eu fui lá na casa (no Candomblé) ele (o pai-de-santo) disse: “eu não posso fazer nada por você”. Eu vim me acabando de chorar.²¹⁹

A punição dada pelo pai de santo ocorreu devido a desobediência de Dona Débora, pois devido ao ferimento no pé não compareceu o Terreiro de Candomblé para cumprir suas funções de mãe pequena, não atendeu as ordens do sacerdote, que na hierarquia do Candomblé não podia ser questionado por um filho de santo, “o líder do terreiro exerce toda autoridade sobre os membros do grupo, em qualquer nível da

²¹⁸ Entrevista com a Senhora Débora concedida à autora em 09 de fevereiro de 2009, em São Félix-Ba.

²¹⁹ Id.

hierarquia, dos quais recebe obediência e respeito absolutos.”²²⁰ Identificamos que ao mesmo tempo em que os laços com a família de santo estavam sendo desfeitos sua família biológica (irmã e sobrinha) membros da IURD a acolheram.

Quando chegou ao Terreiro de Candomblé para solicitar ajuda do seu sacerdote e lhe foi negada lembrou que: “... aí a outra mãe pequena que tinha lá disse, foi na cozinha disse: oh “Débora” eu sei o que você tá sentindo, mas eu não posso fazer nem um chá pra você, que meu compadre (o babalorixá) disse que aí de quem fazer um chá pra você ...”.²²¹ A entrevistada sentiu-se desamparada pela família de santo, tanto seu pai quanto sua irmã lhe negaram ajuda, mas encontrou na IURD pessoas dispostas a ajudá-la. Assim quando chegava no templo:

Oh ele (o orixá) me pegava puxava a gravata de pastor, lascava a blusa de obreira, pintava mesmo os caneco, comigo lá dentro da igreja, mas eu não desisti, tive muita força de minha irmã, de minha sobrinha e das outras obreiras de lá também, que tomaram essa guerra, “não essa guerra vai ser da gente você vai ser libertada e tudo” (palavras das obreiras) e graças a Deus eu me libertei e agora eu tô feliz.²²²

Dona Débora encontrou na comunidade religiosa iurdiana uma outra família, a qual estava comprometida em solucionar seus problemas. A persistência da família biológica, bem como do pastor e das irmãs em Cristo, as obreiras foram determinantes no seu processo de adesão a outra instituição religiosa. Perdeu a família de santo do Terreiro de Candomblé e ganhou uma família em Cristo. No que diz respeito as relações entre pais e filhos de santo, Lima explicou que:

Os laços criados no Candomblé através da iniciação no santo não são apenas uma série de compromissos aceitos dentro de uma regra mais ou menos estrita, como nas ordens monásticas e fraternidades laicas, iniciáticas ou não; são laços muito mais amplos no plano das obrigações recíprocas e muito mais densas no âmbito psicológico das emoções e do sentimento. São laços efetivamente familiares: de obediência e de disciplina; de proteção e assistência; de gratificação e sanções; de tensões e atritos - tudo isso existe numa família e tudo isso existe no Candomblé.²²³

A Senhora Antônia, adepta do Candomblé por cerca de 46 anos, membro da Irmandade da Boa Morte, após ter ficado doente não encontrou apoio do grupo que

²²⁰ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003, p.60.

²²¹ Entrevista com a senhora Débora concedida à autora em 09 de Fevereiro de 2009, em São Félix.

²²² Id.

²²³ LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003, p.161.

fazia parte. Portanto concluiu que: “(...) se me aproveitasse elas lá que era da Boa Morte, me aproveitasse talvez eu ficasse, mas ninguém me deu valor (...)”²²⁴, ou seja, se o grupo tivesse a eficácia de uma irmandade, na qual os irmãos se ajudam mutuamente, Dona Antônia provavelmente não teria se convertido à Assembleia de Deus.

Dona Laura membro da Igreja Batista Betel, já mencionada anteriormente, ao rememorar o dia da sua conversão, disse:

É (silêncio) minha experiência (silêncio) foi até, pra mim foi até tido como surpresa por que durante o mês de Janeiro é, na casa de minha mãe tem Candomblé então como eu era a 2ª pessoa, eu era iakekere²²⁵ da casa dela, então eu levei trinta dias do mês de Janeiro dançando Candomblé normal na casa dela e desci, depois do Candomblé, depois da última festa desci (ela menciona que desceu, pois o terreiro da mãe dela fica num local enladeirado). Fui fazer uma visita na Igreja Batista Betel de Cachoeira e chegando lá, ouvindo os louvores, a pregação das obreiras então eu me converti, naquele momento eu aceitei a Jesus, também estava assim me sentindo muito deprimida né? Tinha tido alguns problemas com o meu marido. Não estava feliz com a minha vida então cheguei, quando fizeram o apelo eu levantei a mão e quando eu cheguei na frente que aí que eu lembrei, eu digo: meu Deus, minha mãe! Mas foi uma experiência muito boa, eu gostei muito. Depois né? Que quando a pessoa se converte né? Às vezes a pessoa diz: Ah vou ser crente por que minha vida vai melhorar, realmente melhora, mas vêm as lutas né? Mas como diz na Palavra (Bíblia), todos nós que estamos em Cristo Jesus somos mais que vencedores. E aí foi tudo normal.²²⁶

Ela demonstrou que ao ter refletido sobre sua conversão preocupou-se com a reação que sua mãe biológica e também sacerdotisa do Candomblé teria diante da notícia. Possivelmente, preocupou-se também como seria a relação entre as duas a partir daquele momento, já que havia rompido com sua religião tradicional. Apesar de ter afirmado que sua conversão foi uma surpresa ela mencionou que já não estava feliz com a sua vida, estava deprimida e que estava com problemas conjugais, o que nos permite afirmar que a entrevistada estava insatisfeita e talvez decepcionada com a religião que praticava, uma vez que estava infeliz e com problemas conjugais.

Além dos problemas conjugais a Senhora Laura relatou a mudança de comportamento pós-conversão no interior do seu grupo familiar:

Olhe minha vida antes de me converter era terrível, por que meu relacionamento com o meu pai - é uma das coisas que eu sempre falo

²²⁴ Entrevista com a Senhora Antônia concedida à autora no dia 08 de fevereiro de 2009.

²²⁵ Iakekere tem o mesmo significado que mãe pequena que é a pessoa mais importante do Terreiro ou casa de Candomblé depois ialorixá.

²²⁶ Entrevista com a Senhora Laura concedida à autora em 26 de janeiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

com as pessoas que são próximas a mim- é (...) uma das coisas que Deus fez na minha vida depois que eu me converti foi ter a amizade de meu pai, por que levei trinta anos meu pai achando que eu era excomungada, que eu não prestava, eu brigava muito com o meu pai, eu não respeitava meu pai, então hoje em dia, né? Depois que eu me converti eu tenho um amigo, meu pai vem a minha casa, meu pai conversa comigo, eu levei trinta anos sem vê um sorriso de meu pai, hoje sento com meu pai, meu pai conta as coisas pra mim e eu dou risada, eu tenho um amigo e antigamente eu tinha meu pai como meu inimigo, mas hoje em dia uma das coisas que eu mais prezo assim que Deus fez comigo.²²⁷(grifo nosso)

A harmonia com a família foi a consequência da conversão que mais alegrou Dona Laura. A mesma quantidade de tempo que ficou no Candomblé, coincidência ou não, igualou-se a desunião que existia entre Laura e seu pai, mas as desavenças que perduraram durante anos acabaram depois que ela se converteu. No discurso dos entrevistados após se converterem sempre destacam as transformações vivenciadas em suas trajetórias de vida e nas relações familiares.

Diferentemente da Senhora Laura foi a experiência do Senhor Manoel, filho de pai candomblecista, ao ser questionado sobre o relacionamento com seu pai após a conversão afirmou:

Meu relacionamento com meu pai não mudou muito por que nós nunca tivemos assim uma comunhão muito boa, que meu pai foi sempre um homem um pouco severo, um pouco duro até então um pouco brabo, então não mudou muito, só que meu pai ele até hoje ele não aceita o fato de ter deixado o Candombré (sic) e ter, e frequentar o Cristianismo, pra ele também é uma traição e ele também sente revolta.²²⁸

Conflitos provocados por adesão a distintas religiões diferentemente do que ocorreu com outros entrevistados, com o Senhor Manoel os conflitos familiares ao invés de serem minimizados se acirraram após a sua conversão. A relação com o pai praticamente não existe, pois a mudança de religião potencializou muito mais as tensões que havia entre eles. Além da desavença com o pai, o senhor Manoel que era filho de santo do Terreiro de Candomblé liderado por sua tia biológica, acabou rompendo relações com sua tia. Assim rememorou:

²²⁷Entrevista com a Senhora Laura concedida à autora em 26 de janeiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

²²⁸Entrevista com o Senhor Manoel concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

(...) a minha tia começou a ouvir boatos que eu estava falando mal do orixá dela, começou a ouvi boatos que eu estava criticando o Candomblé, então teve um dia que ela me chamou e me fez perguntas e eu contei os acontecimentos tudo que eu tinha falado aí ela achou que, ela não acreditou, ela mandou que eu fosse embora da casa dela e que eu nunca mais pisasse meus pés lá ainda mandou ir embora eu e o meu Jesus. Daí depois disso nunca mais eu fui pra casa de minha tia, eu fiquei sabendo por segundos que ela disse que ia sentar na porta e ia ver o meu caixão descer, por que ela achava que foi uma traição, que eu trai.²²⁹

Na análise das fontes escritas e também nas orais foi recorrente no discurso dos adeptos do Candomblé e da Irmandade da Boa Morte depois que se converteram a demonização do Candomblé, assim a tia do Senhor Manoel acreditou ser possível que o sobrinho, outrora seu principal ogã, pudesse está desprestigiando o Candomblé, já que é comum a comunidade evangélica associar as práticas religiosas afro-brasileiras a algo demoníaco. Acreditando que o sobrinho estava desqualificando sua religião rompeu relações com ele e ainda rogou praga. A tia do Senhor Manoel, assim como seu pai não aceitaram a sua conversão, para eles, como o próprio entrevistado relatou, sua conversão significou uma traição. O rompimento com a religião que seguiu desde a infância, para os familiares que o iniciaram no Candomblé, foi uma grande decepção, dessa maneira os laços com a família biológica, tia e pai, que também eram sua família de santo foram desfeitos, foi como se a sua conversão tivesse significado rejeição, à própria família biológica.

A adesão à novos grupos religiosos pode provocar tensões, mudanças, desarmonia ou propiciar novo patamar de relações, tidas como ideais e harmônicas. No discurso do Senhor Carlos no que se refere às mudanças que ocorreram em sua vida familiar, o entrevistado relatou:

A minha família tinha um elo tão feio, tinha uma parte negra na minha família. Que, eu tenho duas irmãs que elas não se unia, (sic) por nada, uma chegava dentro de casa a outra saía e isso foi anos e anos dentro da minha família e quando eu aceitei a Jesus, eu minha mãe, meus irmãos a gente orava, buscava, jejuava em prol dessas duas vidas aí as coisas se modificou cada vez mais, mas a gente perseverando na oração, pedindo a Deus. Aí minha irmã chegava pra passa o dia das mães, o São João, Natal, quando uma chegava, a outra chegava, era briga, não se unia por nada e hoje graças a Deus, cê (sic) vê como Deus é maravilhoso, bom. Do nada Deus fez uma ter um amor com a outra assim que uma não sai de dentro da casa da outra, cê (sic) vê que bênção, maravilha Deus faz na vida do homem. Então eu acredito que com isso, com isso que Jesus tem feito na minha vida, na vida da

²²⁹ Entrevista com o Senhor Manoel concedida à autora em 22 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

minha família eu acredito por que a gente depois que serve a Jesus, nós vive debaixo da promessa então eu acredito nessa promessa do Senhor, de um dia meus irmão assim como minha família, toda servindo ao Senhor.²³⁰

A desunião entre duas irmãs era uma situação constante antes da conversão do Senhor Carlos, bem como de outros familiares, mas após as conversões a harmonia se fez presente entre as irmãs que viviam como inimigas, não de maneira instantânea, mas através das orações realizadas pelos familiares membros da denominação protestante Assembleia de Deus. O Senhor Carlos também citou a promessa de Deus de converter todos os familiares. Não podemos negligenciar o fato de ter classificado os conflitos intrafamiliares como sendo a “parte negra da família”, ou seja, para ele a coisa negativa no seio familiar era associada a algo negro, algo ruim, uma coisa associada ao mal. Nesta frase identificamos o preconceito subjacente e talvez a associação a religião tradicional da família, o Candomblé à etnia negra.

A narração do Senhor Cristiano, ex-adepto do Candomblé e hoje convertido a Igreja Batista Betel, irmão biológico do Senhor Carlos e da Senhora Carla nos revelou aspectos relevantes da trajetória religiosa familiar. Quando perguntamos como tornou-se adepto do Candomblé ele rememorou:

Aí já vem de família por que meu pai era candomblezeiro do Ventura, então ele levava todo mundo e foi crescendo e foi gostando. Com sete anos, chegou minha tia fez a roça dela, (...), como era próximo a gente se criou dentro do Candomblé. Foi gostando aí com o tempo, onze anos, me suspendeu pra ser ogã e pediram permissão a minha mãe, ela liberou, como era de menor, liberou aí eu fiz o santo na casa de outra pessoa, não na casa da minha tia, mas tudo através do meu pai, né? Que meu pai que era macumbeiro.²³¹

Conforme o entrevistado a religião do Candomblé não foi uma escolha individual, era a religião da família, tanto o pai quanto a tia eram adeptos e assim ensinaram o mesmo caminho aos familiares. Tanto ele quanto seus irmãos biológicos cresceram no Candomblé. Ao perguntar a Senhora Carla, irmã biológica do Senhor Cristiano e do Senhor Carlos, como era sua vida quando frequentava o Candomblé ela recordou:

Ah minha filha era uma coisa horrível, por que no início a gente acha que é coisa boa. Por que eu cresci assim, eu cresci dentro de um Candomblé, por que meu pai era macumbeiro então só levava eu e

²³⁰Entrevista com o Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

²³¹Entrevista com o Senhor Cristiano concedida à autora em 29 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

meu irmão pra macumba, a gente só vivia de macumba em macumba e a gente achava e eu principalmente achava que aquilo ali era o certo e eu cresci assim achando que pra gente consegui as coisas a gente tinha que fazer despacho, a gente tinha que sacrificar animais, arriá um ebó passa coisas no corpo, é... acender vela, tinha que arriá coisas na encruzilhada por que eu achava que aquilo era o certo, que o errado.... mas depois que eu aceitei Jesus eu vi que tudo isso é ilusão, tudo é ilusão, nada disso leva a gente pra lugar nenhum o único caminho certo que vai levar a gente a algum lugar certo e seguro é Jesus.²³²(grifo nosso)

A entrevistada relatou que desde a infância frequentava o Candomblé, pois era a religião de seu pai. Para a entrevistada o Candomblé foi avaliado de maneira positiva, pois lhe foi ensinada quando ainda era uma criança, ou seja, quando não tinha condições de fazer questionamentos ou escolhas. Desse modo, cresceu acreditando na eficácia simbólica do Candomblé, acreditando nas práticas que realizava até que durante a sua trajetória religiosa conheceu outro sistema de crenças. Percebemos que os convertidos outrora aderiram ao Candomblé, pois era uma religião da família. Reafirmando o discurso da Senhora Carla, seu irmão, o Senhor Cristiano concluiu que: “Na verdade lá em casa todo mundo era macumbeiro viu, todo mundo. Depois que meu pai morreu aí minha mãe foi ser evangélica e aí saiu arrastando. Lá em casa todo mundo era macumbeiro.”²³³ Reafirmou que todos os familiares, pais e irmãos, eram adeptos do Candomblé e que essa hegemonia religiosa na família foi se transformado depois que a mãe se converteu às doutrinas evangélicas.

É interessante observar que os três irmãos enfatizaram que a herança religiosa do Candomblé foi adquirida por intermédio do pai deles, suas narrativas ao mesmo tempo que reforçam o que foi narrado por cada um deles também se complementaram. Dessa forma, pudemos analisar a trajetória religiosa da mãe²³⁴ deles, o Senhor Carlos relatou que:

Quem me levou pra Igreja, (pausa longa) foi Jesus que me levou pra (sic) Igreja, mas bem antes disso, primeiro (pausa curta) é (pausa curta) teve uma falha nisso, por que a minha mãe, ela era evangélica, nascida, nasceu dentro do Evangelho por que a minha avó, da parte da minha mãe é evangélica, é uma pessoa evangélica, então, e meu avô. Então minha mãe era uma pessoa evangélica, então (pausa longa) ela me contando que passou um período na igreja difícil então desviou, nessa saída dela, foi aí que o inimigo começou a trabalhar na vida dela, então enviou uma seta que foi meu pai, ela me conta, e ela me

²³²Entrevista com a Senhora Carla concedida a autora em 15 de Fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

²³³Entrevista com o Senhor Cristiano concedida à autora em 29 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

²³⁴É importante dizer que não realizamos entrevista com mãe dos três irmãos por que ela negou ter sido frequentadora do Candomblé.

contou que meu pai se aproximou dela então, meu pai era do Candomblé, aí teve esse elo. Ela tava desviada, meu pai do Candomblé então os dois se juntaram então isso formou uma família, então a nossa família cresceu, teve filhos, ela teve filhos, se eu não me engano ela me disse que perdeu a primeira barriga de gêmeos depois teve mais e nisso deu treze filho (sic) aí com isso ela levou muitos anos afastada, muitos anos afastada.²³⁵

Ao afirmar que quem o levou para Igreja foi Jesus, analisou que a trajetória religiosa da família não foi linear quando afirmou que “teve uma falha nisso”, quis dizer que pelo fato da mãe ter sido criada num lar evangélico poderia ter tido um único percurso religioso, mas devido a algum problema dentro da denominação e a união com um marido candomblecista fez sua mãe passar longos anos afastada da Igreja. O entrevistado interpretou que o fato da mãe ter se desviado da denominação protestante possibilitou a ação demoníaca na vida dela assim “o inimigo” enviou “uma seta que foi meu pai”. A seta representa um dardo, algo que alveja e fere. Na Bíblia fala que o Diabo desfere dardos contra os filhos de Deus.

Em entrevista com o Senhor Cristiano sobre a relação da sua mãe com o Candomblé afirmou: “Minha mãe ela ia (ao Terreiro de Candomblé), mas ficava só olhando, nunca deu santo²³⁶, não bebia nem nada, nunca se envolveu. Só apoiava, mas não dava santo, não fazia nada.”²³⁷ Apesar de afirmar que a mãe não fazia nada no Candomblé ao longo da entrevista quando perguntamos se pelo fato dele ter uma irmã gêmea, ele ofertava caruru a Cosme e Damião ele disse que: “Por que a gente (ele e irmã) nunca fez nada, minha mãe que fazia. Nunca dei caruru, era sempre minha mãe que fazia. Depois que minha mãe parou de dar.”²³⁸ Quando o Senhor Cristiano afirmou que a mãe praticamente era apenas visitante dos Terreiros de Candomblé e que por isso não fazia nada, acreditamos que ele pretendeu dizer que ela não era iniciada na religião. No entanto, realizava práticas rituais candomblecistas.

3.2 CONVERSÃO E CONFLITOS FAMILIARES

²³⁵ Entrevista com o Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009.

²³⁶ Significa que nunca incorporou um orixá.

²³⁷ Entrevista com o Senhor Cristiano concedida à autora em 29 de Abril de 2013.

²³⁸ Entrevista com o Senhor Cristiano concedida à autora em 29 de Abril de 2013.

No período em apreço é recorrente nos discursos da IURD a associação entre desagregação familiar e forças espirituais malignas. Nesse sentido na reportagem do jornal *Folha Universal*, intitulada: *Terapia do perdão dissipa mágoa e propicia união familiar*, foi afirmado que:

Cada dia é crescente o número de lares destruídos em razão das brigas provocadas pelos mais diversos motivos. A verdade é que sentimentos como o ódio, a mágoa, o desprezo e a inveja, entre tantos outros, acabam por desencadear o desequilíbrio familiar, causando sofrimento a todos. O que poucos sabem, no entanto, é que todos os problemas, que se levantam contra o ser humano, têm sua raiz alimentada por uma forte influência maligna (...) ²³⁹

A desestruturação familiar foi uma temática abordada frequentemente nas reportagens do jornal *Folha Universal*, demonstrando uma forte preocupação do grupo religioso em orientar as pessoas para que harmonizassem suas relações familiares. Essa preocupação recorrente revelou que para a IURD a família constituiu-se como um dos pilares da sociedade, e se as relações intrafamiliares foram marcadas por intensos conflitos consequentemente a sociedade os refletirá. A velha tese protestante: converter o homem e mudará a sociedade. O Evangelho pode resolver todos os males sociais. É nesse sentido que:

Com o objetivo de combater e eliminar o mal que atua nos lares, todas as quintas-feiras, às 19 horas, é realizada, na Catedral da Fé, a Terapia do Perdão. Essa reunião é um verdadeiro tratamento contra a mágoa. Assim, aqueles que alimentavam um sentimento negativo contra seu pai, mãe, irmãos, marido, esposa ou filhos, por intermédio das orações e ensinamentos pautados na Palavra de Deus, que são transmitidos, recebem a sabedoria proveniente do Espírito Santo, capacitando-os a perdoar àqueles que lhes ofenderam e encontram forças para reconstruir suas vidas (...) A verdade é que abaixo da comunhão com Deus, a família é o mais importante vínculo que o ser humano pode ter. Portanto, a nossa casa é uma extensão do relacionamento que temos com o Criador, pois uma família que vive em harmonia é feliz e consegue conquistar todas as bênçãos prometidas por Deus.²⁴⁰

Não podemos deixar de analisar que a desestruturação das famílias foi associada ao plano espiritual, a uma ação maligna. Como no discurso iurdiano a família é uma instituição divina, criada por Deus, seu fracasso está associado a ação do demônio. Nesse sentido a organização temática dos cultos da instituição destinam um dia da semana para tratarem especialmente das questões que afligem e ameaçam a constituição

²³⁹ Jornal Folha Universal, 01 a 07 de Outubro de 2000, p.8A.

²⁴⁰ Id.

da família. Esta entendida como a instituição mais importante depois do relacionamento com Deus.

Durante a entrevista com Dona Margarete, mãe de Letícia, que frequentou o Candomblé durante 36 anos, filha de uma ialorixá, convertida a Igreja Batista Missionária em 2005, quando perguntamos sobre sua experiência de conversão, ela afirmou: “(...) *comecei assim a ir pra igreja com minha filha, só visitar, visitar (...)*.”²⁴¹ As visitas realizadas ao templo demonstraram que a entrevistada passava por um processo de evangelização, o qual era realizado por sua filha que havia se convertido anteriormente.

Em entrevista com a Senhora Carla irmã do Senhor Carlos, ela relatou: “...e eu não sabia que através de tudo aquilo ali Jesus já estava trabalhando para me resgatar e *resgatar minha família* do Candombré”. (sic) ²⁴²As situações vivenciadas antes da conversão foram interpretadas como sinais de uma ação sobrenatural. Assim essas experiências após a conversão foram interpretadas como um caminho que culminaria na conversão da própria entrevistada e também da sua família.

Na maioria das entrevistas identificamos que o versículo bíblico “Servirás ao Senhor e tu e a tua casa serão salvos” foi experimentado pelos convertidos, mesmo entre aqueles que não tenham mencionado esta passagem bíblica, que é interpretada como promessa divina. Sobre essa questão a Senhora Carla afirmou:

(...) é as promessas que o Senhor Jesus fez, por que ele diz pra mim e pra os demais que queria ouvi, que crê no Senhor Jesus Cristo que será salvo tu e a tua casa, quando ele fala assim, tu e a tua casa será salvo eu que aceitei e os demais que estão ao meu redor, meus familiares, aquele que estão perto, aqueles que estão longe, aqueles que estão distantes, aqueles que eu nem conheço, mas Jesus conhece, por intermédio das minhas orações o Espírito Santo vai e alcança aquela vida.²⁴³

É importante ressaltar a concepção de família da entrevistada, pois a Senhora Carla não compreende que a família é constituída apenas pelo casal e filhos, mas por qualquer membro que tenha algum grau de parentesco, desse modo concebe que todos os familiares desde aqueles com os quais convive e tem relações mais íntimas até

²⁴¹ Entrevista com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

²⁴² Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

²⁴³Id.

mesmo aqueles que ela desconhece. “Tu e a tua casa será salvo” é compreendida como uma promessa para quem se converteu, bem como para todos os familiares, “a casa será salva” na interpretação da entrevista é composta por toda sua ascendência e descendência.

A Senhora Carla ao falar dos irmãos biológicos que ainda frequentam o Candomblé, afirmou sua esperança na conversão dos mesmos às doutrinas protestantes:

Então ainda tem do candombré (sic) na minha família tem a fulana, que diz que vai morrer lá dentro do candombré, (sic) eu também dizia isso, eu quantas vezes eu lancei isso na cara do pastor Samuel que eu ia morrer na nação, na religião que eu cresci, que eu ia morrer ali. Tem o Cristiano que aceitou a Jesus, se batizou, depois que foi consagrado a obreiro, voltou pro Candombré (sic) de novo, eu acho que só tem esses três: Cristiano, fulano e fulana. Mas eu creio no Senhor Jesus Cristo e que eles vão deixar, eles vão sair do candombré. (sic)²⁴⁴

Ao entrevistar o Senhor Cristiano ele afirmou que depois de sair do Candomblé e se convertido, permaneceu na denominação por pouco mais de um ano e se desfilou, estando assim sem religião. Em nenhum momento mencionou que retornou para o Candomblé. A própria experiência da entrevistada a fez afirmar com convicção que os familiares candomblecistas se converterão, principalmente de uma das irmãs que afirmou que morreria no Candomblé. A entrevistada afirmou que também pensava como ela afirmando que morreria fazendo parte da religião em que cresceu. Essa irmã mencionada pela Senhora Carla em 2009 é a mesma que o irmão Cristiano disse em 2013 que estava se preparando para abrir um Terreiro de Candomblé, ou seja, está irmã da Senhora Carla, do Senhor Carlos e do senhor Cristiano chegou ao mais alto cargo dentro da hierarquia do Candomblé, ela é ialorixá.

A Senhora Mônica convertida às doutrinas da Igreja Batista Missionária, após a sua conversão, foi fazer proselitismo no Terreiro de Candomblé de sua avó, Dona Isabela:

(...) e não forço ninguém a fazer nada, um dia forcei né? Minha vó (sic) (risos) aí, na casa dela mesmo eu achei de, tanta alegria, euforia de, depois que eu aceitei Jesus que aceitasse Jesus todas pessoa (sic) que ia fazer consulta, comecei a falar que Jesus é bom não eu vim aqui por que eu tô com um problema, não eu tava assim foi Jesus. Pra (sic) quê? A mulher quase que ia embora, minha vô (sic) retou.

²⁴⁴ Entrevista com a Senhora Carla concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009, em Cachoeira-Ba.

Falou com minha mãe que no dia que eu fosse lá, falar de Jesus de novo pros clientes dela que eu ia descer de cabo de vassoura de lá, procurei a ter mais sabedoria com isso, não falei mais de Jesus com os clientes dela (...)²⁴⁵

A Senhora Mônica afirmou “minha vó (sic) já não tava gostando que eu entrei no Evangelho” e mesmo assim afirmou que foi evangelizar em seu Terreiro. Essa situação explicitou um conflito que estava subjacente. O episódio foi considerado uma afronta para a sacerdotisa do Terreiro de Candomblé, pois além da neta ter mudado de religião estava contando sua história para uma cliente de sua avó desprestigiando o Candomblé e falando que resolveu seus problemas na Igreja. A reação da sua avó foi de indignação, assim mandou aviso pela filha que partiria para agressão física caso a Senhora Mônica repetisse aquela atitude desrespeitosa. Pensemos no inverso, isto é, a ialorixá indo a um culto evangélico e tentar pessoalmente dissuadir os fiéis ou os visitantes que as doutrinas da Igreja Batista Missionária ou de outra denominação eram falsas? Seria impensável.

A Senhora Mônica relatou que outros familiares, como uma de suas tias frequentemente a discriminava por ter se convertido. Assim nos contou:

Na época era um terror, tinha uma tia que era um terror na minha vida, toda vez que eu passava ficava você é de Iansã, você é de Oxum. Pertubano (sic) minha vida por que eu era cristã, “ei que dia vai dar o caruru, que dia vai dar isso, que dia vai dar aquilo”, o inimigo mesmo se levantando através da minha tia, eu: tá repreendido Satanás em nome de Jesus, tá repreendido, repreendendo, ela ficava naquela fúria, hoje em dia ela não fala mais nada.²⁴⁶

Neste trecho da entrevista identificamos que para a tia da Senhora Mônica, que era adepta do Candomblé, a sobrinha ter se convertido era algo inaceitável e por isso quando dizia que Dona Mônica era de Iansã ou de Oxum pretendia reafirmar a espiritualidade que foi negada e ao dizer quando ela iria dar as oferendas, estava talvez dizendo que a sobrinha estava em dívida com os orixás.

Ao entrevistarmos a Senhora Isabela, no que se referiu as relações com os familiares que fizeram uma nova adesão religiosa, ela relatou que o relacionamento da família:

²⁴⁵ Entrevista realizada com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

²⁴⁶ Entrevista realizada com a Senhora Mônica concedida à autora em 18 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

Continua o mesmo. Quando eu faço aniversário, todos tão aqui, a casa enche de neto, bisneto, crente e candomblezeiro, católico, vem todo mundo, não tenho o que dizer, não desfaz de mim, né? Continuam a mesma consideração, agora só não faz mais parte juntamente da religião do Candomblé, que não pode né? Vivendo cada qual em seu cada qual, não mexendo com um, não mexendo com o outro, o negócio é o desrespeito.²⁴⁷

Apesar de ter afirmado que o relacionamento familiar permaneceu o mesmo após a conversão às denominações protestantes de alguns familiares, é importante enfatizar que os familiares de diversas filiações religiosas costumavam se encontrar em momentos festivos, como foi citado, o aniversário da Dona Isabela. Foi um momento em que todos os familiares independentemente do credo que professavam se reuniram para comemorar mais um ano de vida da Dona Isabela. Mas esse relato nos faz acreditar que a comemoração do aniversário da avó foi um dos poucos, ou talvez raros momentos em que os familiares de crenças distintas se encontravam, até por que a residência da Senhora Isabela localiza-se no mesmo terreno do Terreiro de Candomblé.

Podemos chegar a essa conclusão também por que em entrevista com uma das netas, a Senhora Letícia, que se converteu à denominação protestante, a mesma afirmou: “(...)a gente vai lá principalmente assim quando ela faz aniversário(...)”.²⁴⁸ Os familiares com opções religiosas distintas não se encontraram com a mesma frequência de quando faziam parte da mesma religião, apesar do laço de sangue ter permanecido, por isso o respeito por Dona Isabela, os laços da família de santo foram rompidos, os membros da família não comungam mais das mesmas práticas religiosas, pois isso frequentam a casa de Dona Isabela em datas especiais e que não coincidam com o calendário festivo do Terreiro de Candomblé.

Quando perguntamos a Senhora Margarete, filha de Dona Isabela e ex adepta do Candomblé, como ficou o relacionamento entre mãe e filha após a conversão, ela narrou:

Minha mãe, jamais, não é por que eu hoje, eu sou evangélica vou esquecer, deixar de ir na casa de minha mãe, não, jamais! Eu vou na casa de minha mãe, não importa as coisa (sic) que ela faz, chego na casa dela não desfaço em nada, nem eu nem meus filho, aniversário dela a gente tá sempre lá, é dia das mães eu tô sempre lá. Vou, levo

²⁴⁷ Entrevista realizada com a Senhora Isabela concedida à autora em 19 de setembro de 2010, em Cachoeira-Ba.

²⁴⁸ Entrevista realizada com a Senhora Letícia, concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

presente pra ela, abraço minha mãe, ela manda ficar pra (sic) almoçar, eu almoço com minha mãe, não mudou nada. Minha mãe, eu não, jamais hoje por que eu sou evangélica eu vou deixar de ir na casa de minha mãe eu vou desfazer nas coisa, (sic) não. A única coisa que eu faço é só orar, orar pela vida de minha mãe e de meus irmãos pra um dia Deus, enxergar a verdade como eu enxerguei e ser liberto. Mas eu amo muito a minha mãe, é minha mãe mesmo eu não, eu amo muito minha mãe mesmo, eu tenho orado muito pela vida dela, pela saúde dela e minha família, desde quando eu aceitei Jesus que eu venho orando, venho pedindo a Deus pela vida de minha mãe e de meus irmãos e eu jamais vou deixar de orar por minha mãe, não, jamais e pelos meus irmãos também e não mudou nada (...) não fico assim como antes direto lá, frequentando direto, mas quando eu tenho um tempinho aqui eu vou lá. Às vezes quando eu passo pra (sic) ir pra rua ela tá assim sentada na porta eu dou a bença, bença (sic) minha mãe, bença mainha, ela responde como é que vai, tudo bem, aí pergunto como ela está. Mas jamais vou deixar de ir na casa da minha mãe, de dar um abraço nela, mesmo sabendo que ela serve, né? Não desfazendo, mas eu sei que um dia ela vai ser liberta e vai enxergar a verdade.²⁴⁹

Através desse relato podemos afirmar, que mesmo declarando que nada mudou, a entrevistada deixou transparecer que não frequenta a casa da mãe cotidianamente como era quando participava do Candomblé, já que a residência da mãe é no mesmo local onde fica o Terreiro do Candomblé. Compreendemos que para Dona Margarete nada se modificou no que se refere ao sentimento que nutria pela mãe, não a visita com a mesma assiduidade, mas a ama da mesma forma, independente da religião que Dona Isabela era adepta. Deixou explícito em quais ocasiões está presente na casa da mãe, as quais são datas especiais como o aniversário e a comemoração do dia das mães. Nesse sentido, ficou evidente que as relações foram alteradas após a mudança de religião, já que para os candomblecistas, as práticas religiosas estão presentes cotidianamente. E os convertidos se afastaram das suas antigas práticas, assim acabaram se afastando dos familiares que continuaram praticando a religião do Candomblé.

Dona Margarete deixou transparecer, que mesmo não tendo deixado de frequentar a casa da mãe que é no mesmo espaço do Terreiro, a frequência diminuiu após a conversão, enfatizando que nas datas comemorativas como dia das mães e aniversário os familiares se reúnem, nestas ocasiões a presença deles estava garantida. Certamente nesses dias não realizavam atividades religiosas no Terreiro. Ainda no que

²⁴⁹ Entrevista realizada com a Senhora Margarete em sua residência no dia 03 de dezembro de 2012.

se refere ao relacionamento com a mãe após a conversão e ao abandono das antigas práticas religiosas, a entrevistada narrou como a mãe reagiu à notícia da sua conversão:

Ficou sabendo pelos outros, por um irmão. Foi meu irmão caçula que falou com ela, aí ela perguntou das imagens, dos quadro (sic) de Cosme que eu tinha um altar dentro de casa, aí dava caruru e tudo, depois acabei com tudo, peguei joguei tudo na maré, a minha sobrinha²⁵⁰ levou tudo e quebrou, ela é cristã.²⁵¹

Dona Margarete não teve coragem de contar a sua mãe, Dona Isabela, que havia se convertido. Sua mãe ao receber a notícia imediatamente questionou o que ela havia feito com as imagens de Cosme e Damião, pois tinha como incumbência ofertar o caruru todos os anos. Dona Isabela provavelmente sabia que ela ao se converter iria se desfazer das antigas práticas e dos símbolos da antiga religião, portanto:

quando minha mãe soube ela falou que não era pra eu quebrar os quadro não, as imagens não, que era pra eu mandar tudo pra lá, “que não era pra ela quebrar, não, por que ela não mandou pra aqui, mandava tudo pra aqui que eu colocava no quarto, não precisava quebrar”, aí também ela não, só falou isso com meu irmão, aí passou umas semanas eu fui lá, ela não falou nada, não perguntou por que que eu comecei a ir pra igreja, por que que eu quebrei os quadro, ela não falou nada, falou só com meu irmão por que que eu não mandei as imagens pra lá, mas não falou nada por que eu deixei o Candomblé, por que eu joguei os quadro fora, ela não falou nada comigo, eu chegava lá ela ficava normal, conversava e tudo comigo, não tocava no assunto de nada.²⁵²

Dona Margarete se desfez dos bens simbólicos da religião que praticava e sua mãe provavelmente queria que ela tivesse levado as imagens de Cosme e Damião para seu Terreiro de Candomblé no intuito de dar continuidade às práticas realizadas por sua filha.²⁵³ É interessante analisar que a estratégia tanto de Dona Margarete quanto de sua mãe foi a de silenciar sobre a conversão a uma denominação protestante, ambas, mãe e filha, ignoraram o fato acontecido, era como se ele não tivesse existido. Talvez tenha sido uma estratégia para evitar possíveis conflitos, sendo que a mãe não concordou com a atitude da filha de destruir as imagens. Sazira Oliveira Caetano Venâncio, ao estudar o

²⁵⁰Dona Margarete se referiu a Senhora Mônica também sujeito dessa pesquisa.

²⁵¹ Entrevista realizada com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

²⁵² Entrevista realizada com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

²⁵³ É uma prática recorrente na região, novos convertidos ao protestantismo queimarem ou jogar no lixo as imagens ou rituais da antiga religião. Em conversa informal com Dona Filhinha, ialorixá de Cachoeira, membro da Irmandade da Boa Morte, falecida em Janeiro deste ano, ela mencionou que guardava as obrigações de uma antiga filha de santo, que havia se convertido à Igreja Batista Betel.

abandono de práticas culturalmente tradicionais após a conversão à AD, em Goiânia, concluiu que:

A Igreja é uma das principais responsáveis pela ordenação da vida pública e privada das pessoas. Ela inova as práticas religiosas públicas e tenta ordenar as práticas culturais privadas através de uma série de regras de conduta. A tentativa de ordenação das práticas culturais ligadas ao mundo do privado ocorre de modo semelhante ao que a medicina moderna fez em relação à medicina dita “tradicional”: há uma tentativa de tentar fazer com que práticas sejam esquecidas e abandonadas (...)²⁵⁴

Ao longo da entrevista Dona Margarete afirmou que teve receio de sofrer algum tipo de punição por ter pedido a sobrinha que quebrasse as imagens que possuía em sua casa. Assim rememorou:

Aí ela (sua sobrinha) foi jogou na água, quebrou, eu mandei desfazer, tirar tudo e desfazer, que eu tinha quadro e jogar tudo fora. Quando foi a noite ainda tentaram achando que ia me meter medo né? Ficava assim na minha mente que eu ia ficar aleijada, que eu ia morrer às vezes eu sentia as vozes assim. Eu nova convertida fui até o pastor pra conversar aí comecei a orar, comecei a orar mesmo, orar quando eu ia dormir, mas foi poucos tempo, não tive mais isso, ficava ouvindo aquelas voz, só no início que eu quebrei os negoço (sic), que eu desfiz.
255

A entrevistada recordou que depois que destruiu as imagens que tinha em casa ficou com medo de ser punida, chegou até a ouvir vozes que a amaldiçoavam. Nestas circunstâncias procurou orientação com seu pastor, o qual a aconselhou a fazer orações. É interessante analisar que Dona Margarete não mais buscou auxílio com sua mãe ialorixá, pelo fato de no momento ser recém convertida poderia ter buscado a opinião da mãe, mas como não conversaram sobre sua opção de mudar de religião, talvez por isso não tenha tentado contar para sua mãe o que estava acontecendo.

É importante destacar que abandonar as antigas práticas não foi uma decisão tão fácil para Dona Margarete, ao perguntarmos que a orientou a se desfazer das imagens, ela contou:

Eu mesmo senti vontade assim, por que eu não ia ficar mais com aquelas imagens, já sabia já da verdade, eu ia ficar acendendo vela,

²⁵⁴ VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. *Práticas Culturais tradicionais e conversão religiosa entre assembleianos em Goiânia*. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETI, Sergio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de Araújo. (orgs.) *Missa, Culto e Tambor: Os espaços da religião no Brasil*. São Luís: EDUFMA, 2012, p.260.

²⁵⁵ Entrevista realizada com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

não adianta. Então eu mesmo decidi assim, eu falei com minhas menina (as filhas), minhas menina falou: “mãe essas imagens vai ficar aqui dentro de casa?” Eu falei não, pode jogar tudo fora, tem hora que dar vontade de jogar fora outra hora não dar mais, eu tomei mesmo a decisão, eu não vou ficar com imagem aqui dentro de casa, eu aceitei Jesus, eu não vou querer saber mais, eu agora não quero saber de mais nada aqui em minha casa desses negócio (sic) aí tirei tudo, eu mesma tomei a decisão assim que não ia dar, como é que eu ia tô na igreja com as imagens ali, não pode, jamais, tem que decidi, peguei desfiz tudo mandei jogar tudo na maré, as menina levou tudo lá pra maré.²⁵⁶

Converter também é mudar de identidade, de práticas rituais e o protestantismo é monoteísta e exclusivista, não admite outras pertenças ou velhas atitudes condenáveis, o fiel tem que demonstrar à comunidade que mudou, “que é a nova criatura, que as coisas velhas já passaram, conforme o texto bíblico. O Catolicismo foi capaz de interagir e flexibilizar com práticas de origem africana ou indígena desde o período colonial, mas o protestantismo, tradicionalmente, condenou essas práticas. É intolerante. A IURD seria mais inclusiva, ressignificando algumas práticas como o uso das cores, da água, da reza forte, mas não aceita as imagens, santos e desqualifica-os como “demônios”.

Segundo Dona Margarete as práticas foram abandonadas, mas não sem hesitação, afinal deixar de acender velas e adorar imagens fazia parte das suas práticas religiosas desde a sua infância, por mais de quarenta anos esses rituais faziam parte do seu sistema simbólico de crenças, logo foi difícil romper bruscamente com elas. Essa mesma dificuldade deve ter sido sentida no que se refere ao relacionamento entre ela e os familiares candomblecistas, pois o elo que os unia cotidianamente no Terreiro de Candomblé foi rompido.

Dona Margarete se afastou da família de santo e da família biológica, pois ao se converter ao ter que se distanciar das práticas religiosas também de distanciou de ambas as famílias. Conforme Prandi: “a religião aproxima os iguais e os distancia dos outros, agrega e imprime identidade, como faz a cultura. Mas como se trata de uma escolha e não mais de um atributo herdado, o outro do qual ele se afasta pode ser sua própria família ou indivíduos que naturalmente lhes seriam próximos.”²⁵⁷

²⁵⁶Id.

²⁵⁷PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. Tempo Social: revista de sociologia da USP, Vol. 20, n.02, 2008, p.155-172, p.159.

Durante a entrevista foi perguntado a Dona Margarete como ficou o relacionamento entre ela e as irmãs candomblecistas após a sua conversão à Igreja Batista Missionária,

Tem três irmã (sic) minha que frequenta, dar obrigação. Eu, assim, no caso assim eu não tenho, quer dizer converso, converso com elas assim, não mais assim como a gente conversava da parte do Candomblé, mas de ficar assim na casa, de ficar frequentando assim, indo com elas pra casa de mãe, não. Mas eu não tenho o que dizer assim, eu converso com elas, não mudou nada. Assim quer dizer mudou nas coisa né? Eu não fico mais assim, entrosada assim nas coisa que elas faz, a única coisa que eu posso chegar assim conversar com elas é só de Jesus, muitas vezes eu me calo assim, por que nem todas gosta de ouvi, aí acha que eu tô desfazendo, aí tem hora que não sou nem de conversar assim com elas.²⁵⁸

A relação entre as irmãs foi alterada, pois desejava conversar com elas sobre a nova religião que praticava, mas nem sempre conseguiu devido as concepções díspares dos grupos religiosos, bem como a desqualificação por parte dos evangélicos em relação às práticas do Candomblé. Assim, em muitos momentos prefere se calar para não provocar desavenças. Antônio Flávio Pierucci (2006) ao analisar a função da religião sob a ótica da teoria weberiana considerou que a *religião de salvação individual* desfaz laços de sangue, laços de família, pois sua força social se assenta na sua capacidade de dissolver religiões herdadas.

Em relação aos motivos pelos quais os filhos de santo do Terreiro se converteram Dona Isabela afirmou:

Bom, o que eu acho que muitos filhos de santo afasta (sic) do Terreiro por motivo de não obter tudo que quer, outros com influência de algumas pessoas, amigos que já é da igreja faz a cabeça, a pessoa vai indo, vai indo, vai deixando a responsabilidade do santo, vai pra igreja. E outros é mesmo porque quer, porque as vezes se faz no Candomblé, ganha o que o orixá tem a permissão de dar mas não se conforma, quer muito mais, muito mais. E outros até que se conformam e melhoram de situação e aí ó, cai fora e deixa o Candomblé de lado. Tem vários sentidos isso aí. Eu mesmo já tenho bem, umas oito filha (sic) de santo fora do Terreiro acompanhando a igreja dos protestantes, aí cada qual come do que gosta.²⁵⁹

Para Dona Isabela, além das pessoas não terem todas as suas expectativas atingidas, uma das razões para se converterem às denominações protestantes foram as

²⁵⁸Entrevista realizada com a Senhora Margarete concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

²⁵⁹ Entrevista realizada com a Senhora Isabela em seu Terreiro de Candomblé concedida à autora em 19 de setembro de 2010, em Cachoeira-Ba.

atitudes de pessoas próximas, como amigos evangélicos que contribuíram, ou seja, a ação proselitista dos grupos protestantes foi evidenciado como um fator para a desfiliação religiosa. Acrescentamos que a conversão de um ente familiar também contribuiu para novas adesões. Conforme a Senhora Letícia, ao termos perguntado como passou a se relacionar com sua mãe, a Senhora Margarete, a qual ainda era adepta do Candomblé:

A Bíblia diz que nós temos que ser sábios né? Nós temos que ser sábio. A gente não pode ser tolo a gente tem que ter sabedoria. Eu tinha aceitado Jesus, mas ela não, então eu tinha que respeitar, só que eu orava dizendo a Deus que não aceitava e sempre eu chegava e pregava a palavra pra ela, mãe: a Bíblia diz que nós temos que adorar só um Senhor que é Jesus, quem morreu pela senhora foi Jesus, a Bíblia diz em, louvado seja Deus, em Apocalipse 20:8 que os idolatras não herdaram os reinos dos seus, os idólatras, os homicidas, os fornicadores não herdarão o reino dos Céus então a senhora tá idolatrando imagem e a gente não pode adorar imagem, a gente tem que adorar somente a Deus, por que quem morreu pela senhora foi Jesus, sempre eu pregava essa palavra pra ela, não só essa, pregava pra ela, ensinava pra ela o caminho certo, entendeu? Então através disso aí ela foi se libertando, mas eu também não desfazia, eu fazia orar e pregar a verdade pra ela, por que a Bíblia diz que quem faz a obra não é eu que faço, a Bíblia diz quem convence o homem do pecado, da justiça e do juízo é o Espírito Santo de Deus então só fazia pregar e o Espírito de Deus fazia obra na vida dela. É tanto que hoje ela foi liberta e transformada e hoje ela tá vendo que vale a pena servir a Deus.²⁶⁰

O proselitismo realizado por Dona Letícia influenciou no processo de conversão da sua mãe, as pregações ouvidas cotidianamente surtiram efeito. Mas é importante destacar que não foi através de imposição que tentava convencer Dona Margarete, mas através da persuasão, do convencimento de que a religião do Candomblé não era “o caminho certo a seguir”. Apesar de não ter ocorrido nenhum conflito entre as duas, mesmo a filha Letícia tendo afirmado que respeitava a religião, ou a opção religiosa da mãe, ao afirmar que era errado adorar imagens e que idolatria era pecado, estava cometendo violência simbólica, o conflito talvez não estivesse explícito, mas existia. A estratégia de usar com cautela as palavras denotou que forçar a aceitação de um outro sistema de crenças não a levaria a obter sucesso afinal “a gente não pode ser tolo a gente tem que ter sabedoria.”²⁶¹ Ou seja, precisava evitar conflitos e brigas.

²⁶⁰Entrevista realizada com a Senhora Letícia, concedida à autora em 03 de dezembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

²⁶¹ Id.

Ao analisar os discursos dos convertidos e tentarmos compreender as suas complexas trajetórias religiosas não podemos deixar de perceber o quanto é importante os estudos da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, que ao buscar compreender a religião na modernidade, constatou que estamos vivenciando um processo que tem resultado no “fim das identidades religiosas herdadas”. Nesse sentido, afirmou que:

(...) as identidades religiosas não podem mais ser consideradas como identidades herdadas, mesmo se admitirmos que a herança é sempre remanejada. Os indivíduos constroem sua própria identidade sociorreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados. A identidade é analisada como o resultado, sempre precário e susceptível de ser questionado, de uma *trajetória de identificação* que se realiza ao longo do tempo.²⁶²

A pluralidade de oferta religiosa no campo religioso contribuiu para o processo de adesão religiosa por meio da escolha pessoal e não por meio de uma transmissão, de uma herança religiosa herdada da família. No complexo campo religioso brasileiro, baiano e cachoeirano as identidades religiosas também não são fixas ou herdadas, estão em franco processo de construção, em movimento, formada como um mosaico de várias peças, uma colcha de retalhos variados, como as mulheres pobres cachoeiranas e do Recôncavo teciam e ainda tecem.

3.3 A PERSEGUIÇÃO E DEMONIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ

No relato de conversão da Senhora Laura, temos a seguinte afirmativa: “... não se incomode por que pra o Candomblé eu não volto nunca mais, tomar banho na lama nunca mais...”.²⁶³ Observamos que quando a entrevistada se referiu ao Candomblé ela usa uma metáfora “tomar banho na lama”, certamente associando às práticas religiosas de matrizes africanas a uma expressão usada pelo pastor Edir Macedo, ao se referir aos babalorixás e ialorixás como pais e mães de chiqueiro. Dessa forma, o Candomblé é tido como o lugar da sujeira, da imundice. Essa frase desqualificou a religião a qual foi adepta durante 30 anos de sua vida. Segundo Souza (2012):

²⁶² Hervieu-Léger, Danièle. O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento. Rio de Janeiro: vozes, 2008, p. 64.

²⁶³Entrevista com a Senhora Laura concedida à autora em 26 de janeiro de 2009 em Cachoeira-Ba.

Converter-se é antes de tudo um ato de libertação do mundo maligno. Para as pessoas adultas o “ritual de conversão” assume um papel fundamental, o “novo crente” tem que sentir que algo mudou em sua vida, que ele foi transformado em um novo ser – nasceu de novo. E agora ele é um ser luminoso, puro, feliz, saudável, íntegro, fértil, poderoso, entendido e divino.²⁶⁴

Ao perguntarmos sobre sua opinião em relação ao Candomblé, Dona Laura opinou:

Na realidade eu abomino o Candomblé, por que as coisas que eu vejo né? As estratégias que Satanás tem na vida deles, por que o Diabo só tem o intuito só de uma coisa: é pegar essas almas e levar pro inferno. Então hoje em dia que eu já conheço a Palavra e sei realmente o que vem por trás daquelas danças, né? Muitas vezes eu levava minhas colegas lá eu digo olhe cê (sic) vem aqui, mas isso aqui não presta, eu sempre dizia pra (sic) minhas colegas- oh isso aqui não presta, isso aqui não é bom, não sei por que, que eu vivia aquilo ali mais eu tinha dentro de mim que aquilo ali não prestava, por que eu não gostava daquele negócio (sic) de beber aquele sangue, aí fui e sempre relutei contra isso. Eu dizia minha mãe por que não coloca, não deixar voar a galinha, o pombo pra que tem que matar esses animais e voltar e beber aquele sangue. Então- e uma das coisas que me fez- eu sou evangélica, mas eu sempre relutei contra Universal, né? Mas uma das coisas que me fez começar a abrir a minha visão foi um livro é... do... Edir Macedo é caboclos e guias.²⁶⁵

A Senhora Laura mesmo sendo adepta do Candomblé questionava certas práticas realizadas nos rituais religiosos, por exemplo, o sacrifício de animais. Ela chegou a afirmar que não tinha um vínculo identitário tão forte com o Candomblé quanto sua irmã biológica. Os questionamentos de certas práticas ritualísticas foram reforçados devido a leitura do polêmico livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios*, do Bispo Edir Macedo. Foi reveladora a maneira como Dona Laura se expressou em relação às práticas doutrinárias da IURD, pois mesmo após a conversão, ou seja, mesmo sendo “evangélica” não aceitava as características da IURD. Apesar da rejeição a esse grupo religioso admitiu que foi através de um dos seus livros que “começou a abrir a visão”, ou seja, ela estava nas trevas, na escuridão e o que a ajudou a encontrar o caminho da luz foi o livro do Bispo Edir Macedo. É importante perceber como o mercado gospel atinge um grande número de pessoas, sejam elas evangélicas ou

²⁶⁴SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. Cura e Terapia: Experiência Religiosa de Mulheres Pentecostais. Salvador: EDUNEB, 2012, p.49.

²⁶⁵ Entrevista com a Senhora Laura concedida à autora em 26 de Janeiro de 2009 em Cachoeira-Ba.

não. Tem sido notável como a divulgação da produção gospel difunde-se bastante entre os não evangélicos, com o objetivo explicitamente proselitista.

Podemos evidenciar que na opinião da Senhora Laura o Candomblé é uma religião satânica, por isso é uma religião ruim, na qual não há um Deus, mas sim a figura do Diabo, que tem como objetivo “levar as almas para o inferno”. Para a entrevistada é uma religião maligna e, portanto “abominável”.

Quando perguntamos quando a Senhora Laura havia se iniciado no Candomblé, ao narrar sua trajetória religiosa ela relatou o seu nascimento no próprio espaço do Terreiro:

Menina, desde o ventre de minha mãe é... Eu... Minha mãe quando engravidou né? Ela foi... Que meu pai é militar. Então quando ela foi fazer a consulta, aí o médico disse que ela estava com mioma e aí passa do tempo, aí ela foi pra (sic)outro médico que naquele tempo (antigamente) não tinha ultra-sonografia, não tinha esses exames que tem hoje, aí ela foi pra outro médico, aí o outro médico era... eu acredito que era ogã, alguma coisa assim, aí disse a ela: não, a senhora, esse mioma que o médico disse que a senhora tem vai dançar na sala. O que, que aconteceu? E aí passado um tempo aí ela veio pra Cachoeira que ela tava muito adoentada, aí veio pra casa da minha vó (fulana)²⁶⁶ que tava tendo festa eu acredito que antes das festas começar e aí chegou lá ela bolô²⁶⁷, né? E aí ela foi recolhida²⁶⁸ e já grávida, aí recolheu pra fazer o santo. E tudo que ela fazia ela tinha que ingerir pra que a criança recebesse. Então no Candomblé tem assim dofôna²⁶⁹ e dofônitinha então minha mãe era a dofôna e eu era a dofônitinha dela. Com o passar do tempo ela foi lá dentro, que lá (no Candomblé) antigamente levava três meses no roncó²⁷⁰ e aí foi passando o tempo e ela lá e aí resultou que ela deu a luz (pariu), né? Dentro do roncó, eu nasci dentro do roncó.²⁷¹

Dona Laura não escolheu o Candomblé como religião mesmo antes de nascer já tinha realizado uma aliança com os orixás, pois sua genitora fez a iniciação no Candomblé grávida, quando acontece essa situação o povo de santo considera que a

²⁶⁶ A Senhora a qual ela denomina de avó, foi a ialorixá da sua mãe biológica.

²⁶⁷ Esse termo significa que a pessoa incorporou algum Orixá ou Caboclo.

²⁶⁸ O termo recolher no Candomblé é utilizado para designar aquela pessoa que está próxima a “fazer o santo”, ou seja, que pretende se iniciar na religião.

²⁶⁹ O termo Dofôna é utilizado para designar a primeira filha de santo de uma casa de Candomblé e o termo Dofônitinha designa aquela que é a segunda filha de santo da casa ou Terreiro. Laura neste caso foi iniciada no Candomblé antes mesmo de nascer, nesta situação dizem que a pessoa já “nasceu feita”.

²⁷⁰ Roncó é um quarto onde a Iaô, recém iniciada na religião, passa um período determinado de tempo em reclusão ou resguardo, palavra mais utilizada. Pois a Iaô fica proibida tanto de fazer como de comer inúmeras coisas, inclusive de manter relações sexuais. Caso as regras sejam quebradas a pessoa pode ter sérios problemas, por isso mantê-la no roncó para ter a certeza de que o resguardo não foi quebrado.

²⁷¹ Entrevista com a senhora Laura concedida à autora em 26 de janeiro de 2009 em Cachoeira-Ba.

pessoa “já nasceu feita”, ou seja, já fez a iniciação na religião, ou seja, é uma religião herdada. Ao analisar: *O fim das identidades religiosas herdadas*, Danièle Hervieu-Léger (2008), ressalta o fato de:

Essa questão de uma “religião à escolha”, que pressupõe a experiência pessoal e a autenticidade de um percurso de conhecimento, ao invés de cuidadosa conformação às verdades religiosas asseguradas por uma instituição, é coerente com o advento de uma modernidade psicológica que exige de certa maneira, que o homem se pense a si mesmo como individualidade e trabalhe para conquistar sua identidade pessoal, além de toda identidade herdada, ou prescrita.²⁷²

Ao entrevistar o Senhor Carlos, primo da Senhora Laura e irmão da Senhora Carla, ao perguntarmos se ele considerava o Candomblé uma religião demoníaca ele declarou:

Candomblé... é... Eu vou (pausa longa) falar essa palavra por que, com convicção, é. E defendo a parte religiosa e aí é uma parte de uma briga espiritual, não sei por que, que eu vivia aquilo ali mais eu tinha dentro de mim que e eu debato isso seja com quem for se quiser falar isso pra mim que não é, dizendo que não é querendo demonstrar outra imagem, não. É...É verdadeiramente eu falo pra você, com convicção, é. É uma seita, é uma coisa maligna por que eu sou testemunha viva e ocular, não sei por que, que eu vivia aquilo ali mais eu tinha dentro de mim que, que Jesus tá me preservando vivo até hoje pra (sic) provar isso, eu posso dizer que é. Por que eu sei o que eu vivi lá dentro. E se as pessoas dizer assim: ah Candomblé não é, não é uma coisa diabólica, não é uma coisa, que os pessoal diz que é coisa do Diabo, o Candomblé é.. é uma cultura, é isso, é aquilo, não, é mentira. Por que a Bíblia diz que o Diabo só veio pra (sic) roubar, matar e destruir e ainda ele é o pai da mentira então ele mente, ele tenta assolar as mentes das pessoasdizendo, aí você vai sempre debater com essa situação na sua frente, que o Candomblé não é uma coisa do demônio, mas é. Por que eu convivi lá, eu sei o que é, eu posso dizer com convicção, se eu for abri o leque das coisas que o Diabo já mandou fazer, quantas e quantas pessoas eu já prejudiquei.²⁷³

Notamos que o entrevistado se referiu a uma “briga espiritual”, ou seja, um conflito entre o bem e o mal, no qual o Candomblé é classificado de seita, isto é, algo pejorativo e negando o fato de ser religião. No seu discurso o autor fez uma ressalva quanto a sua convicção que o Candomblé é uma “religião maligna” ao afirmar que foi uma testemunha ocular de que os candomblecistas cultuam demônios. Nesse sentido,

²⁷² HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O fim das identidades religiosas herdadas*. IN: *O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.60/61.

²⁷³Entrevista com o Senhor Carlos concedida à autora em 15 de fevereiro de 2009 em Cachoeira-Ba.

Carlos sabe que o fato de ter sido um adepto do Candomblé lhe confere respaldo e legitimidade para revelar os segredos do Candomblé, como ele mesmo diz: “com convicção”. Mas uma vez o senhor Carlos definiu o Candomblé como uma seita, no sentido de uma religiosidade menor, inferior com a finalidade de desqualificá-la.

A Senhora Antônia, membro da Irmandade da Boa Morte convertida à Assembleia de Deus, ao dizer sua opinião sobre o Candomblé afirmou:

Ah, cada um no mundo faz o que quer não me fez mal, a mim o Candomblé não me fez mal, agora assim que agora hoje eu sei que o Candomblé é uma coisa que a gente não pode, que a pessoa que quer seguir a Jesus não pode seguir o Candomblé, ou Deus ou o Diabo e o Candomblé é uma, a maior parte é o Diabo.²⁷⁴

Neste trecho apesar de não ter afirmado que o Candomblé não lhe fez mal ao mesmo tempo disse que a maior parte do Candomblé é demoníaca. Provavelmente dona Antônia assimilou o discurso do grupo religioso ao qual se converteu. Assim, como os outros entrevistados ela desqualificou e demonizou o Candomblé.

3.4 OS DISCURSOS DOS CANDOMBLECISTAS

A escravização dos povos africanos trazidos para o Brasil, além da exploração enquanto mão-de-obra utilizada, principalmente, nas lavouras de cana-de-açúcar legou ao País uma pluralidade cultural e religiosa bastante significativa. A população africana, ao contrário do que se pensa comumente não era e não é homogênea, portanto os cultos africanos trazidos foram diversificados. Os sistemas religiosos constituíram espaços de agregação dos povos africanos, possibilitando a recriação de laços identitários devido à traumática experiência da diáspora.

A população africana, no intuito de se adaptar e se integrar à nova realidade do sistema escravista que lhe foi imposto, segundo Bastide fez adaptações necessárias:

A religião ou as religiões afro-brasileiras foram obrigadas a procurar nas estruturas sociais que lhes eram impostas “nichos” por assim dizer, onde pudessem se integrar e se desenvolver. Deviam se adaptar a novo meio humano, e esta adaptação não iria se processar sem profundas transformações da própria vida religiosa. ” (Bastide, 1971, p. 85)

²⁷⁴Entrevista com a Senhora Antônia concedida à autora em 08 de fevereiro de 2009 em Cachoeira-Ba.

Como eram religiões de escravos, os cultos eram marginalizados, associados às práticas pagãs devido à hegemonia e oficialidade do catolicismo, portanto as religiões de matriz africana se mantiveram como resistência cultural, nas quais as identidades negras foram reconstruídas e reelaboradas tendo como resultado, por exemplo, o Candomblé e a Umbanda e outras manifestações religiosas de origem africana.

As religiões de matrizes africanas têm suas especificidades, mas possuem uma estreita imbricação com a linhagem, os laços de parentesco, no entanto a experiência da diáspora e o processo de escravização fizeram com que membros de uma mesma família fossem separados. Dessa forma, segundo Bastide, os povos africanos tiveram que ressignificar os seus sistemas religiosos e no intuito de solucionar o problema causado pela dispersão, eles tiveram duas opções: acreditar que a alma após a morte retorna ao país dos antepassados ou reinterpretar as religiões existentes no Brasil, as religiões indígenas, o catolicismo e de outros povos africanos.

No período pós-abolição uma nova crise se instalou nas comunidades negras e a discriminação e marginalização desses povos se tornaram mais latentes. Segundo Silva:

Nessa situação de crise o Candomblé permaneceu como único centro de integração possível, pois que havia uma reconstituição de antigas práticas, confraternização religiosa, solidariedade e assistência mútua. Um refúgio religioso para pessoas que viviam as vicissitudes da sociedade desigual e preconceituosa, da pobreza e da discriminação.

275

O contexto social da época republicana marcado pelos ideais de modernização, os quais objetivavam excluir da História do País a mácula da escravidão tentando “desafricanizar” o País e principalmente a Bahia, o Estado brasileiro com o maior número de afro-descendentes, significou uma maior vigilância sobre a população negra e as suas respectivas manifestações culturais, como o exemplo, podemos citar as frequentes batidas policiais aos terreiros de Candomblé durante as primeiras décadas do século XX.

Os cultos afro-brasileiros sobreviveram apesar do processo de catequização e de serem desqualificadas como práticas de feitiçaria, curandeirismo, magia negra e falsa Medicina. Mesmo após a proclamação da República, em 1889, com a queda do Padroado, instituição que vinculava o Estado à Igreja Católica, ou seja, o catolicismo

²⁷⁵SILVA, Elizete. *O Campo religioso feirense: algumas considerações*. Feira de Santana: UEFS, 2007, p.3

deixava de ser a religião oficial do País conseqüentemente deveria conviver com todas as formas de manifestação religiosa livremente, ou seja, o Estado passava a ser laico. No entanto a liberdade religiosa ficou restrita aos cristãos não católicos, ou seja, às denominações protestantes. As religiões de matrizes africanas e o Espiritismo continuaram à margem da sociedade que tanto ansiava por civilizar-se e para tanto a elite que pensava necessitava embranquecer e eliminar todos os traços étnicos de origem africana que marcavam a população brasileira e baiana. Segundo Silva:

... a legislação republicana foi extremamente contraditória: ao mesmo tempo que terminava com a oficialidade do catolicismo, que colocava em pé de igualdade as diversas práticas religiosas do País, que assegurava o livre exercício da crença religiosa o Código Penal Republicano de 1890 nos seus artigos 156, 157 e 158 proibia a magia, o espiritismo e o curandeirismo, elementos importantes que ainda hoje figuram nas práticas rituais dos cultos de origem afro. Espiritismo, neste contexto, entendido como a invocação de espíritos ou entidades míticas.²⁷⁶

A religião está intrinsecamente ligada às questões sociais, por isso tanta repressão e estigma, pois os valores religiosos nos permitem perceber a posição dos homens e mulheres na sociedade em que vivem. No período republicano as religiões afro-brasileiras continuaram sendo instrumentos de solidariedade, pertencimento a determinado grupo social e ajuda mútua, bem como uma forma de se inserir na sociedade. Segundo Braga “... as batidas policiais não conseguiram jamais macular o conteúdo mais sagrado da religião afro-brasileira, e muito menos o profundo compromisso de seus adeptos com as divindades.”²⁷⁷

A tentativa de criminalizar os Candomblés no período republicano, em Cachoeira, além de serem justificadas pelo discurso modernizador, segundo Santos também teve contornos cientificistas:

(...) assumiu relevo na campanha o argumento do exercício ilegal da Medicina. A imprensa local classificava as práticas de mães e pais-de-santo algumas vezes como curandeirismo e na maioria delas, como feitiçaria. A campanha hostilizava os curandeiros em razão da terapêutica por eles utilizada no atendimento e cura dos mais diversos problemas físicos e materiais. Essa terapêutica era frequentemente identificada com feitiçarias e torturas que levavam pessoas ignorantes à morte.”²⁷⁸

²⁷⁶Id., p.3,4.

²⁷⁷BRAGA, Julio. *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: Edufba, 1995, p. 21.

²⁷⁸ SANTOS, Edmar Ferreira. *O Poder dos Candomblés: Perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador, Edufba, 2009, p.31.

No que se refere à cidade de Cachoeira, as perseguições aos Terreiros de Candomblé também foram intensas e conforme Santos mesmo a Constituição estabelecendo a liberdade religiosa persistiram:

... ainda nas primeiras décadas do século XX, os candomblés de Cachoeira eram realizados em espaços suburbanos, ou ainda largamente rurais, que foram ocupados pelos últimos africanos da cidade e seus descendentes. Eram terras cortadas por riachos, cercadas por árvores e montanhas íngremes, que dificultavam o acesso e ofereciam proteção contra possíveis ações da polícia. Por outro lado, eram certamente apropriadas para o culto afro-baiano, por quanto envolvidos por elementos necessários à religião dos voduns e orixás e propícias ao crescimento de plantas sagradas utilizadas nos rituais.²⁷⁹

As religiões que compõem o panteão afro-brasileiro historicamente foram agredidas, discriminadas e marginalizadas pela sociedade brasileira, no entanto nas últimas décadas do século XX houve um aumento desses ataques, mas diferentemente de outrora que as agressões eram físicas, atualmente a intolerância ocorre cotidianamente no plano do simbólico, embora não sejam veladas são muito peculiares, principalmente por que os elementos das religiões de matrizes africanas estão sendo apropriados e ressignificados pelos grupos neopentecostais, tendo como principal protagonista a Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo Silva uma das novidades da IURD é a utilização de:

(...) água abençoada, flores oradas, mesa branca ou de paz sem esquecer o forte conteúdo mágico que os objetos cúlticos assumem durante os cultos ou reuniões especiais. A magia, o pensamento propiciatório são elementos constante da liturgia iurdiana, os quais são colocados à serviço dos fiéis indo ao encontro de suas necessidades básicas, inclusive da mais elementar que é a de saciar a fome.²⁸⁰

A nova configuração do campo religioso brasileiro e baiano, caracteristicamente diversificado e competitivo e com uma peculiaridade importantíssima para compreendermos como a intolerância em relação às religiões afro-brasileiras foram significativamente transformadas. É fato que elementos do mundo afro-católico estavam e estão sendo utilizados nas denominações protestantes pentecostais. Estes ao dialogarem com a realidade cultural brasileira se apropriaram dos elementos das

²⁷⁹Id. p.160.

²⁸⁰ SILVA, Elizete da. *Religião, Identidade Brasileira e Globalização*. (Artigo), BRASA. Washington, 1997, p.14.

religiões de matrizes africanas com a finalidade de desqualificá-las, numa espécie de guerra espiritual, de combate sistemático, vêm fragilizando esses grupos. A “guerra espiritual” acontece diariamente nos cultos da IURD, nos quais o Diabo é a figura central, principalmente nos cultos de libertação e sessão do descarrego.

Os estigmas construídos historicamente em relação às religiões afro-descendentes respaldam de certa forma o discurso da IURD. Esta não é a primeira a caracterizá-las como feitiçaria ou baixo espiritismo. Dessa maneira seu discurso além de reforçar o preconceito fragiliza as religiões que tem como adversárias. As “armas” usadas pela IURD apesar de sutis não deixam de ser violentas, podendo ser consideradas até mais eficazes, a partir do momento que não desacredita nas divindades do Candomblé ou Umbanda, mas se apropriam de crenças, como o uso de amuletos, rituais de descarrego e fechamento de corpo, galhos de arruda, sal grosso, água benta a fim de se aproximarem da antiga religião dos fiéis.

Apesar das mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro, as religiões afro-brasileiras permaneceram sendo alvos de ataques e discriminação. O imaginário popular continua permeado de preconceitos e opiniões pejorativas que já se cristalizaram ao longo do tempo. Nesta pesquisa que fizemos em Cachoeira foram encontrados discursos e práticas discriminadoras.

Na tentativa de compreender de que formas os Candomblecistas e o povo de santo reagiu em relação as conversões que ocorreram em Cachoeira-Ba, bem como quais foram suas percepções em relação aos evangélicos em especial a IURD, também foram realizadas entrevistas no sentido de contemplar esse objetivo.

Em entrevista com o Senhor Claudio, ogã de Terreiro de Candomblé, quando perguntamos se as conversões que ocorreram em Cachoeira causaram alguma consequência aos Terreiros de Candomblé ele afirmou:

Não, se as pessoas que é do Candomblé tiver (sic) amor. A Igreja Católica tentou acabar com o Candomblé não pôde por que o evangélico vai acabar agora? Quem é mais rica no mundo? A Igreja Católica. Perseguiu muito o Candomblé no tempo que, não foi no meu tempo, não, que eu sei no tempo que a polícia ia para as casas dos Candomblés acabar com o Candomblé, era a Igreja que tava envolvida, hoje em dia a Igreja já se uniu com o Candomblé que hoje em dia acabou aquilo, o padre hoje celebra a missa do povo de santo, antigamente o povo de santo não podia entrar de saia na Igreja, hoje o padre já vai celebrar a missa na Boa Morte então já é uma vitória, eles tentou acabar com Candomblé, tentou muito, tem muitas histórias aí ,

tem pessoas que tá viva que viu, presenciou então a igreja protestante não vai, não abala em nada.²⁸¹

É importante destacar neste discurso que o fiel demonstrou ter convicção que as denominações protestantes não tem poder de abalar os Candomblés, bem como a analogia que o mesmo faz em relação ao poder secular da Igreja Católica e o poder dos evangélicos. Também podemos evidenciar neste discurso a lembrança do período em que ocorria as batidas policiais nos Candomblés, bem como a exigência das autoridades das licenças para realizar os cultos. Conforme Ileana Limonta:

A Delegacia de Jogos e Costumes era o órgão encarregado de processar as denúncias dos atos considerados delituosos ou anti-sociais, que atentassem contra o pudor e os bons costumes. Os escândalos que ali se sucediam iam parar nas crônicas sangrentas dos jornais baianos: prostitutas, bêbados, adeptos às drogas, estupradores e até os *hippes* passaram pelas suas salas e ocuparam nos jornais baianos manchetes sensacionalistas. No entanto, esse foi o lugar destinado para que pais e mães-de-santo fossem obter o alvará de funcionamento para realizar suas atividades rituais, o que foi obrigatório até 1976 (...).²⁸²

Em relação as estratégias dos adeptos do Candomblé para fugirem das perseguições policiais, o Senhor Cláudio afirmou:

Por isso que as casas de Candomblé antiga tudo era dentro do mato. Como tem a Capapina, o Ventura, Alobalekun, a casa do finado Zé do Vapor, finado Candola. A maior parte das casas tudo era dentro do mato por quê? Por causa da perseguição. Hoje em dia tem Candomblé dentro da cidade, como tem aqui a casa da minha mãe, o Monte, casa antiga também de dona (fulana), lá no Rosarinho tem três casa (sic) (...) é dentro da cidade, mas antigamente as casas de Cachoeira era [sic] tudo dentro do mato.²⁸³

A partir do relato podemos afirmar que uma das estratégias utilizadas pelos candomblecistas para resistirem às perseguições policiais era abrirem seus terreiros em locais distantes do perímetro urbano das cidades, pois a dificuldade de acesso permitia que as festas religiosas e os batuques, que incomodavam a sociedade cachoeirana, fossem realizados com mais tranquilidade. Nesse sentido, Júlio Braga (1995) afirmou:

²⁸¹ Entrevista com o Senhor Cláudio concedida à autora 19 de Abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

²⁸² LIMONTA, Ileana de Las Mercedes Hodges. Cultura de resistência e resistência de uma identidade cultural: a santería cubana e o candomblé brasileiro (1950-2000). Tese de doutorado. Salvador, 2009, p. 163.

²⁸³ Entrevista com o Senhor Cláudio concedida à autora 19 de Abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

Mais isolados, podiam os terreiros realizar seus cultos com um pouco mais de segurança. Aliás, mesmo nos dias atuais, quando um sacerdote intenciona instalar um novo terreiro, recorre ao expediente de procurar lugares mais afastados do centro da cidade, onde espera ter mais tranquilidade e sossego e, portanto, encontrar as condições mais favoráveis para a realização de diferentes rituais (...) Esse deslocamento para áreas periféricas da cidade, que poderia ser considerado um recuo diante das permanentes incursões e batidas policiais aos Candomblés resultou, na verdade, numa forma de vitória, se considerarmos os resultados positivos obtidos a médio e longo prazo. Esse distanciamento permitiu que diferentes grupos pudessem se instalar em terrenos e espaços mais apropriados para o culto às divindades afro-brasileiras, estruturando melhor e definitivamente os seus terreiros.²⁸⁴

O afastamento dos Terreiros de Candomblé dos centros urbanos foi uma forma de resistir às perseguições policiais, bem como de manter viva a tradição religiosa de matriz africana, podendo dessa forma, cultuar seus orixás sem a vigilância constante do poder policial.

Ainda no que se refere a perseguição aos Terreiros de Candomblé quando perguntamos se o afastamento dos Terreiros era uma estratégia de sobrevivência, o Senhor Cláudio relatou: “Era, e dentro do mato não era todo mundo que ia, que tem história que as polícia (sic) ia e se perdia, não achava a casa, que o povo antigamente sabia trabalhar muito. Tinha o dom que o dom quem dá é Deus e os orixás.”²⁸⁵

Podemos evidenciar a partir do discurso do Senhor Cláudio que o povo de santo utilizou-se da sua própria sabedoria religiosa para driblar as batidas policiais. Santos (2009) quando se refere a resistência dos adeptos do Candomblé ao fazerem uso dos bozós²⁸⁶ e da repercussão na imprensa local afirmou:

Andar pelas ruas se tornou perigoso para os perseguidores dos Candomblés. No entanto eles tentaram disfarçar o temor com uma oratória que reclamava a limpeza, os bons costumes e a proteção à vida de “pobres animais”. Os articulistas julgavam que os Candomblés haviam recuado, mas contestavam, pela quantidade expressiva de bozós colocados nos mais diferentes pontos da cidade, que o africanismo sobrevivia... A presença do bozó nas ruas de uma cidade envolvida no imaginário da feitiçaria potencializava a insegurança, a

²⁸⁴BRAGA,Julio. *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: Edufba, 1995, p.31.

²⁸⁵ Entrevista com o Senhor Cláudio concedida à autora 19 de Abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

²⁸⁶ Termo em iorubá que significa oferenda, podendo também ser denominado de ebó,

desconfiança, no máximo, a sensação de estar com a vida ameaçada.
287

Para Santos (2009) a resistência dos Candomblés de Cachoeira em relação às perseguições policiais era realizada também pelos adeptos da religiosidade africana de forma silenciosa, ou seja, através dos rituais realizados pelos candomblecistas, como o Senhor Cláudio relatou “(...) que o povo antigamente sabia trabalhar muito”, ou seja, os ebós realizados pelos fiéis fazia até policial se perder dentro das matas.

O Senhor Cláudio associou a perseguição contra o Candomblé as questões étnico-raciais:

O Candomblé foi perseguido por que é religião de matriz africana, de negro. Candomblé veio da África, quem trouxe o Candomblé foram os escravos então, por isso mais que sempre foi perseguido. O negro não, antigamente não tinha vez, por isso que o Candomblé tem aquela coligação coma igreja, reza Santo Antônio que antigamente os escravos não podiam bater Candomblé, aí reza os santos e os senhores deixavam, é por isso que tem, que o povo do Candomblé reza Santo Antônio, Santa Bárbara foi por isso sincretismo com o Candomblé, por isso mais.²⁸⁸ (grifo nosso)

Podemos evidenciar neste discurso como o entrevistado associa a perseguição aos Candomblés concomitantemente ao preconceito em relação ao continente africano, bem como ao preconceito racial. Sua avaliação sobre os desdobramentos da perseguição religiosa demonstrou conhecer profundamente as origens do preconceito. Na percepção do fiel, ou seja, do Senhor Cláudio a perseguição religiosa ao povo desanto, está intrinsecamente relacionada às questões raciais ao afirmar que o Candomblé foi perseguido por que era uma religião de negros. Percebeu que a perseguição está para além da questão puramente religiosa.

3.5 DISFARCES: CANDOMBLÉ DE CRENTE

No que concerne a demonização do Candomblé por parte dos evangélicos o Senhor Cláudio afirmou:

²⁸⁷ SANTOS, Edmar Ferreira. *O Poder dos Candomblés: Perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador, Edufba, 2009, p.173/174.

²⁸⁸ Entrevista com o Senhor Cláudio concedida à autora 19 de Abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

A gente não cultua Diabo, vamos supor a pessoa chega aqui com coisa ruim assim, a pessoa tira, mas Exu é um orixá, é um mensageiro, é tão importante que ele come primeiro que os santos, ele é importante então a gente não cultua Diabo, tem nomes que eles fala (sic) na igreja assim que de vez em quando eu passo ouço assim na Universal, que no Candomblé agente não fala, a gente nem sabe o que é, eles pinta. E as igreja (sic) tudo, como a Universal mesmo, Edir Macedo é o que? Por detrás daquilo tudo tem um pouco de Candomblé, tem banho do descarrego né?²⁸⁹

É importante destacar no discurso do depoente como ele avaliou as práticas de apropriação e ressignificação realizadas pelos iurdianos, como o próprio destacou o uso do banho do descarrego, ou seja, a apropriação dos elementos simbólicos dos candomblecistas e afirmou que nessas atitudes há um pouco da religiosidade e rituais do Candomblé. Ao longo da entrevista retomamos a questão das práticas dos iurdianos, e o senhor Cláudio falou:

Pra (sic) quê banho do descarrego? Dia de terça-feira eles estão lá tudo de branco, não é um Candomblé meio disfarçado? Como tem uma igreja aí que bate um coro danado parecendo que é Candomblé, o povo sai rodando, se joga, então isso é um modo que eles estão inventado para atrair as pessoas né? É um Candomblé meio disfarçado. Edir Macedo mesmo tem um livro: Caboclos, orixás e guias, o diabo, por que ele escreveu esse livro a fim de expor o que ele é. Deve ter um envolvimento com Candomblé aquilo, em igreja não se dar banho de descarrego, banho de arruda só aí tá vendo que tem alguma coisa né? Isso daí não pode ser assim.²⁹⁰

Neste trecho da entrevista o Senhor Cláudio afirmou que a IURD é um “Candomblé meio disfarçado”, além de caracterizar que essas práticas são formas de atrair fiéis. A partir do discurso do entrevistado podemos afirmar que há acirradas disputas no campo religioso cachoeirano pelos bens de salvação. Ricardo Mariano (2007) identificou que:

O combate aos cultos afro-brasileiros (...) em termos práticos visar converter os adeptos das religiões rivais e, por meio disso, dizimar a concorrência espírita nos estratos populares com o fechamento de centros espíritas, tendas de umbanda e terreiros de candomblé existentes, sobretudo, nas redondezas dos templos evangélicos. Sua

²⁸⁹Entrevista com o Senhor Cláudio concedida à autora 19 de Abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

²⁹⁰Entrevista com o Senhor Cláudio concedida à autora 19 de Abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

beligerância radical, portanto, igualmente em interesses proselitistas, expansionistas e institucionais. Visa conquistar maior fatia do mercado religioso, e ao mesmo tempo, impor o poder religioso de seu grupo sobre os concorrentes, que, como se sabe, detém pouco poder de ação.²⁹¹

No que se refere à atração de fiéis por parte dos grupos evangélicos que tem como princípio o proselitismo concordamos com Mariano, mas quanto à ação dos grupos religiosos de matriz africana acredito que suas ações não se encontram nos aspectos proselitistas, pois esses grupos não possuem essa característica, mas já são evidenciadas no campo judicial, como por exemplo, a morte de Mãe Gilda, uma ialorixá que teve sua imagem utilizada pela IURD acusada de charlatanismo e após esse episódio faleceu.²⁹²



A filha da ialorixá Gilda, Jaciara Santos Ribeiro, afirmou que sua mãe faleceu dias após ter tido sua imagem publicada no jornal *Folha Universal*, na capa com o título: “*Macumbos e o bolso e a vida de clientes.*” A família da ialorixá entrou com uma ação judicial solicitando indenização da IURD e obteve êxito.

Em entrevista com a ialorixá Andrea, ao perguntarmos sobre as atitudes discriminatórias dos evangélicos em relação ao Candomblé opinou:

Eu sinceramente acho uma afronta, por que agente da religião africana, não vamos na igreja incomodar e os evangélicos não agravando a todos, principalmente, a Universal do Reino de Deus, eles costuma (sic) ter o hábito de vim até nossas porta (sic) jogar sal, são coisas que a mim não afeta que sal a gente come na comida, tá

²⁹¹ MARIANO, Ricardo. *Pentecostais em ação: A demonização dos Cultos Afro-brasileiros*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: USP, 2007, p. 137/138.

²⁹² Jornal A Tarde, 07 de Julho de 2005. Reportagem intitulada: Universal condenada por intolerância.

entendendo? Mas isso é uma afronta desde quando a gente tem os nossos toques, tem as nossas festas, tem as nossas obrigações e não incomoda a eles.²⁹³

Neste relato evidenciamos que os evangélicos são os que declaram a “guerra” contra os Candomblecistas. Estes não têm características proselitistas talvez por isso sejam mais receptivos com os evangélicos. A atitude de intolerância dos iurdianos e de “afronta” como a própria entrevistada caracteriza, foi demonstrada através da simbologia do sal, conhecido popularmente como purificador. Nesse sentido, a atitude dos iurdianos reafirmou que eles consideram os candomblecistas mundanos e que por isso precisam ser purificados. Apesar da Senhora Andrea ter afirmado que as atitudes de intolerância da IURD não a afetam, ela considera um desrespeito, ou seja, o discurso foi contraditório. Assim, podemos afirmar que o desrespeito da IURD de algum modo perturbou a sacerdotisa, pois a mesma disse “agente da religião africana, não vamos na igreja incomodar”.²⁹⁴ As religiões de matrizes africanas por não serem desrespeitosas com outras religiões esperam respeito, mas não estão conseguindo, cada vez tem se tornado mais frequente as atitudes de intolerância. Essa situação se intensifica e conforme Prandi:

Num passado recente entres as décadas de 1950 e 1970, as religiões de conversão se caracterizavam pela formação de pequenas comunidades, em que todos se reconheciam e se relacionavam. A religião recriava simbolicamente relações sociais comunitárias que o avanço da industrialização e da urbanização ia deixando de lado. Tanto no terreiro afro-brasileiro quanto na igreja evangélica, o adepto se sentia parte de um pequeno e bem definido grupo. Ao contrário disso, a religião típica da década de 1980 em diante é uma religião de massa. As reuniões religiosas são realizadas em grandes templos, situados preferencialmente nos lugares de maior fluxo de pessoas, com grande visibilidade, que funcionam o tempo todo – algumas 24 horas – e que reúnem adeptos vindos de todos os lugares da cidade, adeptos que podem frequentar a cada dia um templo localizado em lugar diferente. Os crentes seguem a religião, mas não necessariamente se conhecem. O culto é também oferecido dia e noite no rádio e na televisão e o acesso ao discurso religioso é sempre imediato, fácil. Os pastores são treinados para um mesmo tipo de pregação uniforme e imediatista (...) Nesses vinte anos, mudou muito a forma como a religião é oferecida pelos mais bem sucedidos grupos religiosos. São mudanças a que o candomblé e umbanda não são afeitos. Não são capazes de se massificar, mesmo por que a vida religiosa de um afro-brasileiro se pauta principalmente pelo desempenho de papéis sacerdotais dentro de

²⁹³ Entrevista com a Senhora Andrea concedida à autora em 24 de abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

²⁹⁴ Entrevista com a Senhora Andrea concedida à autora em 24 de abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

um grupo de características eminentemente familiares. Não é à toa que o grupo de culto é chamado de família-de-santo. Mais que isso: as cerimônias secretas das obrigações e sacrifícios não são abertas sequer a todos os membros de um terreiro, havendo sempre uma seleção baseada em níveis iniciáticos, não sendo concebível a sua exposição a todos, muito menos sua divulgação por meio televisivo.²⁹⁵

Podemos conjecturar que a ausência de reações mais efetivas por parte dos candomblecistas no que se refere aos ataques de grupos protestantes signifique que esperam uma ação no plano espiritual. Não podemos esquecer também que as religiões de matrizes africanas não são religiões de conversão, ou seja, seus membros não tem objetivos expansionistas. De modo geral, na interpretação do povo de santo as religiões de matrizes africanas não é uma religião escolhida, mas herdada dos seus ancestrais. Ari Pedro Oro, em relação a forma como os candomblecistas reagem aos ataques de grupos neopentecostais, dentre outras questões destacou que:

(...) há no âmbito das religiões afro-brasileiras um sentimento de que a próprias entidades, no momento certo e oportuno saberão responder à altura e dar o troco às agressões de que agora são vítimas. Como ocorreu no passado, com as perseguições, estigmatizações e preconceitos, e que foram momentos superados, pois a religião se manteve forte, malgrado toda intolerância histórica (...) a fraca reação deve-se também ao baixo grau de legitimidade que as religiões afro-brasileiras desfrutam na sociedade nacional e que se manifesta na dificuldade em obter apoios no meio político, jurídico, midiático e religioso (...)²⁹⁶

Perguntamos a Senhora Andrea o que ela achava sobre as práticas rituais da IURD, como por exemplo, o banho do descarrego realizado em cultos específicos nos templos iurdianos:

Olhe eu sinceramente, particularmente, eu acho seguinte: se é que na Universal, na religião cristã deles, se eles aprenderam assim eles tem (sic) que fazer assim eu não nasci pra criticar ninguém. Se é isso que eles usam lá por que eu nunca participei, se resume até que no Candomblé agente faz a mesma coisa, porém diferente por que a Universal eles chamam muito pelo Diabo, pelo Satanás, por Lúcifer, na religião do Candomblé agente não usa isso, então talvez eu acho que eles seja (sic) mais macumbeiro do que agente, somente isso.²⁹⁷

²⁹⁵PRANDI, O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Revista Estudos Avançados, Vo.l 18, nº 52 p.223-238, 2004, p.230.

²⁹⁶ORO, Ari Pedro. Intolerância religiosa iurdiana e reações Afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007, p.50/51.

²⁹⁷ Entrevista com a Senhora Andrea concedida à autora em 24 de abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

Mas uma vez, outro depoente comparou às práticas da IURD às práticas realizadas no Candomblé, mas destacou uma diferença a questão da invocação constante do Diabo em seus cultos. Destacou essa diferença como uma característica peculiar desta denominação protestante e não do Candomblé. Em relação ao processo de ressignificação das práticas religiosas do panteão de matriz africana Silva (2007) enfatiza que:

O ataque às religiões afro-brasileiras, mais do que uma estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível socioeconômico, potencialmente consumidoras dos repertórios religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, parece ser consequência do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso vieram a ocupar na própria dinâmica do sistema neopentecostal em contato com o repertório afro-brasileiro.²⁹⁸

No que se refere, aos impactos e as consequências das atitudes dos evangélicos nos Terreiros de Candomblé em Cachoeira, a Senhora Andrea denotou em suas afirmações tolerância e respeito:

(...)que venha cem mil igreja (sic), a minha casa jamais vai ser abalada, pois a fé é quem cura e agente temos muita fé em nossos ancestrais, no vento, na água, na chuva e no tempo. Quanto a minha pessoa e ao terreiro IléKaió Ala Kexu Ala Ketu Axé Oxun agente não temos nada contra. Cada um no seu cada um, cada qual no seu cada qual.²⁹⁹

Podemos afirmar, conforme o discurso da entrevistada, que o crescimento das conversões em Cachoeira e das denominações protestantes não tem causado grandes impactos às religiões de matrizes africanas. A partir da análise desse trecho que há espaço no campo religioso cachoeirano para todos os tipos de credos e crenças. Ainda no que concerne as consequências das práticas de demonização da religiosidade africana a fiel candomblecista afirmou:

Quanto isso eu particularmente, eu acho assim quem tem sua boca fala o que quer, a mim não me ofende eles lá e eu cá o mesmo Deus que é deles é o meu por que Deus é universal, é um só independente de religião então a mim não me afeta em nada, sinceramente.³⁰⁰

²⁹⁸ SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: USP, 2007.p.193.

²⁹⁹Entrevista com a Senhora Andrea concedida à autora em 24 de abril de 2010 em Cachoeira-Ba.

³⁰⁰Id.

Quando perguntamos sobre os impactos do crescimento das denominações protestantes, no cenário cachoeirano em geral, a Senhora Andrea afirmou:

Olhe eu acho que sinceramente que não, por que se tivesse de abalar as pessoas não procuraria Cachoeira pra (sic) nada. Quantos Terreiros têm em Cachoeira? Agente continua cada um na sua data tocando, fazendo as nossas festas. Através de que? Através de cliente que vem procurar se curar vem procurar fazer um ebó pra (sic) abrir caminho e outras coisas e agente junta aquele dinheirinho para fazer nossas festas se tivesse realmente afetando e abalando agente não teria cliente trabalhando, agente não trabalharia. Estaríamos todos parados e eles comandando tudo. Então eu não dou esse ponto, não vou chegar a jamais a falar que eles estão me abalando, por que não tão, somente isso.³⁰¹

É importante destacar a convicção da ialorixá de que os Terreiros de Candomblé de Cachoeira não estão sendo afetados, pois os sacerdócios de religião de matrizes africanas são também uma profissão, portanto esses Terreiros continuaram sobrevivendo dos serviços prestados pelos sacerdotes à clientela que foi conquistada ao longo desses anos. Mas é importante destacar que boa parte dessa clientela não é moradora da cidade de Cachoeira, talvez as conversões ainda não tenham provocado o fechamento de Terreiros, mas tenham diminuído o número de adeptos do Candomblé cachoeiranos. Como a cidade é tradicionalmente conhecida como Terra da Macumba ainda é possível, pela eficácia de suas casas de Candomblé que o sacerdócio seja fonte de renda. Resta investigar se os sacerdotes viveram exclusivamente das suas atividades religiosas, ou se o trabalho religioso não foi apenas uma renda complementar.

A Senhora Isabela, ialorixá com cerca de oito membros da família de santo e seis da família biológica convertidos às denominações protestantes, ao ser perguntada sobre a atitude dos evangélicos em relação aos candomblecistas relatou que os mesmos sempre desqualificam os outros religiosos:

Aí, isso aí eu acho a atitude deles muito cruel pro Candomblé, porque desfaz muito na gente, desfaz muito, **desvia muitas pessoa (sic) da porta**, aquelas pessoa da cabeça mais fraca né, vai atrás da conversa deles, vão todo dia uma conversinha, uma conversinha quando pensa que não tira a pessoa do caminho que está, eles desfazem muito na nossa religião. Eu ainda não vi uma igreja de protestante falar bem de quem trabalha no lado espiritual, desfazem muito, em tudo por tudo. Foi o ano passado que tem uma igreja no Tororó (um bairro da cidade) e o pastor deu pra vim dá culto ali em baixo com as ovelhas dele todo, com os instrumentos, mas falava tão mal do Candomblé, só faltava

³⁰¹Op. cit.

dizer assim: “Eu tô falando com você também Isabela.” E a gente ficava daqui olhando, não dizia nada porque eu acho que se a gente for dizer, for chamar ao caminho da verdade a coisa rende mais, então a gente tem que ouvir e ficar calado, deixar na consciência de cada qual e nas mãos de Deus e seguir nosso caminho.³⁰²

Na interpretação da entrevistada a desqualificação dos evangélicos em relação ao Candomblé é uma crueldade, além da desqualificação estão sempre disputando adeptos da própria religião do Candomblé. Ao rememorar a atitude de intolerância de um pastor, o qual realizou um culto embaixo do seu Terreiro, afirmou que a sua reação diante do ocorrido foi calar-se.

No entanto, o calar-se significou não discutir com o pastor e seus fiéis naquele momento, mas Dona Isabela demonstrou que conhecia seus direitos e fez questão de avisar ao pastor que estava realizando os cultos. A informante rememorou:

Desacatou mesmo ali embaixo, aí eu chamei uma das ovelhas da igreja dele e disse: - Olhe, cê (sic) diz a seu pastor que da próxima vez que ele vir pra aqui dá culto aqui defronte ao meu Terreiro desfazendo do Candomblé que eu vou tomar minha providência, não é aqui não, tomar providência em Salvador, que pra isso nós temos também quem nos defenda. Também parou com isso.³⁰³

As atitudes de intolerância, por parte de grupos evangélicos, são recorrentes no cenário religioso brasileiro. Nesse contexto as denominações pentecostais e neopentecostais:

(...) estão promovendo uma nova inquisição, abordando pessoas nas ruas, às vezes invadindo terreiros, como tem sido denunciado no Rio de Janeiro, na Bahia, em São Paulo e em outros locais, queimando e destruindo publicamente símbolos de outras religiões em fogueiras santas. São práticas de desrespeito, e violência contra outras crenças, como nos tempos da inquisição.³⁰⁴

Em relação as práticas rituais da IURD que se apropriam de elementos litúrgicos do Candomblé, Dona Isabela afirmou que não é adequado e desagrada a Deus:

Eu acho minha filha, que é um Candomblé disfarçado. Atrás da Bíblia muitas pessoas se escondem pensando que tá escondendo dos olhos de Deus, mas é engano, ninguém se esconde dos olhos de Deus. O que eu acho é que é um Candomblé disfarçado porque, meu Deus, essas coisas é pra religião do Candomblé, pra um centro de Caboclo,

³⁰² Entrevista com a Senhora Isabela concedida à autora em 19 de setembro de 2010, em Cachoeira-Ba.

³⁰³ Entrevista com a Senhora Isabela concedida à autora em 19 de setembro de 2010, em Cachoeira-Ba.

³⁰⁴ FERRETI, Sergio. *Religiões afro-brasileiras e Pentecostalismo no fenômeno urbano*. In: BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. PASSOS, Mauro. SILVA, Wellington Teodoro da (org.) *O sagrado e o urbano: Diversidades, manifestações e análise*. São Paulo, Paulinas, 2008, p.123.

qualquer uma corrente que trabalha do lado dos Orixá, mas uma igreja que diz que, não sei, fico até sem palavra, não combina, não combina comigo e com muitas pessoas que é da mesma religião minha e que entende que com essa verdade não combina, isso não combina, não é uma religião como eles dizem, é uma coisa misturada, mais um Candomblé do que uma (pequena pausa) o lado cristão (...)³⁰⁵

Semelhante ao Senhor Cláudio, pensou Dona Isabela em relação as práticas ressignificadas da IURD, para a entrevistada é um “Candomblé disfarçado”, ou seja, ela tem a percepção que eles se apropriam e ressignificam as práticas do Candomblé, ao ter afirmado que a IURD é “uma coisa misturada”, com o objetivo de fazer confusão ou arrebanhar mais adeptos.

³⁰⁵ Entrevista com a Senhora Isabela concedida à autora em 19 de setembro de 2010, em Cachoeira-Ba.

3.6 A FÉ QUE TRANSITA

O trânsito religioso é entendido como a circulação de pessoas por diferentes instituições e grupos religiosos. Este fenômeno se intensificou a partir das duas últimas décadas do século XX, provocando mudanças significativas no campo religioso brasileiro e cachoeirano. A fluidez dos adeptos entre as distintas religiões permite afirmar que os símbolos religiosos estão sendo intensamente apropriados e ressignificados, o que favorece a permanência de laços identitários e simbólicos, ou seja, o “fiel” não precisa necessariamente romper bruscamente com suas antigas tradições religiosas. Este *continuum* está presente especificamente entre as religiões de matrizes africanas e os neopentecostais, especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus. Definimos *continuum* como semelhanças nas práticas religiosas.

Compreendendo conversão como “novo nascimento”, podemos utilizar este conceito para entendermos os sujeitos que transitam entre diferentes grupos religiosos? Eles realmente nasceram de novo? William James afirma que:

Converter-se, regenerar-se, receber a graça, sentir a religião, obter uma certeza, são tantas outras expressões que denotam o processo gradual ou repentino, por cujo intermédio um eu até então dividido, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência do seu domínio mais firme das realidades religiosas.³⁰⁶

Nesta perspectiva, podemos questionar: os sujeitos que transitam por diferentes instituições religiosas estão convictos da sua adesão religiosa, como afirma James? Está é uma questão que perpassa a análise sobre o trânsito religioso ao longo deste capítulo. Afinal, o historiador não pode medir o grau de verdade da experiência religiosa.

Em entrevista com a senhora Raquel, com 75 anos de idade, ensino médio completo, que converteu-se a IURD em 1996, após cinquenta anos sendo candomblecista e retornou ao Terreiro de Candomblé depois de dois ou três anos e permaneceu até abril de 2012, quando faleceu. Sobre a sua experiência de “conversão” ela rememorou:

³⁰⁶WILLIAM, James. *As Variedades da Experiência Religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1995, p.126.

A minha experiência (tosse) eu indo a Feira de Santana pra (sic) comemorar o aniversário do meu nascimento que o filho evangélico me convidou, coincidiu que eu passei pela porta de uma Igreja Católica, aí eu perguntei a ele (ao seu filho) onde estava cantando aquele hino, ele me levou até a Igreja que estava cantando aí ouvi o hino e gostei de ver um pastor falando sobre Jesus Cristo, sempre acreditei e foi daí que eu me converti, através do hino da Igreja Católica que os evangélicos estavam cantando.³⁰⁷(grifo nosso)

O relato de Dona Raquel se distingue significativamente, pois a sua conversão não se caracterizou como um processo, algo gradual, mas segundo seu relato repentinamente. Assim evidencia-se que esse momento foi preponderantemente emocional, parece que os cânticos exerceram um forte papel, pois ao ouvi-los a senhora se emocionou e se converteu. Segundo Alves: “É a crise emocional que cria a possibilidade e a necessidade da conversão.”³⁰⁸ Afirmando que o momento da conversão se caracteriza pela ansiedade. Ao que parece é um momento de conflito e dúvida no qual a todo instante a emoção se faz presente. Em entrevista com a Senhora Sandra uma das filhas biológicas de Dona Raquel ela contou:

(...) era a data do aniversário dela e eu creio que com isso ela se empolgou e desistiu da vida espiritual dela, de 50 anos, pra (sic) ir atrás do meu irmão, muitas promessas meu irmão fez a ela de vida bem melhor pra ela e, na verdade, não foi nada disso o que ocorreu, o que aconteceu. Porque se ela, se fosse um chamado mesmo de Deus como diz né? Os evangélico (sic) que tem o chamado de Deus eu creio que ela morreria nesta religião e ela retornou pra o Candomblé, entende?³⁰⁹

A entrevistada afirmou que a mãe se converteu devido ao proselitismo realizado pelo filho de Dona Raquel que era membro da IURD. Rememorou que sua mãe foi visitar o filho na cidade de Feira de Santana e ao chegar lá foi surpreendida com uma festa de aniversário realizada no templo que ele congregava. Dona Sandra afirmou que o irmão persuadiu a mãe, ou seja, que a evangelizou e usou a festa como estratégia para convertê-la. Mas, a promessa de vida melhor no novo grupo religioso não se cumpriu, muito pelo contrário, a vida de Dona Raquel se desestruturou.

Ao ouvir este relato a questão é imperativa: Como uma zeladora de santo, com mais de 50 anos de sacerdócio se converte repentinamente? Será que está senhora já não

³⁰⁷Entrevista com a Senhora Raquel concedida a autora em 21 de agosto de 2008, em Cachoeira-Ba.

³⁰⁸ ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979, p.61

³⁰⁹ Entrevista com a senhora Sandra concedida à autora em 27 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

estava passando por um processo de evangelização? Será que havia se decepcionado no Candomblé? São hipóteses que levantamos.

As peculiaridades de sua trajetória que inquieta, ou seja, por ter sido ialorixá durante cinquenta anos e se converter para na IURD, permanecendo aproximadamente três anos e depois retornado ao Candomblé, caracterizando-se assim como um exemplo de trânsito religioso, ou seja, um exemplo de circularidade entre grupos religiosos distintos. Esta experiência chama atenção para a complexidade que envolve os fenômenos religiosos, especificamente o trânsito religioso. Continuando seu discurso sobre a experiência de conversão Dona Raquel afirmou:

Eles (os evangélicos) se apressaram e quiseram logo me batizar, mas como meu destino não era totalmente pra ser uma evangélica limpa, fui obrigada a retornar, ser candomblecista, houve muita disciplina na minha matéria, disciplinas espiritual, ai tomei uma decisão, pois os meus guias (orixás) não aceitaram ser totalmente evangélica, expulsar eles não, eu tomei uma decisão onde estou até hoje e vai ser até meu último dia de vida, ser candomblecista uma coisa que vem de raiz.³¹⁰

A partir deste trecho da entrevista podemos afirmar, através da análise da expressão “evangélica limpa”, que Dona Raquel não havia rompido bruscamente com o Candomblé, já que não se sentia completamente evangélica, bem como assumiu que pertencer ao mundo do Candomblé não é uma questão de escolha, mas de herança, pois seu pai era iniciado no Candomblé, logo ela herdou da sua família. Além de ser uma herança familiar também se caracteriza como questão de ancestralidade, como a própria entrevistada afirmou “(...) ser candomblecista uma coisa que vem de raiz (...)”³¹¹ talvez esse tenha sido um dos motivos do trânsito religioso e por isso a punição dos orixás, denominada pela entrevistada como “disciplina na matéria”³¹².

Por outro lado, como explicar a permanência nos grupos religiosos protestantes dos outros convertidos que eram frequentadores do Candomblé ou filhos de santo? Por que esses sujeitos não foram punidos? Pelo contrário foram abençoados? Ao perguntar o que a entrevistada chamava de disciplina na matéria ela explicou: “Umas doenças sem motivo, sem a Medicina encontrar nada, e a minha matéria (corpo) que tava sofrendo,

³¹⁰ Entrevista com a Senhora Raquel concedida à autora em 21 de agosto de 2008, em Cachoeira-Ba.

³¹¹ Id.

³¹² O que a entrevistada quis dizer é que como não podia ser evangélica, pois pertencer ao Candomblé é um chamado e não uma escolha, os seus guias, ou seja, orixás a puniu através de doenças.

eu em pessoa que tava sentindo. ”³¹³ Perguntamos se isso aconteceu no período em que foi evangélica e ela afirmou:

Sim, sim mesmo. E pra (sic) ver se eu passava no teste até a minha situação financeira ficou caótica. Doença, situação financeira caótica, perdi muitas amizades que eu tinha, o pessoal se afastaram. Ah foi uma parada dura, foi uma guerra, (risos) ah como foi uma guerra, foi uma guerra como dizer assim: o mais forte que vence! E os meus guias do candomblé não aceitavam depois de 50 ano eu dentro do Candomblé, não aceitaram me perder pra os evangélico(sic)(..)³¹⁴(grifo nosso)

O período em que havia se convertido não foi um momento de prosperidade, pelo contrário ela afirmou que sua vida financeira estava caótica. Diferente dos discursos dos convertidos. Como ser sacerdotisa do Candomblé ou “zeladora de santo” também é uma profissão, ao se tornar evangélica Dona Raquel perdeu sua clientela, bem como suas amizades, ou seja, perante o povo de santo certamente ela perdeu credibilidade, bem como seu meio de sobrevivência. A conversão da Senhora Raquel foi noticiada pelo jornal local *O Guarany*, na reportagem intitulada: *Ex-macumbeira da Cachoeira convertida, torna-se membro da Igreja Universal*. A reportagem informou:

(...) uma das mais fortes macumbeiras da Cachoeira até pouco tempo, se converteu ao evangelho e hoje é militante assídua da Igreja Universal do Reino de Deus. Ela assegura que se libertou da escravidão imposta pelos orixás, pois vivia a idolatria, cultuando a macumba, pensando que estava fazendo o bem a quantos a procuravam, inclusive figuras destacadas da política local que conseguiram pleno êxito nas eleições após se submeterem a rituais e a execução de trabalhos em seu terreiro de Candomblé (...) Raquel³¹⁵ afirma que o diabo dar para tirar em dobro, depois, com o acréscimo de inúmeras decepções e constrangimentos. Diz que cumpriu a dura missão de ser escravizada pelos espíritos que se diziam anjos de luz e durante 50 anos sofreu inúmeras decepções no culto da macumba, pois foi iniciada aos 13 anos contra a vontade do parente que a criou (...). Originária de uma família de macumbeiros e feiticeiros cuja expressão maior foi o tio Congo de Ouro, o qual era possuidor de forças demoníacas capazes de matar o ser humano em 24 horas. Raquel nasceu nessa atmosfera em meio às influências dos orixás. Com muito medo de morrer, deixou-se escravizar, pois já havia

³¹³Entrevista com a Senhora Raquel concedida à autora em 21 de agosto de 2008, em Cachoeira-Ba.

³¹⁴Entrevista com a Senhora Raquel concedida à autora em 21 de agosto de 2008, em Cachoeira-Ba.

³¹⁵O pseudônimo da Senhora foi mantido com a finalidade de preservar sua identidade.

acontecida morte na família por causa desse demônio que a geração paterna cultuava.³¹⁶

É importante destacar que o testemunho da Senhora Raquel, noticiado pelo Jornal O Guarany, nos permite afirmar que após a sua conversão às doutrinas da IURD seu discurso foi marcado pela demonização das práticas rituais do Candomblé, pois afirmou que era “escravizada” assim com outros membros de sua família, mas conseguiu a “libertação” na IURD. Notamos que o Candomblé em um momento significou uma herança familiar, algo “que vem de raiz” e noutra uma herança maldita, conforme a ótica da denominação protestante a qual se converteu.

Raquel assegura que o seu propósito era fazer o bem, mas não conhecia o verdadeiro Deus. Depois que aceitou o evangelho os demônios de seu tio Congo de Ouro começaram a atacá-la, levando-a a sofrer decepções diversas como a de reduzir-lhe a renda para não poder pagar compromissos assumidos na praça, etc. Daí foi travada terrível luta, da qual saiu, plenamente, vencedora tendo em vista que hoje a sua maior proteção é Jesus Cristo. Raquel diz que graças a seu filho (...) e sua nora (...) membros militantes da Igreja Universal, foi evangelizada e teve seu encontro com Deus. Ela afirma que no dia 12 de setembro de 1995, próximo a sede da Igreja, na Barão de Cotegipe, ela andando ouviu a música “queremos Deus que é o nosso rei” e indagou do filho de onde estava vindo aquela canção. Imediatamente aceitou o convite do filho para ir até o local – era a Igreja Universal do Reino de Deus. Ali Raquel tomou a decisão de entregar-se a Jesus convertendo-se ao evangelho do Senhor e se confessa feliz, liberta e próspera.³¹⁷

Dona Raquel demonstrou a mudança espiritual que ocorreu em sua vida e a prosperidade depois que teve a proteção de Jesus. No entanto, destacou que o processo de conversão não ocorreu sem conflitos dando ênfase aos problemas financeiros que teve após a conversão e atribuiu essa situação a uma maneira de punição dos orixás. É importante destacar como a Senhora Raquel atribuiu grande importância do seu filho e sua nora no seu processo de conversão, ou seja, o proselitismo em família.

Mesmo relatando que o período após a conversão foi tão difícil, quando perguntamos se a sua decisão de se tornar evangélica foi fácil ou difícil Dona Raquel respondeu:

³¹⁶Jornal O Guarany. Março de 1996, p. 02. Núcleo de Memória e Documentação- UFRB-CAHL.

³¹⁷Jornal O Guarany. Março de 1996, p. 02. Núcleo de Memória e Documentação- UFRB-CAHL.

Foi fácil porque a minha crença em Deus e em Jesus Cristo, pra mim tudo se torna fácil, porque na minha fé venço todas as barreiras, que não existe nada mais do que Deus nada mais do que Jesus, que pra mim ele é o poder, ele é a vida, ele é a verdade, é o dom da minha pessoa (...)³¹⁸

Neste trecho da entrevista ela se mostrou contraditória, afinal se com a fé ela venceria todas as barreiras, por que não resistiu a punição dos orixás, mas sim retornou ao Candomblé? Anteriormente afirmou que foi uma guerra, momentos depois afirmou que foi fácil ser evangélica. Quando perguntamos se a vida dela depois de evangélica havia se modificado ela afirmou:

Se modificou em muitos filhos do Candomblé se afastaram de mim, os visitantes se afastaram, porque desde quando eu tava seguindo o Evangelho eu não podia seguir com os costumes do Candomblé, que o Evangelho não se comunga bem com o candomblecista, ...Se afastaram (os filhos de santo e clientes), mas não pude seguir o Evangelho através do inquisse Roxe Mucumbi, ele não aceitava, ele queria continuação da minha matéria (corpo) no Candomblé e daí eu fiquei a desejar ou sigo uma coisa ou seguir outra, por sinal eu amo muito a minha vida e eu passei umas disciplinas na matéria, que eu me covardei (sic) a seguir o Evangelho, decidi seguir o Candomblé.³¹⁹

A entrevistada afirmou que teve receio de continuar sendo evangélica, pois estava sofrendo muito, por isso retornou ao Candomblé, o poder do Candomblé foi muito mais eficaz na sua decisão de abandonar a comunidade evangélica. As disciplinas na matéria, as quais se referiu foram doenças não diagnosticadas pela Medicina, eram doenças espirituais. Durante entrevista com o ogã Cláudio sobre o aumento das conversões em Cachoeira-Ba ele fez referência ao exemplo de Raquel e afirmou: “Aí Dona Raquel não é falar mal dela, saiu fez aquilo tudo, tá aonde? Voltou pro Candomblé, que se o dom dela quem deu foi Deus.”³²⁰

Interrogamos a Dona Raquel: depois que a Senhora se converteu e passou alguns anos na IURD, o que aconteceu para que a senhora retornasse ao Candomblé?

O meu guia incorporou aqui na nossa casa, e deixou recado pra mim: que não era pra eu ir mais na igreja, e que o que era pra (sic) botar no lugar que eles iam dar um jeito como botar tudo no lugar. E as enxaquecas que eu estava sentindo na matéria, eu perdia tempo em ir pra Medicina, que era pra o meu retorno ao Candomblé, que eu fui

³¹⁸ Entrevista com a Senhora Raquel concedida à autora em 21 de agosto de 2008, em Cachoeira-Ba.

³¹⁹ Id.

³²⁰ Entrevista com o Senhor Cláudio concedida a autora em 19 de abril de 2010, em Cachoeira-Ba.

sem eles permitir, e foi boa a jornada da vida, vivendo, aprendendo, quanto mais se vive mais se aprende, e passando por umas certas fases é que o ser humano tem o que contar da vida, que a minha vida é uma longa história.³²¹

Ao ser entrevistada Dona Isabela, uma ialorixá, irmã de santo e comadre de Dona Raquel sobre o trânsito religioso da sua vizinha em Cachoeira, rememorou:

Quando começou essa religião na casa dela, o pastor vinha com o pessoal, daqui a gente via, começava seis horas da tarde e ia até as doze e o pessoal saía para olhar e vê o sofrimento dela. Quando Ogum pegava ela, que gritava, urrava e combatia, batia testa com o pastor, todo mundo subia pra ir ver, um dia foi um quebra-quebra lá, diz o povo que até o pastor desceu correndo ladeira abaixo. E aí foi indo, foi indo o Ogum disse que dela não saia, que ela era dele. Quando pensou que não, ela voltou pro Candomblé, mas nunca mais foi o que era. Mas do meio pro fim ela mudou de um caminho pro outro e perdeu tudo que tinha.³²²

Dona Isabela descreveu uma situação caracterizada como exorcismo mal sucedido, pois a entidade de Dona Raquel não aceitava que a mesma mudasse de religião. No entanto, mesmo após realizar o desejo dos seus inquisses o Terreiro de Candomblé não voltou a ser o que era antes da conversão da sacerdotisa. Sobre essas transformações Dona Sandra contou que a casa de santo diminuiu a clientela:

Ah, muito, muito, muito, muito diferente, não era mais o mesmo, não foi mais a mesma coisa ... porque naquela época a casa da minha mãe vivia cheia de dia a noite e depois que ela passou a ser crente nunca mais teve isso, de negócio (sic) de dia a noite, do caboclo dela trabalhar porque não tinha mais cliente tanto como tinha antigamente e não tinha mais filho de santo, tanto como tinha antigamente. Por sinal, o Candomblé hoje tem 12 a 15 filho de santo, estorano (sic) (...) ³²³ (grifo nosso)

A perda de adeptos devido a conversão da sacerdotisa afetou a reestruturação do Terreiro, pois quando retornou ao Candomblé, não conseguiu recompor a rede familiar e hierárquica que tinha conquistado ao longo dos cinquenta anos de sacerdócio, seu Terreiro ficou desacreditado. Para muitos havia perdido a eficácia religiosa.

Mas eu creio que com esse pacto de sair de uma religião ir pra outra, eu visualizei que agora diminuiu de clientela sim. As pessoas fica (sic) meio..., o ser humano é inteligente, né? E as pessoas que são observadoras: - Ela tá no Candomblé de novo, entende? Aí fica com aquela dúvida, né? Aquela incerteza:- Será, menino, que ainda tá

³²¹Entrevista com a Senhora Raquel concedida a autora em 21 de agosto de 2008, em Cachoeira-Ba.

³²²Entrevista com a Senhora Isabel concedida à autora em 16 de novembro de 2012, em Cachoeira-Ba.

³²³Entrevista com a Senhora Sandra concedida à autora em 27 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

trabalhando bem? - Será que, né? Vai ter efeito, entende? Tipo um bloqueio, né?³²⁴ (grifo nosso)

Argumentou que o número de clientes e filhos de santo diminuíram consideravelmente por que o Candomblé chefiado pela sua mãe perdeu eficácia, ficou descredibilizado. Ao analisar a entrevista em vários momentos percebemos como a Senhora Raquel não aprofundava suas respostas, bem como várias vezes ao final da resposta, perguntava se eu queria saber mais alguma coisa, como se ela já tivesse dito tudo. Talvez o fato de hoje ter retornado ao Candomblé influencie em falar outros motivos que possam ter contribuído para sua conversão e trânsito.

Em entrevista com a Senhora Vanessa com um itinerário religioso bastante fluido, sua primeira filiação religiosa foi a iniciação ao Candomblé, quando perguntamos por que ela decidiu mudar de religião, ela afirmou: “Falta de fé, coisas que eu via que não condizia com o que se dizia, não era realmente praticado aquilo que eles falavam, faltou a fé, muitas coisas que diziam e que não eram bem por aí. Coisas que a gente espera que aconteça e que não acontece nunca, mais na verdade foi a fé, foi deixando de existir.”³²⁵ A fim de compreendermos o que a fez perder a fé, fizemos o questionamento e ela respondeu:

Eu fui orientada, lá dentro, que no período da obrigação, numa festa, você tem que dar. Mas como é que você tem dar aquilo que você não tem? Como é que o santo exige de você uma coisa que você não tem? Você dar você tem que receber em troca, não é isso? Então como eu poderia dar uma obrigação onde nada nada eu gastaria uns oitocentos reais e eu não tinha trabalho? Você não tem pra (sic) dar, e como é que é que o santo sabe que você não tá em condições, não tem aquela condição pra (sic) comprar aquilo que é necessário, mais de qualquer forma ele quer, E aí? Como você dá aquilo que você não tem? Em todo meu pensamento ele teria que primeiro que dar trabalho pra depois você voltar e devolver, como no meu caso não aconteceu isso. Eu era uma pessoa muito, sempre fui uma pessoa temperamental, então quando eu não vi aquilo pra eu dar e vendo só sofrimento que começa logo, como é que eles costumam dizer? A castigar, aí já começa uma dor de cabeça, por que você não deu comida naquele dia, não deu obrigação. Como é que você pode dar se você não tem? E por aí você vai perdendo a fé.³²⁶

Sobre o que motivou a sua conversão à Igreja Assembleia de Deus, a Senhora Vanessa relatou:

³²⁴ Entrevista com a Senhora Sandra concedida à autora em 27 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

³²⁵ Entrevista com a Senhora Vanessa concedida a autora em 24 de Abril de 2013, em Cachoeira- Ba.

³²⁶ Entrevista com a Senhora Vanessa concedida a autora em 24 de Abril de 2013, em Cachoeira- Ba.

Eu tinha duas sobrinhas que tomava reforço escolar com uma moça que era evangélica, a noite. Então ela falava muito de Jesus, falava muito da Bíblia e as meninas estavam ali tomando reforço e eu junto, né? Gostava de ouvir aquelas histórias, ela falava do céu, falava do inferno e um dia ela me fez o convite de eu ir até a igreja “Assembleia de Deus” e eu fui, e quando chegou lá fui tocada por aquela mensagem naquela noite que eu participei do culto e aí eu não pensei duas vezes, eu somente aceitei e nisso me converti pela primeira vez ali na Assembleia de Deus, e nisso eu fiquei durante um bom tempo. Sair do Candomblé, fui na casa do Candomblé conversei com a mãe de santo e disse a ela que não ia mais e daí não fui mais. Passando um certo período retornei, ah entrei e sair tantas vezes e sempre na mesma, nunca vi mudanças.³²⁷

É interessante analisar o discurso da informante ao ter relatado que entrou e saiu do Candomblé e das denominações protestantes diversas vezes. Sua trajetória religiosa foi marcada pela busca incessante de encontrar conforto espiritual em algum grupo religioso. Sobre suas idas e vindas entre as duas religiões afirmou que:

Nesse período em que eu me converti, no período em que eu fui ser evangélica e era do Candomblé eu tinha pouca idade, eu não tinha na verdade maturidade, eu ainda não sabia o que eu queria, não sabia o que era nenhuma das duas religiões. Era igual a esses jovens sem noção, sem cabeça, cabeção, então eu tava num lugar não vi grandes resultados, corri partir pro outro, voltei novamente, sai de dentro da igreja evangélica aí voltei de novo para o Candomblé pelas amizades, pela beleza que o Candomblé tem, né? Por que é uma coisa muito bonita, aquele envolvimento, e também porque levei alguns castigos, né! E quando você é castigada você tem medo, né? Passei alguns castigos com medo dos orixás, né? E acabei retornando e novamente voltei a sair. Uma pessoa que ainda não tinha maturidade, não sabia verdadeiramente o que era essa fé, e também não tinha medo, por que tomava o castigo, saía, tava na igreja evangélica, voltava de novo, não tinha ainda noção do que eu tava querendo realmente pra (sic) minha vida.³²⁸

Em entrevista com a Senhora Isabel, ela mencionou sobre o trânsito religioso de candomblecistas para denominações protestantes em Cachoeira:

E eu já cuidei de crente aqui e vem crente na minha casa na hora da necessidade vem na minha casa buscar ajuda e ainda diz: - Vim na casa da senhora porque é longe, pra meu pastor não saber. E eu ajudava muito crente e aí é onde eu digo, ou bem ser ou bem não ser. O Candomblé faz pra o crente, a igreja dos crente (sic) acha que foi eles quem curou, quem fez, quem ajudou. Quantos vem aqui, meu Deus, em busca de ajuda, batizados na religião deles lá e eu tô pronta aqui pra (sic) ajudar no que eu puder, se Deus me dê permissão,

³²⁷Entrevista com a Senhora Vanessa concedida a autora em 24 de Abril de 2013, em Cachoeira- Ba.

³²⁸Id.

chegando na minha porta tô pronta pra (sic)receber inda digo assim: - Venha cá e na sua igreja meu fio, (sic) por que não lhe ajudo, por essa forma tal. Ah mais é muitos anos que eu sou cristã falo com o pastor não tem solução, tô assim, tô assado, aí eu ajudo no que eu posso, já ajudei muitos e continuo ajudando, assim chegue na minha porta precisando e Deus me dê o direito (...)³²⁹

Para a depoente ajudar membros de outras religiões que procuram auxílio espiritual em seu Terreiro não se configura como contradição, pois os candomblecistas geralmente tem uma visão ampla e solidária da sua religião diferente do exclusivismo protestante. Isto acontece por que “ as religiões afro-brasileiras não são religiões de salvação, de redenção e do pecado, como o cristianismo em suas diferentes matrizes. Também não são religiões apostólicas, de pregação do que deve ser feito; não são religiões que pregam a conversão dos outros, como fazem as igrejas missionárias, católica ou protestantes. Das religiões de matriz afro participa quem quer e quem chega é sempre muito bem recebido. ”³³⁰

É interessante observar que o trânsito religioso não se limitou a cidade de Cachoeira. A pesquisa de Itamar Pereira de Aguiar ao analisar o trânsito religioso entre batistas e membros das religiões afro-brasileiros, em Vitória da Conquista, constatou que membros batistas circularam nos Terreiros de Candomblé. Podemos considerar que o trânsito não é uma prática incomum. Aguiar ao entrevistar o babalorixá Pai Jorge, ao perguntar se algum membro de alguma Igreja Batista de Vitória da Conquista-Ba já havia feito algum tipo de trabalho em sua casa de Candomblé, Pai Jorge relatou:

É meio difícil falar, mas não se pode negar tem que conversar e, tem que ser explicado, já me procurou pra (sic) jogo de búzio, pra orientação espiritual. Eu já tomei choque de pessoas de posse dentro da igreja, me procurou pra (sic) trabalho de amor e a gente recebe como qualquer um, por que Candomblé não tem colidade (sic), se é preto ou se é rico, ou se é pobre ou se é bonito, se é feio, não importa religião. Candomblé não marca religião, por que eu sou crente não pode vim, por que eu sou católico não pode vim, Candomblé e portas abertas e, já atendi de Conquista e tô pronto pra atender a hora que me procurar.”³³¹

³²⁹ Entrevista com a Senhora Isabel concedida à autora em 19 de setembro de 2010, em Cachoeira-Ba.

³³⁰ FERRETI, Sergio. *Religiões afro-brasileiras e Pentecostalismo no fenômeno urbano*. In: BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. PASSOS, Mauro. SILVA, Wellington Teodoro da (org.) *O sagrado e o urbano: Diversidades, manifestações e análise*. São Paulo, Paulinas, 2008, p.113.

³³¹AGUIAR, Itamar Pereira de. *Do Púlpito ao Baquiço: Religião e Laços Familiares na Trama da Ocupação do Sertão da Ressaca*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007, p.209.

A postura ecumênica dos candomblecistas é bastante comum diferentemente da maioria dos grupos religiosos protestantes, os quais são exclusivistas, por isso os fiéis que transitam por diferentes religiões não assumem publicamente a duplicidade de pertença religiosa. O babalorixá Pai Rudy de Vitória da Conquista ao ser perguntado se algum membro de alguma denominação Batista fazia algum tipo de trabalho em seu Terreiro relatou que:

Já (...). Ela veio até a minha casa através de uma moça. Ela frequenta a Segunda Igreja Batista (...) e ela tem um problema sério, conjugal (...). Eu recebi ela aqui quase dez horas da noite, para fazer o jogo de búzios e ela só me procurava nesses horários para não ter a sua identidade revelada, até por que são pessoas influentes dentro da igreja (...).³³²

O sociólogo Aguiar ao analisar trajetórias de sujeitos que transitaram entre distintas religiões encontrou narrativas de pessoas que eram membros das denominações Batistas e que tornaram-se filhos de santo, algo incomum. Uma mulher ex-membro da Igreja Batista Monte Sião, em Vitória da Conquista, passou a ser adepta do Candomblé, sobre a mudança de religião narrou:

Quando eu fui membro da Igreja Batista, fui durante onze anos, desde criança aos vinte e um anos de idade. Eu via lá dentro divisão em questão financeira, ou seja, quem tinha uma condição econômica melhor não tinha amizade com quem tinha uma condição inferior e isso me levou também à falta de interesse. A ajuda mútua que eu vejo aqui, eu não via lá e isso foi me esfriando, fui me afastando [...], foi uma das coisas que me influenciou a sair de lá. Não foi influência de amigos, não foi influência de nada, foi por mim mesma, por eles uma alta perfeição da pessoa, ou seja, tudo deles se refere a pecado, tudo é pecado, tudo era proibido e, enfim, tudo deles era pecado, era coisa do demônio.³³³

Por ter sido membro da Denominação Batista desde a infância é provável que não tenha escolhido a religião que professava, isto é, era uma religião herdada. Portanto, na idade adulta começou a questionar como se davam as relações dentro da denominação Batista a qual era membro, o que possibilitou a busca em outra religião por relações mais igualitárias em que os laços de solidariedade fossem mais presentes. Apesar dos Terreiros de Candomblé serem grupos religiosos que, de certo modo, reproduzem laços familiares não podemos isentar o Candomblé das diferenciações

³³²AGUIAR, Itamar Pereira de. Do Púlpito ao Baquiço: Religião e Laços Familiares na Trama da Ocupação do Sertão da Ressaca. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007.

³³³ AGUIAR, Itamar Pereira de. Do Púlpito ao Baquiço: Religião e Laços Familiares na Trama da Ocupação do Sertão da Ressaca. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007, p.211.

existentes em relação as condições econômicas dos seus membros ou mesmo da presença de rivalidades entre Terreiros de Candomblé devido as questões relacionadas as classes sociais. A esse respeito a Senhora Vanessa, adepta do Candomblé convertida às doutrinas da Igreja Batista Betel relatou:

Eu conheço pessoas que estão dentro do Candomblé há vinte, trinta anos que não tem nada, que da maneira que entrou está. Nada. Como é que tem uma pessoa que há trinta anos dando obrigação ao santo onde nem trabalho tem? Como que existem pessoas lá dentro trinta anos que é sempre os outros que dá uma galinha, existem pessoas lá dentro que nunca conseguiram matar um bode, uma galinha pro santo e quando conseguiu foi porque foi outra pessoa que presenteou, e aí cadê essa força? Cadê esse santo? Onde é que essa pessoa errou? Existem tantas pessoas que tem muita fé lá dentro, sabia? Existem pessoas que cumprem a rigor ali ô, a risca as obrigações, as rezas de madrugada, a comida, a roupa, tem pessoas que não deitam com o marido no período da festa e não consegue nada, o que que a gente atribui isso? Se a pessoa é uma pessoa de fé, faz tudo a risca, porque que não consegui nada e outros que as vezes nem lá vai, manda só o dinheiro a mãe de santo compra, corta e tem tudo, como é isso? Quantas vezes a gente vê aí Gilberto Gil , Gal Costa, não sei quem, tudo é na macumba, Carlinhos Brown, Daniela Mercury tudo na macumba, que tempos eles tem pra ta lá rodando de saia, nem vai carregar água na cabeça nem lavar roupa no rio, como é isso aí? E aqueles pobrezinho fica lá ô, e aí o que é que a gente diz?³³⁴

Em geral os grupos protestantes quando tomam conhecimento que seus membros estão frequentando outras religiões ou fazendo uso de suas práticas mágicas geralmente os aconselham que se retirem de suas congregações. Segundo Ferreti:

(...) nas religiões de matrizes africanas “todos são bem aceitos, elas não são religiões exclusivistas, de “quem não está conosco está contra nós”, como na maioria das outras”. São tolerantes com outras religiões, aceitam as outras como diferentes, mas não totalmente contraditórias. Seus fiéis podem frequentar o catolicismo, o espiritismo e, às vezes, até religiões evangélicas, o que é mais raro, como tem sido constatado, mas não impossível como cheguei a pensar. A dupla pertença é muito comum nas religiões afro, especialmente com o catolicismo. Trabalhos sobre religiões afro-maranhenses citam casos de pessoas em transe com o vodum que vão à Igreja, são padrinhos em batizados, comungam na missa sem que o padre perceba que estão em transe; há casos, inclusive, em que o devoto frequentemente incorpora a entidade durante determinada prática litúrgica católica. Vários rituais públicos de terreiros de culto afro se iniciam com a missa no dia do santo comemorado e continuam regularmente com ladainha cantada em latim diante de altar com

³³⁴ Entrevista com a Senhora Vanessa concedida à autora em 24 de Abril de 2013, em Cachoeira-Ba.

imagens de santos da Igreja, sendo seguidos por toques no salão de danças de terreiro.³³⁵

Uma mulher membro da Igreja Batista Lírío do Vale em Vitória da Conquista sobre seus percursos religiosos relatou:

No momento em que eu falei pro pastor que eu iria me retirar da Congregação, ele me deu trinta dias para que eu pensasse né, como ele ficou sabendo que eu estava frequentando centro espírita e outras religiões, apenas em visitas, ele preferiu me eliminar, ele fez um culto e a Congregação achou por bem me eliminar, por que eu já não estava nos mesmos passos da Igreja, no caso³³⁶.

Almeida, em sua pesquisa sobre as mulheres batistas em Salvador-Ba, relatou que D. Arlinda, membro da Igreja Batista de Plataforma, procurou um curandeiro, no bairro de Periperi, para curar seu filho que estava doente e este assunto foi debatido pelos membros da Denominação Batista, mas não houve expulsão, apenas admoestações. Almeida levantou como hipótese para a procura do curandeiro a possibilidade da Senhora Arlinda não ter tido condições financeiras para arcar com despesas médicas e com medicamentos, sendo uma mulher empobrecida e chefe de família isso poderia comprometer todo seu orçamento, mas também interpretou que:

D. Arlinda e tantas outras mulheres convertidas à fé batista experienciaram, antes, as religiões de origem afro-ameríndias, de sorte que elementos dessas religiões sempre estiveram presentes no imaginário religioso da população soteropolitana, sobretudo nas classes mais empobrecidas, nas quais a concentração de afro-descendentes era muito maior. Nas religiões afro-ameríndias, a separação entre corpo e alma não era tão definida e sistematizada quanto no cristianismo. Lá era possível tratar corpo e alma no mesmo lugar. O curandeiro sabia curar com as mãos de um modo mais concreto e acessível. Ele era uma mistura de médico e sacerdote, que manipulava ervas e fazia rezas, invocando a experiência cultural e o legado de orixás, caboclos e ancestrais. Ninguém rompe impunemente com o passado. D. Arlinda e muitos outros fiéis, que se convertiam ao cristianismo, nesse caso específico, numa comunidade batista, nunca abandonavam totalmente suas práticas cúlticas anteriores, isso porque elas faziam parte de seus valores, conseqüentemente do processo de construção de suas identidades enquanto pessoas. Extingui-las totalmente seria como aniquilar parte de si mesmo, restando aos neo-convertidos a impossibilidade da

³³⁵FERRETI, Sergio. *Religiões afro-brasileiras e Pentecostalismo no fenômeno urbano*. In: BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. PASSOS, Mauro. SILVA, Wellington Teodoro da (org.) *O sagrado e o urbano: Diversidades, manifestações e análise*. São Paulo, Paulinas, 2008, p 115.

³³⁶AGUIAR, Itamar Pereira de. *Do Púlpito ao Baquiço: Religião e Laços Familiares na Trama da Ocupação do Sertão da Ressaca*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007, p. 211.

chamada inculturação religiosa, que no mundo protestante, envolve muito mais que a imagem física dos santos, orixás e seus atributos.³³⁷

A partir da análise do trecho supracitado, bem como das narrativas de conversão dos sujeitos desta pesquisa podemos afirmar que converter-se, no discurso é abandonar abruptamente sua antiga religião, negar uma antiga identidade religiosa, no entanto o discurso nem sempre condiz com as práticas e a realidade vivenciada cotidianamente. Isto demonstra que a identidade dos sujeitos religiosos é múltipla e complexa.

Em várias pesquisas sobre grupos religiosos protestantes constatou-se que muitos convertidos continuavam a frequentar as antigas comunidades religiosas, denotando que o ato de converter-se, ou mudar de práticas religiosas não ocorre de forma linear ou racional. As trajetórias individuais são diversas e complexas.

³³⁷ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. *Uma História das Mulheres Batistas Soteropolitanas*. Dissertação de mestrado. Salvador: Dissertação de mestrado: UFBA, 2006,p.106.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cachoeira é uma cidade situada no Recôncavo Baiano, a qual teve significativa importância econômica no período colonial e imperial, mas com a abolição da escravidão e com advento da República ficou à margem do processo de desenvolvimento econômico no cenário baiano. Essa situação se agravava devido as constantes cheias do Rio Paraguaçu. A população cachoeirana, especialmente os afrodescendentes, não tinha perspectivas de sobrevivência na cidade, muitos então, homens principalmente, migravam para outras cidades baianas, até mesmo outros Estados a exemplo de São Paulo. Compreendemos que este contexto adverso influenciou na migração religiosa de adeptos do Candomblé e da Irmandade da Boa Morte para denominações protestantes, especialmente neopentecostais.

Entre 1980 e 2007 na cidade cachoeirana houve conversões de adeptos do Candomblé para às denominações protestantes, nas quais predominou o gênero feminino. Constatamos que as conversões ocorreram por diferentes motivos, bem como na maior parte das narrativas analisadas, os entrevistados apresentaram um conjunto de motivações, ou seja, não foi uma única razão que possibilitou a escolha por uma nova filiação religiosa. Na maior parte das trajetórias estudadas as razões para assumir uma outra identidade religiosa, distinta da religião herdada, aconteceu por múltiplos motivos, bem como não se deu de modo linear.

Comumente nas narrativas dos conversos analisadas nesta pesquisa, as trajetórias individuais foram divididas em duas fases da vida: na primeira, a conversão é entendida como o término de um processo de angústia e desespero, marcado muitas vezes pela busca da cura de alguma enfermidade física ou emocional, bem como por desilusões com o grupo religioso do qual era adepto anteriormente. Na segunda, o momento depois da conversão demarcou o encontro com a “verdade”, a vida pregressa considerada caótica passou a ser restabelecida de forma positiva.

Identificamos que os convertidos passaram a demonizar o Candomblé, isto é, assumiram o discurso do novo grupo religioso ou fizeram apropriações e ressignificações de práticas e rituais da religião anterior. É importante ressaltar que a demonização das religiões de matrizes africanas não é um fenômeno recente e nem praticado apenas pelas denominações protestantes.

Ao longo da pesquisa identificamos que a IURD e outros neopentecostais, com sua característica proselitista, além principalmente da apropriação e ressignificação dos elementos do panteão afro-católico disputava os mesmos fiéis das religiões de matrizes africanas. É importante lembrar que as religiões de matrizes africanas não são salvacionistas e nem religiões de conversão, ou seja, não tem interesses expansionistas, ao contrário dos que se definem como cristãos ou protestantes.

As conversões ocorreram mais entre mulheres do que entre os homens, possivelmente devido a busca pela harmonia familiar e por resoluções dos problemas conjugais. Demonstramos que mesmo encontrando espaços para o exercício de sua liderança, o poder é tutelado pelo marido, no que se refere a mulheres casadas com pastores, as mulheres que não exercem cargos de liderança, que são a maioria, destinam-se a papéis naturalizados como femininos, como o ensino na Escola Bíblica Dominical ou a oração pelos membros da comunidade religiosa, ou a conservação e limpeza dos templos.

O trânsito religioso é uma realidade no campo religioso baiano e cachoeirano, em particular, ocorreu geralmente entre fiéis do Candomblé, da Irmandade da Boa Morte para as denominações protestantes, especialmente as neopentecostais. É visível o exercício da Teologia da Prosperidade, que atrai majoritariamente a população de baixa renda e em sua maioria mulheres, chefes de família, que não contam com maridos provedores. Além da prosperidade familiar, essas mulheres recém-convertidas buscaram um espaço religioso para curar suas doenças e estabelecer relações de sociabilidade e soluções para seus problemas conjugais.

As representações e as práticas dos grupos neopentecostais em Cachoeira reproduziram as desigualdades entre os gêneros existentes na sociedade circundante, legitimando a assimetria nas relações entre os gêneros com textos bíblicos e as doutrinas seguidas pelos protestantes. Apesar das cobranças incidirem com mais rigor para as mulheres, elas encontraram nesses grupos religiosos espaços de sociabilidade, prestígio e acolhimento diante das suas dificuldades sociais, econômicas e existenciais, num contexto histórico de profundas crises econômicas e de desemprego sistêmico. A religiosidade protestante dá sentido à vida dessas mulheres empobrecidas e sofredoras, apesar do rigor e das exigências doutrinárias.

Cachoeira, a capital do Recôncavo Baiano, com uma forte presença de população afrodescendente, tradicionalmente era conhecida como terra da Macumba,

nas últimas décadas com a inserção dos grupos neopentecostais e o denso proselitismo desenvolvido pelos mesmos, tem apresentado relevantes mudanças no seu campo religioso. Existem grupos protestantes em Cachoeira desde a década de 1870, a exemplo da Igreja Presbiteriana, que não provocaram muito impacto. Porém, a presença dos neopentecostais a partir das últimas décadas do século passado, os quais disputam os seus fiéis das mesmas camadas socioculturais que as religiões de matrizes africanas, isto é, afrodescendentes e empobrecidos vem provocando alterações profundas na sociedade cachoeirana e nas relações com os fenômenos do sagrado.

As conversões de sacerdotes e líderes religiosos do Candomblé e da Irmandade da Boa Morte às comunidades protestantes têm propiciado a formação de novas configurações no cenário religioso cachoeirano e conseqüentemente nas práticas socioculturais, apesar da resistência aguerrida de setores administrativos, religiosos e de movimentos organizados, a exemplo do Movimento Negro. Não fazemos prognósticos, não é tarefa dos historiadores, mas as conversões e o trânsito religioso de uma significativa parcela da sociedade cachoeirana já demonstram movimento, imbricações, ressignificações, apropriações, um amplo leque de acomodações e conflitos. Instigantes problemáticas para novas investigações.

LISTA DE FONTES

Orais

Convertidos ao Protestantismo:

1. R. N.L.– pseudônimo Maria (entrevista realizada em 15/02/2009).
2. V.N.O. – pseudônimo Carolina(entrevista realizada em 09/02/09).
3. B.N. S.– pseudônimo Débora (entrevista realizada em 09/02/2009).
4. J. S. F. – pseudônimo Laura (entrevista realizada em 26/01/2009).
5. C. M. G.– pseudônimo Antônia (entrevista realizada em 08/02/2009).
6. A. L. F.– pseudônimo Carla(entrevista realizada em 15/02/2009).
7. M.C. P. S. – pseudônimo Rosa (entrevista realizada em 26/01/2009).
8. N.S.S.– pseudônimo Margarete(entrevista realizada em 03/12 2012).
9. C.S.S. – pseudônimo Letícia (entrevista realizada em 03/12/2012)
10. S.S. C.– pseudônimo Mônica(entrevista realizada em 18/04/2013).
11. C.C.J.– pseudônimo Eduarda(entrevista realizada em 22 de Abril de 2013).
12. J. S.F.P.– pseudônimo Vanessa(entrevista realizada em 24/04/2013).
13. J.F.P. – pseudônimo Cristiano (entrevista realizada em 29/04/2013).
14. N.C.J.– pseudônimo Manoel (entrevista realizada em 22/04/2013).
15. J.C.F.P. – pseudônimo Carlos (entrevista realizada em 15/02/2009).

Candomblecistas:

- J. P.– pseudônimo Andrea (entrevista realizada em 24/04/2010).
- M.D.S. – pseudônimo Isabela (entrevista realizada em 19/092010).
- G. B. S. – pseudônimo Cláudio (entrevista realizada no dia 19/04/2010).

Trânsito Religioso:

- N.D. C. – pseudônimo Raquel (entrevista realizada em 21/08/2008).
- R.C.C.P.– pseudônimo Sandra (entrevista realizada em 27/04/2013).

Fontes Impressas

I – Centro de Pesquisas da Religião (UEFS).

- Jornal Folha Universal

II – Arquivo Regional de Cachoeira (Cachoeira-Ba)

- Jornal A Cachoeira

III – Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Salvador-Ba)

- Jornal A Tarde

IV – Arquivo Municipal de São Felix (São Félix-Ba)

- Jornal O Correio de São Félix

V– Núcleo de Memória e Documentação (NUDOC – UFRB) (Cachoeira-Ba)

- Jornal O Guarany

VI –Arquivo Pessoal

- Revista Plenitude

-Livros doutrinários da IURD

CARDOSO, Renato. CARDOSO, Cristiane. Casamento Blindado: O seu casamento à prova de divórcio. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

FURUCHO, Natal. Como ser bem-sucedido na vida empresarial: Saiba como manter sua empresa competitiva. Rio de Janeiro: Gráfica universal, 2004.

MACEDO, Edir. O Perfeito Sacrifício: O Significado Espiritual dos Dízimos e das Ofertas. Rio de Janeiro: Universal, 2001.

MACEDO, Edir. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?Rio de Janeiro: Unipro, 2006.

MACEDO, Edir. O Poder Sobrenatural da Fé. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

MACEDO, Edir. O Perfil da Mulher de Deus. Editora Unipro, 2001.

MACEDO, Edir. O Perfil do Homem de Deus. Editora Unipro, 2001

MACEDO, Edir. O Perfil da Família de Deus. Editora Unipro, 2007.

PANCEIRO, Romualdo. Segredos do altar. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. *Do Púlpito ao Baquiço: Religião e Laços Familiares na Trama da Ocupação do Sertão da Ressaca*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007.

ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. *Uma História das Mulheres Batistas Soteropolitanas*. Dissertação de mestrado. Salvador: Dissertação de mestrado: UFBA, 2006.

ALMEIDA, Ronaldo de & MONTERO, Paula. *Trânsito religioso no Brasil*. CEBRAP, São Paulo, 2000.

ALVES, Rubem. *O Suspiro dos Oprimidos*. São Paulo: Paulus, 2006.

ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

AMARAL, Leila. *Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo*. In: SIEPIERSKI, Paulo D; GIL, Benedito M. (orgs.) *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuições a uma sociologia das Interpretações de Civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1985.

BELLINI, Lígia. SOUZA, Evertgton Sales. SAMPAIO, Gabriela dos reis. (orgs). *Formas de Crer*. Ensaio de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV-XXI. Salvador: Edufba: Corrupio, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Gênese dos conceitos de habitus e campo*. In: *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAGA, Julio. *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: Edufba, 1995.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*, Petrópolis-São Paulo: Vozes- UMES, 1997.

CAPONE, Stefania. *A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa, Portugal: Difel, 1990.

COUTO, Márcia Thereza. *Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos*. Revista: Antropológicas, ano 6, volume 13 (1): 15-34, 2002.

DIAS, Caroline Luz e Silva. *Os neopentecostais em Feira de Santana*: “Da visão celular no Modelo dos 12 ao Mover celular do fruto fiel. Feira de Santana: Dissertação de Mestrado, 2009.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. HEILBORN, Maria Luiza, BARROA, Myriam Lins de. PEIXOTO, Clarice. (orgs.) *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

FERNANDES, Rubem César. (et al.) *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Desafricanizar as ruas*. Revista Afro-Ásia, 1998-1999, p.239-256.

GANDON, Tânia Risério d, Almeida. Etnotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória. Revista da Faeba -Educação e Contemporaneidade. Salvador, v.14, n.23, p 227-233, jan/jun, 2005.

GOLDANI, Ana Maria. *Retratos de Família em Tempos de Crise*. Estudos Feministas. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, PPCIS/UERJ, Jul./Dez. , 1994, Vol. 2, n. especial, p 303-335. p.306.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOUTART, François. *Religión, sociedad y mercado em el neoliberalismo*. México, 1997.

LEITE, Rinaldo César Nascimento. *A Rainha Destronada: Discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

LEMOS, Carolina Teles. *Maternidade e Devoções Marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero*. In: SOUZA, Sandra Duarte de. (org) *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

LESSA, Luciana Falcão. *Senhoras do Cajado. Um Estudo sobre a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos*. Dissertação de Mestrado. Salvador-Ba, 2005.

LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intragrupais*. Salvador: Corrupio, 2003.

LIMONTA, Ileana de Las Mercedes Hodge. *Cultura de resistência e resistência de uma identidade cultural: a santería cubana e o candomblé brasileiro (1950-2000)*. Tese de doutorado. UFBA, Salvador, 2009.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, maio-agosto 2005, páginas 387-396.

MARIANO, Ricardo. O Reino da prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro. CORTEM, André. DOZZON, Jean-Pierre. (org.) *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARIANO, RICARDO. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.

MELLO, Francisco José de. *História da cidade da Cachoeira*. Editora Radami, 2001.

MENEZES, Nilza. *Arreda homem que aí vem mulher: Representações da Pombagira*. São Paulo: Fortune, 2009.

MENEZES, José Euclimar Xavier; CASTRO, Mary Garcia. (orgs.) *Família, população, sexo e poder: entre saberes e polêmicas*. São Paulo: Paulinas, 2009.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. *“Terra de Macumbeiros”*: Redes de Sociabilidades Africanas na formação do Candomblé JeJe-Nagô em Cachoeira e São Felix-Bahia. Dissertação de Mestrado. Salvador, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Invasões em Salvador: um movimento de conquista do espaço para morar (1946-1950)*. São Paulo: PUC, 1985.

ORO, Ari Pedro. CORTEM, ANDRÉ. DOZZON, Jean-Pierre. (org.) *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PARÉS, Luís Nicolau. *A Formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia*. São Paulo: Unicamp, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Religião paga, Conversão e Serviço*. Novos Estudos, Julho de 1996, n.º 45.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Revista Estudos Avançados, Vo.1 18, nº 52 p.223-238, 2004.

RABELO, Miriam Cristina. *Religião e Cura: Algumas Reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas*. Cadernos de Saúde Pública., Rio de Janeiro, jul/set, 1993.

RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, Transmissão e emoção religiosa*. Sociologia do Protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

ROCHA, Nádia Maria Dourado. *Cachoeira e Cachoeiranos: uma bibliografia*. São Francisco do Paraguaçu: Centro Cultural João Antônio de Santana. Cachoeira, 2001.

SANTOS JÚNIOR, José Nunes dos Santos. Pastora e Mulher – “*Ele me entregou o cajado*”: *Processos de Ensino–aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal*. Dissertação de mestrado. UNEB, Salvador-Ba: 2013.

SANTOS, Adriana Martins dos. *A Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas 1980-2002*. Dissertação de mestrado. Salvador-Ba, 2009.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O Poder dos Candomblés: Perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador, Edufba, 2009.

SANTOS, Elder Cerqueira. KOLLER, Sílvia Helena & PEREIRA, Maria Teresa Lisboa Nobre. *Religião, Saúde e Cura: Um estudo entre neopentecostais*. Psicologia, Ciência e Saúde, 2004.

SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no Sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Célia Santana. *Identidade Feminina no Contexto Pentecostal da Assembleia de Deus*. Dissertação de Mestrado. Recife-PE, 2001.

SILVA, Elizete da & ALMEIDA, Bianca Daeb's Seixas. *Mulheres Protestantes: Uma Trajetória nem sempre submissa*. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon de Araújo. ALMEIDA, Vasni. (orgs). *Fiel é a Palavra: Leituras Históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SILVA, Elizete da. *Configurações históricas do campo religioso brasileiro*. In: DIAS, André Luís Mattedi; COELHO NETO, Eurelino Teixeira; LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. (orgs.) *História, Cultura e Poder*. Feira de Santana: UEFS. Salvador: EDUFBA, 2010.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo: Visões do progresso e do trabalho no Brasil*. Revista Humanas, Feira de Santana UEFS. ano 01, p. 29-63, Jan/Jun, 2002.

SILVA, Elizete da. *Religião, Identidade Brasileira e Globalização*. (Artigo), BRASA. Washington, 1997.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. São Paulo: USP, Tese de doutorado, 1998.

SILVA, Elizete. *O Campo religioso feirense: algumas considerações*. Feira de Santana: UEFS, 2007.

SILVA, Igor José Trabuco da. *“Meu reino não é deste mundo”*: A Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 2009.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: USP, 2007.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. *Nagô: A nação de ancestrais itinerantes*. Salvador, FIB, 2005.

SOUZA, Sandra Duarte de e LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a Igreja: relação de Gênero e Religião no contexto familiar*. São Paulo. Fonte Editorial, 2009.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Gênero e Religião: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SOUZA, Sandra Duarte. *Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade*. Revista Horizonte: Belo Horizonte, v.5, n. 9, p.21-29, dez. 2006.

SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. *Cura e Terapia: Experiência Religiosa de Mulheres Pentecostais*. Salvador: EDUNEB, 2012.

SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. *Em Diálogo com Deus: A Construção de “Self” entre mulheres pentecostais*. Tese de doutorado. Salvador, UFBA, 2007.

SOUZA, Wiltércia Silva de. *O Sequestro das Santas: a Irmandade da Boa Morte e a Igreja Católica em Cachoeira*. Dissertação de Mestrado: Santo Antônio- BA, 2007.

TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Renata. (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. *Práticas Culturais tradicionais e conversão religiosa entre assembleianos em Goiânia*. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETI, Sergio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de Araújo. (orgs.) *Missa, Culto e Tambor: Os espaços da religião no Brasil*. São Luís: EDUFMA, 2012.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

WILLIAM, James. *As Variedades da Experiência Religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1995.

